

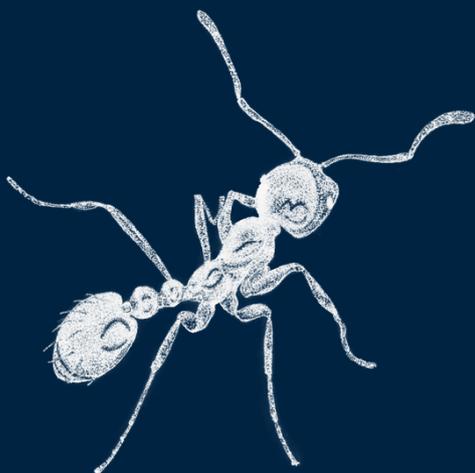
EDICC
11



CADERNO DE RESUMOS

decolonizar
para viver

cultura e ciência em perspectiva



EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 1: Resistências e mudanças climáticas

Debatedor: Marcos Barbai

Autores:

Vy Motta Ferreira

Wallace Franco da Silva Fauth

Nathalia Sena Sassone Perrone

Emanuely Miranda Nogueira Rangel

Jayne Oliveira Mayrink



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Outros fins que não a morte: subjetividades como potência trans*

Vy Motta Ferreira¹

Profa. Dra. Glaucia Marcondes²

Este é um estudo exploratório que ousa tentar dar luz a existências reais para refletir e construir sobre possibilidades futuras. As velhices trans* como se tem visto durante os movimentos iniciais desta pesquisa, intitulada “Outros fins que não a morte: O existir para pessoas trans* e travestis durante a velhice”, tem sido apagadas ou negligenciadas nos diversos campos de estudos em que poderia estar sendo debatida, seja nas áreas da saúde, como psicologia e gerontologia, na antropologia, demografia, sociologia e, não é ir longe dizer que, também nos campos da arte.

A exemplo das lacunas encontradas em uma das obras importantes sobre os estudos de velhice com a qual tento entrar em diálogo foi “A Reinvenção da Velhice” (DEBERT, 2020) de Guita Grin Debert, em que normalmente as concepções de gênero se limitam às compreensões cisgêneras de homem e mulher quando se vai pensar os novos lugares sociais que este grupo etário passa a ocupar na sociedade em décadas mais recentes. Forma de lidar com os corpos trans que se encontra com outro conceito, central para a pesquisa, de Viviane Vergueiro: Cistema.

A ideia de Cistema trazida por Viviane Vergueiro (VERGUEIRO, 2016), teórica e ativista transfeminista, nos remete a conceitualização e a noção de que a cisgeneridade ao ser colocada como identidade modelo e natural, cria uma dicotomia grosseira entre as identidades trans*- cis. Nesse jogo de oposições as identidades trans acabam por serem consideradas como “não naturais e desviantes”. Dessa maneira, tais identidades por fugirem do modelo hegemônico se tornam marginalizadas, já que estão sob uma lógica colonial - ou como bem traz a autora em seu texto, dentro de um modelo “ciscolonial de sociedade”.

Precisamos mobilizar a concretude dos existires tendo sempre em mente que nos processos colonizadores a desumanização e a castração das subjetividades também foram instrumentos de conquista e, se vivemos em uma sociedade que segue um modelo ciscolonial (VERGUEIRO, 2026), é preciso que movimentos que pensem, resgatem e reforcem a subjetividade de corpos colocados como “não naturais” sejam alimentados, sejam sonhados e desenhados.

É neste contexto que encaro a potencialidade das tirinhas de Laerte para se discutir os outros fins e os futuros possíveis para pessoas trans* durante a velhice e as que estão com maiores chances para vivenciar seu envelhecer. Enaltecendo cada elemento que encontramos em suas produções, por ser uma pessoa trans velha e por

¹ Graduada em Ciências Sociais e Antropologia. Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”/UNICAMP. E-mail: eufmotta@gmail.com.

² Profa. Dra. do Departamento de Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”/UNICAMP. E-mail: @gal74@unicamp.br



olharmos para aquelas tirinhas que dizem respeito aos medos, descobertas, anseios, críticas e desejos em contexto de existências trans* junto às mensagens que plantam algo em nós, elas se tornam instrumentos de poder para também enaltecer a subjetividade desses corpos e para serem usados contra a mentalidade transfóbica herdada da colonização.

Até o momento, no que diz respeito às produções audiovisuais de Laerte como suas tirinhas publicadas em livros (COUTINHO, 2021) mas principalmente publicadas em suas redes na internet, foram encontradas algumas obras que podem ser analisadas dentro de uma abordagem subjetiva de uma pessoa transvelha a respeito de seus medos, processos e anseios.

Durante a primeira etapa, pretendeu-se tanto no levantamento dos trabalhos quanto em suas análises e discussões criar um escopo inicial teórico, que fosse suficiente para se começar a compreender o que se tem disponível sobre tais velhices dentro da literatura e o que se esperar do que vem sendo produzido. No que diz respeito à segunda etapa, iniciada mais recentemente, tem sido feita a busca e leitura dos materiais de tirinhas que Laerte produziu em sua carreira nos últimos 25 anos, tanto em livros quanto nos materiais postados em suas redes na internet.

Durante a elaboração desta segunda etapa percebeu-se pelas obras da autora reflexões que emergem conexões de infância e descoberta com as questões da velhice, fazendo com que pensar sobre o tema desta pesquisa também seja indissociável não pensar sobre infâncias e adolescências que fogem a norma cis/hetéro. Pode-se por assim dizer, especulando, que uma etapa e estudo futuro fosse o estudo das seguridades sociais que conectam as infâncias e as velhices ou, como o olhar do Estado diante destas crianças pode ressoar durante o percurso de vida delas até a velhice, no que diz respeito às questões de saúdes mental e integridade física, reforçamento de cidadania e de acessos.

Pensar então as velhices trans seria parte de uma reflexão não lacrada e desconexa de pensar na vida da população em suas nuances: com todas suas complexidades a discussão até aqui nos mostra a necessidade de dar atenção a todo o percurso da vida de pessoas trans, desconstruindo as colonialidades enraizadas e reforçando os espaços para as subjetividades. É um convite à pensar políticas, acessos e seguridades desde a infância até a idade mais tenra, em que o aprofundamento desses aspectos, auxiliado pela análise das fontes, se espera alcançar nos encaminhamentos em curso da pesquisa.

Palavras-chave: Velhice trans; trangeneridade; Laerte.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.
- COUTINHO, Laerte. **Manual do Minotauro** - 1º ed. - São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.
- DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento** - 1º ed., 3º reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.
- NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo** - 1º ed. - São Paulo: Jandaíra, 2021.



VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978-85-232-1866-9. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>>



PROJETO DE PESQUISA

Autocompostagem: leitura e escrita no Chthuluceno

Wallace Franco da Silva Fauth¹

O presente trabalho busca expandir a noção de compostagem trazida por Donna Haraway e conceituar o termo autocompostagem como método de atenção voltado, no caso deste trabalho, para os processos de leitura e de escrita. O objetivo é trazer uma noção que nos leve a abrir o campo de percepção dos signos por meio da leitura/escrita para pensar como essa percepção pode levar a uma ação de perceber-fazer floresta, como propõe Susana Dias, que nos torne dignos de nosso papel como seres vivos. Esta pesquisa propõe-se a mapear a ação leitura/escrita, suas potências e ligações com as ciências e com as artes, em busca de como realizar essa autocompostagem para produzir o adubo que proporcione força vital suficiente para um enfrentamento potente dos fatores contrários à vida no Antropoceno. Propõe-se, portanto, a apresentar uma ferramenta possível e urgente nesse processo de decolonização. Para isso, a pesquisa se apoia nos conceitos de Haraway sobre fabulação especulativa, compostagens e humusidades, dentro de uma ética do amor, como sugere bell hooks, e trabalha com as ideias de *escreitura* e *escrevivência*, trazidas por Sandra Corazza e Conceição Evaristo, respectivamente. Com uma metodologia cartográfica pragmática-compostista, a pesquisa busca compreender e olhar para os limites sob os quais estamos submetidos e sob os quais nós mesmos nos submetemos quando criamos nossos próprios muros. O trabalho nos convoca a pensar com a teoria da bolsa de ficção, de Úrsula K. Le Guin, segundo a qual o herói é o recipiente, o saco onde seres-mundos-coisas são coletadas e postas para conviver, ou seja, trata-se de uma nova forma de contar histórias, não centradas no herói com suas longas coisas duras e pontiagudas para furar e bater, mas centradas sobre “a coisa em que se põem coisas dentro”. Trata-se de contar uma história não sob o ponto de vista dos heróis que descobriram forças ou inventaram instrumentos, mas de contar a história desse emaranhado que proporcionou a descoberta e a invenção, a história desse composto que permitiu a germinação e o florescimento das ciências e das artes. Uma história, portanto, de compostagem nesse saco a que chamamos viver. Uma história que leva ao pensar, indo ao encontro da ideia defendida por Haraway: de que “é imprescindível pensar”, se queremos transformações que possam gerar um florescimento multiespécie. Não apenas histórias para “ninar os da casa-grande”, como nos diz Conceição Evaristo, mas “para incomodá-los em seus sonos injustos” Trata-se de uma nova forma de contar histórias que ajudem também a treinar a imaginação para sair a passeio. Histórias que engajem e deixem para os leitores algo novo, alguma coisa que não estava ali antes. É esse tipo de história que Haraway vai denominar “fabulação especulativa”. Para esse novo jeito de contar histórias, são necessárias coletas em sacos para futuras compostagens. São escolhas cuidadosas em

¹ Mestrando em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas.
E-mail: fauthwallace@gmail.com.



um fluir que é válido se estiver, nessa metodologia que ora estabelecemos, dentro de uma ética amorosa, como vai nos trazer bell hooks, em seu livro “Tudo sobre o amor”: “Abraçar uma ética amorosa significa utilizar todas as dimensões do amor – ‘cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento’ – em nosso cotidiano”. Compostar é um coincidir-se com o ambiente inteiro, por intermédio da escrita, da leitura, da pintura, da música, da dança, sempre honrando a diversidade sob essa ética do amor. Toda nossa produção, assim, torna-se húmus e dá fertilidade à terra. Trata-se de um cultivo para o florescimento. Florescer não somente no sentido clichê de dar vida a “flores”, mas de fazer nascer vida, “florestar”. Essas práticas de atenção e cuidado são as principais aliadas desse “perceber-fazer floresta” que Susana Dias faz presente com suas mesas de trabalho. Pensando também com Tim Ingold sobre linhas, emaranhados e correspondências, a pesquisa segue num jogo de barbante – cama-de-gato – que não tem um fim nem uma resposta, mas aponta caminhos de minhoca em mundificações que preparam o terreno para o florescimento multiespécie em um mundo degradado.

Palavras-chave: Autocompostagem; Leitura; Escrita; Fabulação Especulativa; Chthuluceno.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra et al. Escriteiras: um modo de ler-escrever em meio à vida. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 4, p. 1029–1043, out. 2014.

DIAS, Susana. **Perceber-fazer floresta**: da aventura de entrar em comunicação com um mundo todo vivo. Revista Climacom, ano 07, n. 17, "Florestas", 2020. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/susana-dias-florestas/>>. Acesso em: 2 jul. 2024.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

_____. **Quando as espécies se encontram**. Tradução: Juliana Fausto. 1ª ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

_____. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>> . Acesso em: 3 jul. 2024.



hooks, bell. **Tudo sobre o Amor: Novas Perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

INGOLD, Tim. **Correspondences**. Medford, MA: Polity Press, 2021.

_____. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição** (1. ed.). Tradução: Fábio Creder. Petrópolis, RJ, Brasil: Vozes, 2015.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos** (3. ed.). Tradução: Jorge Caetano da Silva; Pablo Rubén Mariconda. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2018. (Coleção Textos Básicos da Filosofia).

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Viabilidades na incorporação da Cienciarte e Educação: Oficinas Dialógicas Musicais em um Pré-Vestibular na Zona Oeste do Rio de Janeiro

Nathalia Sena Sassone Perrone¹
Adrielle Macêdo Fernandes da Silva²
Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello³

A promoção de saúde, comumente, é definida de forma ampla, uma vez que refere-se a formas que “não se dirigem a uma determinada doença ou desordem, mas servem para aumentar a saúde e o bem estar gerais” (FERREIRA, 1986). Desta forma, a palavra “promover” é vista como impulso, fomento, geradora, originária (FERREIRA, 1986). O modelo biomédico foi internalizado como a única forma de se obter saúde e equilíbrio entre corpo e mente, durante muito tempo. Porém, vem ganhando cada vez mais espaço, uma visão de saúde transdisciplinar, em que propõe-se uma conexão entre os diversos campos que permeiam a humanidade. Com esse cenário, faz-se necessário pensar não somente em termos de aspectos físicos que afetam os indivíduos, mas também perceber e agregar outros aspectos sociais, culturais e psicológicos.

Para isso, elementos artísticos, em especial, a música, têm feito parte do rol de possibilidades terapêuticas complementares rumo a uma melhor qualidade de vida. Desse modo, fez-se necessário analisar um contexto de passado recente vivido para que pensemos acerca do campo da promoção de saúde, o contexto da Pandemia Covid-19. Com início em dezembro de 2019, o mundo viveu alarmado pela pandemia de Coronavírus, iniciada em Wuhan, na China. “Estávamos na presença de um vírus novo com alta contagiosidade e que levava cerca de 15% dos acometidos à internação, inclusive UTI. Não havia leitos disponíveis para isso. (...) Tratava-se de uma epidemia única na história da humanidade” (UJVARI, 2020, p. 302).

A presente pesquisa caracterizou-se como qualitativa e trabalha a partir do universo de significados, aspirações, crenças, motivos, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidas à operacionalização de variáveis. Contraponto da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, por sua subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, p. 14). Entretanto, é necessário pensarmos e buscarmos entender de que forma o envolvimento emocional

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Bolsista PIBIC/IOC/FIOCRUZ-RJ; nathalia.perrone10@gmail.com

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/FIOCRUZ-RJ; adrielle.mfernandes1@gmail.com

³ Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP)/FioCruz-RJ; mlbmello@gmail.com



do pesquisador pode ser benéfico para a pesquisa, ainda mais por se tratar de um contexto histórico vivido pelo mesmo. A construção das bases metodológicas são influências dos debates ocorridos nas reuniões e atividades do Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Saúde (NEACS), no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB), do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) - FIOCRUZ/RJ. Tal núcleo é composto por um grupo diverso, com participantes em vários níveis de formação, incluindo alunos do Programa de Vocação Científica (PROVOC/EPSJV), Iniciação Científica (PIBIC), Mestrado Acadêmico, Doutorado Acadêmico e especializações (*lato sensu*).

Ademais, ressalta-se que a presente pesquisa teve como referência metodológica duas abordagens: Ciência e Arte, utilizando como referencial teórico o casal Root-Bernstein e Araújo-Jorge e a *Arts-Based Research*, baseando-se, principalmente nas obras “*Handbook of Arts-Based Research*” e “*Method meets Art-Arts Based Research Practice*”, de Patricia Leavy. Seguindo essas linhas, partiu-se de diferentes pontos, buscando a integração entre os aspectos artísticos e científicos.

Partindo desta perspectiva, para o estudo, a arte foi trabalhada a partir de expressões artísticas com ênfase na música, em que foram explorados materiais musicais, tendo como base a Música Popular Brasileira (MPB). Com isso, esperou-se, por meio de oficinas musicais dialógicas, investigar se (e como) a MPB impacta e influencia os participantes acerca de suas vivências, focando, principalmente, na promoção de saúde e bem estar dos próprios após suas vivências e experiências no contexto vivido de pandemia por Covid-19.

A Oficina Dialógica Musical foi realizada com trinta e três alunos do Pré Vestibular Comunitário *Ser Cidadão*, em Santa Cruz-RJ. Durante a primeira atividade da oficina presencial, notou-se que os participantes estavam desconfiados pela mediação não ser de alguém da própria instituição, ou seja, alguém que ainda não conheciam muito bem, até mesmo incomodados com a ideia de partilhar seus sentimentos com o restante da turma. Vale ressaltar que a turma tinha sido formada há pouco menos de dois meses. Entretanto, ao decorrer da mesma, foram se permitindo participar efetivamente. Percebe-se que, as palavras com maior evidência nas nuvens de palavras são as que foram utilizadas e abordadas com maior recorrência. No passado; temos as palavras *Infância, Bullying e Traumas*, neste momento, muitos alunos pediram a palavra para contar sobre suas infâncias vividas, seus traumas e problemas enfrentados em seus passados. O acontecimento foi positivo pois retirou dos demais certo bloqueio com a dinâmica; o fato possibilitou, inclusive, aos próprios coordenadores do Pré Vestibular conhecerem e entenderem melhor a história dos alunos. No Presente; *Recomeço, Ansiedade e Determinação*. Ao indagar acerca da presença em grande expressão das palavras, foi respondida por uma participante que, todos ali estão vivendo um mesmo contexto social, o de preparação para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, que, por isso, as três palavras eram o cotidiano de todos.

Em relação ao futuro, *Sucesso e Realização* aparecem em maior quantidade, seguidas de *Tranquilidade e Estabilidade*. Um grupo de participantes argumentou que todos almejam sucesso e tranquilidade por estarem inseridos em um contexto social diferente. Espera-se, segundo o grupo, que o morador da Zona Oeste do Rio de Janeiro trabalhe através de um curso profissionalizante, ganhando um salário mínimo,



passando sempre por dificuldades. Ou, ainda segundo eles, esteja envolvido com roubo, furto ou tráfico de drogas. Os participantes argumentaram, então, que desejam ir contra o senso comum preconceituoso disseminado.

Para finalizar a atividade, foi pedido que registrassem palavras sobre o contexto de Pandemia por Covid-19. Ressalta-se *Depressão, Solidão, Luto e Perdas*. Este momento da oficina foi de bastante emoção onde diversos alunos relataram suas experiências, sensações e sentimentos vividos durante a pandemia. Acrescento que uma participante evidenciou aos demais a perda de sua mãe e o quanto o momento sem a mesma foi e é difícil.

No segundo encontro, foi pedido que os alunos pensassem no contexto de pandemia e, ao invés de utilizarem palavras para expressar o momento, deveriam usar músicas. Na última atividade, foram formados cinco grupos para que construíssem paródias com alguma temática debatida na oficina.

A partir das etapas envolvidas na pesquisa, tanto nos formatos remotos e/ou presenciais, no que consiste aos aspectos teóricos e práticos, foi possível observar que a união entre a História, a abordagem Cienciarte e a Pesquisa baseada em Artes conseguiram ser formas interessantes de educar, ensinar, promover saúde, dentre tantas outras possibilidades. Sobre as oficinas, é importante evidenciar os temas debatidos durante as mesmas, a partir das palavras e músicas escolhidas pelos participantes. Foi importante ouvir o que tinham para falar, além de debater sobre temas sociais, que, segundo eles, foram acentuados durante e após a pandemia, cada um dentro de seu contexto social, seja pelo contexto de pré-vestibular, ou de qualificação acadêmica. É considerável notar que para ambos os grupos, dentro da temporalidade, o futuro foi o mais discutido. Além disso, foi de grande proveito a construção e realização da oficina de forma presencial, prezando interações e contatos presenciais.

Palavras-chave: Ensino; Pesquisa Baseada em Artes; Promoção de Saúde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO- JORGE, T, C de. et ALL. **Cienciarte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial.**

FERREIRA, R, F. **Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos.**

LEAVY, P. **Method Meets Art, Second Edition: Arts- Based Research Practice.** 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

UJVARI, Stefan Cunha. **História das epidemias.** Editora Contexto, 2020.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Escrever (com) os pássaros: artes, ciências e divulgações em tempos de catástrofes

Emanuely Miranda Nogueira Rangel [UNICAMP]¹
Larissa de Souza Bellini [UNICAMP]²
Dra. Susana Oliveira Dias (orientadora) [UNICAMP]³

O que há de ser está em disputa. Vivenciamos consecutivos fins de mundo e profundas fragilidades nos relacionamentos entre humanos e mais-que-humanos. Insistimos em um desvencilhamento cósmico e, como diz Haraway (2023), nos ausentamos perante a catástrofe. Por isso, interessa perguntar: como estar presente e conectado com o que importa com a intenção de criar possibilidades de futuro que sejam possíveis e *vivíveis*? Para responder essa pergunta, investimos nas mesas de trabalho desenvolvidas no âmbito da revista *ClimaCom* e do grupo *MultiTão*. Dias e Remédios (2022) as definem como manifestações artísticas e metodologias de pesquisa que, para nós, muito importam. Em uma superfície, coloca-se uma diversidade de materiais coletados e recriados a fim de que tentarmos novas relações entre palavras, sons, imagens, plantas, pedras, galhos, tecidos, rios, conchas, animais, entre outros. Dessa forma, busca-se a aproximação entre artes, ciências e divulgação. Para Dias e Remédios (2022), as mesas de trabalho exercitam a percepção a cada gesto, à atenção, à presença. No ano de 2024, realizamos duas mesas de trabalho com foco em estar junto com os pássaros. A primeira delas foi realizada no dia 8 de março de 2024 com estudantes recém-ingressantes na pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-Unicamp. A segunda delas, por sua vez, ocorreu no dia 26 de maio de 2024, com pesquisadores e pesquisadoras da Rede Latinoamericana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas durante a Residência Artística Perceber-Fazer Floresta II. Ao todo, quatro atividades foram propostas nas mesas de trabalho: escutar o canto dos pássaros, fazer ninhos, manifestar uma performance e escrever com os pássaros. Destacamos aqui a última delas, que teve como resultado a escrita do livro *Pombo-Correio: Cartas para um Futuro Ancestral*, cujo nome e proposta dialogam com a filosofia do escritor indígena Ailton Krenak (2022).

¹ Mestra em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). E-mail: emanuelymiranda.em@gmail.com

² Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista Pibic sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). E-mail: larissa.sbellini@gmail.com

³ Artista e bióloga, pesquisadora PqA do Labjor-Unicamp, editora da *ClimaCom* e coordenadora da Rede Latino-Americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas. E-mail: susana@unicamp.br



Inspiradas nos estudos de Haraway (2023), que dedica um capítulo de seu livro *Seguir com o Problema* especialmente aos pombos, pensamos na espécie como colegas de investigação científica e colaboradores artísticos nas escritas. Vale lembrar que os pombos estão entre os pássaros que se tornaram mal queridos e matáveis e, portanto, nos interessava recuperar a vitalidade no e do encontro com eles. Pensando nisso, a ideia de cultivo do livro *Pombo-Correio: Cartas para um Futuro Ancestral* consistia em molhar uma caneta de pena no tinteiro e, em seguida, escrever na superfície de um caderno feito com papel pardo. Para além dos pombos, as escritas deveriam imaginar possibilidades vindouras na relação com outras espécies de pássaros. Com inspiração na metodologia das espécies companheiras, também concebida por Haraway (2021), experimentava-se escritas descentralizadas do humano que ativaram o devir com uma infinidade de seres (nesse caso, os pássaros), cocriando com eles e ativando a força das palavras que levamos nos bicos e na pontas dos dedos. Ou seja, experimentava-se escritas com os pássaros e escritas-pássaros que, com suas potencialidades e até mesmo limitações, afirmavam a vida, aqui e agora, bem como ali e depois. Com elas, buscamos defender múltiplas formas de existir, voos altos e ninhos acolhedores. Além das palavras, surgiram desenhos, colagens, manchas e expressões de cantos dos pássaros na forma de partituras que se relacionavam e se afetavam com as demais atividades da mesa de trabalho. Percebemos então que escrever era também uma forma de cantar e fazer ninho. Percebemos ainda que, ao escrevermos com a pena, cultivamos uma escrita desacelerada cujo funcionamento se dava em outra dimensão de tempo e fazia frente à celeridade das catástrofes. Perante os movimentos que o livro *Pombo-Correio: Cartas para um Futuro Ancestral* ativou, este trabalho objetiva divulgar os resultados e as fabulações do mesmo, pois acredita em suas contribuições cósmicas para as ciências, as artes e as divulgações.

Palavras-chave: Artes, Ciência, Divulgação, Pássaros

REFERÊNCIAS

DIAS, Susana O.; BRITO, Maria dos Remédios. A Arte Pública diante do Antropoceno: Experimentações em “mesas de trabalho”. Em: Furegatti, Sylvia; Sequeira, Alexandre; Bassani, Tiago (ED.). **Arte Pública no Brasil: Convergências e Dissensos**. Campinas: Unicamp, 2022.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: N-1 edições, 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Tecnologias e desafios para pensar os eventos de deslizamentos de terra no Brasil frente ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11 da ONU

Jayne Oliveira Mayrink¹

Este trabalho teve início a partir da disciplina de Ciência, Tecnologia e Sociedade do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas no meu primeiro semestre do mestrado em Divulgação Científica e Cultural do LABJOR. A finalidade da pesquisa foi de abordar as tecnologias envolvidas na prevenção e monitoramento dos eventos de deslizamento de terra no Brasil a partir do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número onze da ONU. O ODS onze adiciona à agenda 2030 o compromisso dos países envolvidos em tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Dentro do ODS onze, as metas escolhidas para mediar a pesquisa foram: meta 11.3, 11.5 e 11.b. Estas metas propõem até 2030 questões como aumentar a urbanização sustentável; reduzir número de mortes por catástrofes; implementar políticas e planos voltados para a resiliência de cidades frente aos desastres e às mudanças climáticas etc. Para analisar os deslizamentos de terra no Brasil busquei contextualizar os eventos através de dados, causas, tecnologias e desafios. Os dados trabalhados foram consultados na pesquisa de Macedo e Sandre (2022) que revelam os números de mortes por deslizamento de terra no Brasil ao longo dos anos de 1988 a 2022. Com um total de 4146 e uma média anual de 118 mortes, os estados mais afetados estão no sudeste, entretanto, os autores apontam que a baixa cobertura midiática desses casos nas regiões norte e nordeste, podem ter afetado os dados coletados na pesquisa que teve como fonte principal os veículos jornalísticos do país. As causas dos deslizamentos de terra frequentemente são analisadas por fatores naturais e antrópicos. Nessa parte da pesquisa, abordei as dinâmicas do solo, relevo e clima; e da urbanização, gentrificação e migração a fim de evidenciar como esses fenômenos podem se relacionar aos eventos de desastres. O caso mais recente abordado na pesquisa é de São Sebastião, no litoral norte paulista. Nesse caso, o grupo mais afetado foram os moradores da Vila Sahy. Essa é uma ocupação de encosta que se iniciou no ano de 1990 por migrantes do estado da Bahia. Segundo o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe, até 2050 é estimado que na América Latina terá 17 milhões de migrantes climáticos. Esse é um dado recente, no entanto, as ocupações irregulares nas grandes cidades brasileiras por processos de migração é historicamente muito

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jaymayrink@gmail.com



antiga (Matos, 2012). Essa é uma preocupação urgente com o agravamento das mudanças climáticas e que nos leva a repensar as políticas excludentes de urbanização no Brasil que mais afetam os grupos pobres das periferias (Maricato, 2000). Em seguida, abordei as tecnologias e os centros de pesquisa envolvidos na prevenção e monitoramento dos deslizamentos. Segundo Lima (2022) o monitoramento de deslizamentos de terra ocorre a partir de ações que se dão sobre a produção de mapas de suscetibilidade do terreno previamente avaliado; o uso de sensoriamento remoto com imagens de radar e satélites; e outras aplicações técnicas como o uso da tecnologia de Redes de Sensores sem Fio (RSSFs). No Brasil, possuímos diversos órgãos públicos que desenvolvem pesquisas aplicadas à riscos de desastres. Dentre eles foram abordados nesse trabalho o Serviço Geológico do Brasil, INMET, INPE, MapBiomas, CEMADEN e IBGE. Ao longo da pesquisa se torna evidente que a maioria dessas instituições existem a muitos anos, portanto sendo bastante consolidadas. No desenvolvimento deste trabalho o principal resultado se deu na percepção da complexidade em torno dos desastres de deslizamentos de terra no Brasil, indicando a necessidade de analisar esses eventos através de uma forte articulação entre os diferentes centros de pesquisa na qual cada um trará importantes estudos sobre as causas tanto naturais quanto antrópicas envolvidas nos deslizamentos de terra no país. Além disso, com base no último acontecimento que deixou 65 mortes na cidade de São Sebastião em 2023, notamos que o objetivo onze dos ODS da agenda 2030, que propôs mobilizações para a construção de cidades sustentáveis, chega ao ano de 2024 com ainda cidades brasileiras em riscos de suscetibilidade aos desastres naturais, com aumento de mortes que entram para as estatísticas de eventos de catástrofe socioambiental. O trabalho conclui que as tecnologias – cada vez mais inovadoras – aplicadas aos deslizamentos são, de fato, importantes. Entretanto, elas por si só não impedem que aumentem o número de vítimas atingidas por estas catástrofes. Dessa forma, analisar as questões em torno dos deslizamentos de terra, é pensar puramente nos planejamentos e gestões territoriais, mas questionando: por quem e para quem? Revendo constantemente o direito à cidade, uma ideia-conceito tão bem exposta e discutida por Henri Lefebvre em sua obra de 1968, que ecoa até hoje pelos pesquisadores do espaço urbano.

Palavras-chave: Deslizamento de Terra; Ciência e Tecnologia; Planejamento Urbano.

REFERÊNCIAS

CAF - Banco de Desenvolvimento da América Latina. As mudanças climáticas agravam a crise migratória na América Latina e no Caribe. Disponível em: <https://www.caf.com/pt/presente/noticias/2023/12/as-mudan%C3%A7as-climaticas-a-gravam-a-crise-migratoria-na-america-latina-e-no-caribe/#:~:text=S%C3%B3%20em%202021%2C%20foram%20registados,17%20milh%C3%B5es%20de%20migrantes%20clim%C3%A1ticos>. Acesso em: 16 jun. 2024.

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jaymayrink@gmail.com



Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais. Apresentação. Disponível em:

<https://www.gov.br/cemaden/pt-br/aceso-a-informacao/institucional-1/apresentacao>.

Acesso em: 15 de Junho de 2024.

Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. História do INPE. Disponível em:

<https://www.gov.br/inpe/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia>. Acesso em:

15 de Junho de 2024.

Instituto Nacional de Meteorologia. Sobre o INMET. Disponível em:

<https://portal.inmet.gov.br/sobre>. Acesso em: 15 de Junho de 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O IBGE. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/aceso-informacao/institucional/o-ibge.html#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,governamentais%20federal%2C%20estadu>

[al%20e%20municipal..](https://www.ibge.gov.br/aceso-informacao/institucional/o-ibge.html#:~:text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,governamentais%20federal%2C%20estadual%20e%20municipal..). Acesso em: 15 de Junho de 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. França, 1998.

LIMA, Karlson Tellicio Bezerra de. **Simulação de redes de sensores sem fio para o monitoramento de deslizamentos de terra**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MACEDO, Eduardo Soares de; SANDRE, Lucas Henrique. Mortes por deslizamentos no Brasil: 1988 a 2022. **Revista Brasileira de Geologia de Engenharia e Ambiental**, v.12, n.1, p.110-117, 2022.

MapBiomias Brasil. O Projeto. Disponível em:

<https://brasil.mapbiomas.org/o-projeto/>. Acesso em: 15 de Junho de 2024.

MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. *Revista Geografias*, 8(1), 7–23, 2022.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**, 2000.

METRÓPOLES. São Sebastião: 1 ano após a tragédia das chuvas. São Paulo, 2024.

Disponível em:

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/sao-sebastiao-1-ano-tragedia-chuvas>. Acesso

em: 15 jun. 2024.

Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral. Sobre o SGB.

Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/sobre>. Acesso em: 15 de Junho de 2024.

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jaymayrink@gmail.com

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 2: Podcasts

Debatadora: Simone Pallone

Autores:

Mateus Cardoso de Almeida

Clarissa Reche Nunes da Costa

Irene do Planalto Chemin

Fernanda Mariath Amorim Wester

Camila Rodrigues de Lima Anselmo

Priscilla Martins Radighieri



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Podcast Urbanidades: um relato das (sobre)vivências urbanas

Mateus Cardoso de Almeida¹
Ana Yuki Kurimoto Trigilio²

O podcast Urbanidades é um projeto de cultura e extensão criado em 2019 por meio do Programa Unificado de Bolsas da Universidade de São Paulo (USP), e orientado pela Profa Dra. Bianca Freire-Medeiros (DS/FFLCH/USP). O Urbanidades conta atualmente com mais de 100 episódios publicados e acumula 10.000 ouvintes e 50.000 plays no Spotify. Em 2023, o projeto foi agraciado com Menção Honrosa no prêmio ANPOCS de divulgação científica.

Com a expansão do cenário brasileiro de podcasts a partir de 2004 (FREIRE, 2017), diversos grupos de pesquisa adotaram o formato da nova mídia como maneira de divulgar suas atividades (FREIRE-MEDEIROS et al., 2023). O Urbanidades insere-se nesse contexto, posto que foi concebido como uma vertente de extensão do projeto UrbanData-Brasil/CEM: banco de dados bibliográficos sobre o Brasil urbano. Criado por Licia Valladares no início dos anos 1990 com o propósito de monitorar, coletar, classificar e difundir trabalhos voltados às cidades brasileiras, o UrbanData-Brasil tornou-se uma referência na divulgação e meta-análise dos estudos urbanos (Cf. VALLADARES; SANT'ANNA; CAILLAUX, 1991; VALLADARES; SANT'ANNA, 1992).

A realização do Urbanidades é feita por uma equipe de bolsistas de graduação e pessoas colaboradoras do UrbanData-Brasil, que se engajam nas etapas de pré-produção, produção, pós-produção e divulgação. O processo de pré-produção ocorre com a identificação de pesquisas recentes (livros, artigos, teses etc.) e o agendamento com as pessoas autoras, em sua maioria pesquisadores(as) das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

O período de produção consiste na preparação da pauta e gravação do episódio em si, durando uma média de 60 a 90 minutos. Na pós-produção dedica-se um tempo significativo à edição do episódio, fornecendo ritmo e garantindo coesão ao discurso do entrevistado. Por fim, na divulgação são desenvolvidas as capas e artes dos episódios para as redes sociais. O principal veículo de divulgação do Urbanidades é a página no Instagram (<https://www.instagram.com/urbanidadespodcast/>).

A partir da expertise acumulada, o Urbanidades realizou algumas séries especiais. Dentre as principais séries desenvolvidas, destaca-se a série especial “Sobre.vivências”. Em parceria com o Departamento de Sociologia da UFRGS, Sobre.vivências possui o formato de storytelling, contando a história de Júlio, Gabriela e Henrique, três jovens racializados em momentos diferentes de suas trajetórias acadêmicas (URBANDATA-BRASIL, c2024).

¹ Graduando em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: mateuscardoso@usp.br

² Graduanda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: anayuki@usp.br



Ao explorar a trajetória do cursinho popular, início e término da graduação, a série especial enfocou nos diferentes aspectos da inserção de jovens periféricos em um ambiente acadêmico muitas vezes hostil e despreparado para recebê-los. Os cinco episódios da série tratam dos desafios do ingresso, permanência, pioneirismo e, sobretudo, solidão dos jovens nesse novo ambiente. A série encerra destacando como experiências tão comuns evocam solidão, assim sendo de grande importância a coletividade para que esse esforço não seja mera sobrevivência.

A partir da trajetória e histórico de pesquisas do UrbanData-Brasil relacionados às vivências de grupos e territórios socialmente marginalizados, criou-se também a série especial: “Museu Sankofa: Memória e História da Rocinha”, fruto de uma parceria entre o Museu Sankofa da Favela da Rocinha, o Laboratório de Estudos Socioambientais (PUCRio) e o UrbanData-Brasil. Realizada com o apoio da FAPERJ e da PUCRio, a série conta com cinco episódios que perpassam diversos assuntos relevantes ao contexto da Rocinha, bem como discussões sobre momentos históricos e eventos importantes para o local. A partir desses episódios buscou-se atuar na convergência da defesa da memória dos moradores da região, bem como reconhecer e valorizar esse patrimônio cultural, histórico, natural, material e imaterial. Nesse sentido, a série comprometia-se no fortalecimento da identidade coletiva, das histórias nativas, quilombolas, imigrantes e de refugiados moradores da região e entorno.

Em suma, a partir do exposto, buscamos demonstrar como essas duas séries especiais do podcast Urbanidades compõem o objetivo central do projeto: criar espaços de escuta e de verbalização tanto de trabalhos acadêmicos quanto de narrativas historicamente marginalizadas dentro do próprio ambiente acadêmico, demonstrando a possibilidade de diversos campos de pesquisa na sociologia. Recorrendo a novas tecnologias de informação e comunicação - como o podcast -, divulgamos e estendemos os conhecimentos produzidos para além dos muros da universidade. Assim sendo, o projeto aprimora os conhecimentos técnicos e teóricos de seus bolsistas, bem como de toda a comunidade acadêmica ouvinte, mas sem perder de vista o objetivo de comunicar, integrar e expandir o conhecimento sobre o urbano brasileiro em sua diversidade.

Palavras-chave: Divulgação científica; Podcast; Extensão universitária.

REFERÊNCIAS

FREIRE, E. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. Educação em Revista, v. 18, n. 2, p. 55–71, 2017.

FREIRE-MEDEIROS, B. et al. Estudos Urbanos em podcast: a experiência do projeto de cultura e extensão Urbanidades (UrbanData-Brasil/CEM/USP). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2023. p. 1-20.

URBANDATA-BRASIL. Podcasts. FFLCH/USP. c2024. Disponível em: <https://urbandatabrasil.ffe.ch.usp.br/podcasts>. Acesso em: 13 jun. de 2024.

VALLADARES, L.; SANT'ANNA, M.; CAILLAUX, A. 1001 teses sobre o Brasil urbano: catálogo bibliográfico (1940-1989). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991.



VALLADARES, L.; SANT'ANNA, M. O Rio de Janeiro em teses: catálogo bibliográfico (1960-1990). Rio de Janeiro: UERJ, 1992.



1º EBCC

ENCONTRO BRASILEIRO
DE CIÊNCIA CIDADÃ

Qual ciência cidadã queremos?

Categoria do trabalho: Comunicação Oral. **Eixo temático:** 2. Desenvolvimento, metodologias e aplicações de projetos de ciência cidadã. **Tipo de trabalho:** Relato de Experiência

PODCAST COMO ESTRATÉGIA PESQUISA EM CIÊNCIA CIDADÃ NA SÉRIE “DE LUA EM LUA”, UM PODCAST SOBRE ANTROPOLOGIA E MENSTRUÇÃO PRODUZIDO JUNTO COM PESQUISADORAS ADOLESCENTES.

Instituições voltadas aos direitos humanos têm abordado o tema da menstruação com ações para a chamada “dignidade menstrual”. Pensando nisso, propusemos a seguinte questão: como podem os saberes antropológicos colaborar com a dignidade menstrual, em especial junto a jovens? Esta foi uma pesquisa interdisciplinar, que teve como metodologia central a etnografia e métodos advindos da antropologia visual e também métodos praticados na área da educação, como a pesquisa-ação. Foram realizadas oficinas em uma escola estadual na cidade de Campinas, com a participação de estudantes dos oitavo e nono anos do ensino fundamental. Na equipe de pesquisa, contamos com estudantes universitárias de diferentes graduação e pós, além da participação de três bolsistas de iniciação científica do Ensino Médio. Em consonância com ideias da ciência cidadã, buscamos meios para horizontalizar a troca de saberes e valorizar a participação das adolescentes em todas as etapas da pesquisa. Uma das principais ferramentas encontradas para tal propósito foi a produção de um podcast, que tornou-se um eixo em torno do qual baseamos nosso trabalho, que envolveu o desenvolvimento de diários, realização de entrevistas, análise do material coletado, criação de roteiros e gravação, edição e divulgação do podcast. Em sete episódios, o podcast busca sumarizar os resultados da pesquisa, demonstrando a potência da antropologia em ampliar nossos conhecimentos sobre o que é e o que pode ser menstruar, e indicando caminhos para buscar dignidade nesse processo. Concluímos que a utilização do podcast como ferramenta foi fundamental para toda a pesquisa, não somente para a divulgação, e teve um papel central em organizar o trabalho junto com pesquisadoras adolescentes, uma vez que é um formato inserido na realidade daquelas. Desta forma, o podcast foi uma boa estratégia para praticar uma pesquisa coletiva, horizontal e que integrou diferentes níveis de experiência em produção científica.

Palavras-chave: podcast, metodologia de pesquisa, antropologia, menstruação, adolescência.



1º EBCC

ENCONTRO BRASILEIRO
DE CIÊNCIA CIDADÃ

Qual ciência cidadã queremos?

Aspectos éticos: a pesquisa “Menstruação e Antropologia: Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade” foi aprovada no comitê de ética CEP-CHS da Universidade Estadual de Campinas.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Acessos e usos da Internet por adolescentes: produzindo um *podcast* sobre Educação Digital

Irene do Planalto Chemin¹

Nos últimos anos, um conjunto robusto de evidências tem identificado os efeitos do acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a ampliação das oportunidades de socialização, fruição cultural e entretenimento entre crianças e adolescentes. A internet se tornou um meio de informação essencial na vida cotidiana dos jovens brasileiros, e a cultura digital proporciona informações, valores e outros modos de ler e perceber o conhecimento (Almeida; Valente, 2014; Bévort; Belloni, 2009; Cordeiro; Bonilla, 2015; Momesso et al, 2016).

A Internet, os dispositivos digitais e as TIC estão incorporados em diversos aspectos de nossas vidas, promovendo uma experiência corporificada e, conseqüentemente, altamente pessoal e cotidiana. Os corpos que usam a Internet estão situados socialmente, as formas de interação e agenciamento através das tecnologias são marcados por interseccionalidades, como classe econômica, raça, gênero, idade, escolaridade e localidade (Hine, 2020).

Ribeiro et al (2013) denunciam as grandes barreiras sociais em relação ao acesso à internet e a dispositivos digitais nas metrópoles brasileiras, assim como as enormes diferenças sociais quanto à capacidade de aproveitamento das oportunidades oferecidas pela Internet, posto que indivíduos com maior renda e escolaridade possuem maior probabilidade de fazerem uso mais avançado das TIC. Assim, a educação digital deve ser incorporada pela escola, enquanto um espaço de inclusão digital, garantindo infraestrutura e apresentando a importância do uso responsável, crítico e criativo das tecnologias (Neto; Da Silva, 2021; Haraway, 2009).

Em meio a tantas informações que nos atravessam online, os *podcasts* têm conquistado espaços e ouvidos. De acordo com Data Reportal (2023), o Brasil se tornou o principal consumidor de conteúdos em *podcast* no mundo, com uma presença de 42,9% de usuários com idades a partir dos 16 anos. A comunicação com jovens através do *podcast* faz todo o sentido, uma vez que, os ouvintes mais assíduos de *podcasts*, segundo o Ibope (2019), tem entre 16 e 24 anos: quase metade deles (47%) escuta programas de áudio ao menos uma vez por semana, e 27% ouvem três vezes ou mais.

A mídia *podcast* é uma tecnologia que apresenta a cultura digital, e também pode ser mobilizada metodologia de pesquisa colaborativa através das entrevistas, da edição dos áudios. A crítica acerca de produções culturais costuma envolver adolescentes e é uma forma de unir fantasia, política e tecnologia (De Souza, 2023; hooks, 2019; Haraway, 2009). Na perspectiva de uma pesquisa em colaboração com

¹ Antropóloga pela Universidade de Brasília e mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: iredoplalto@gmail.com



adolescentes estudantes do Ensino Médio, este é um projeto formativo que visa capacitá-los para realizarem a pesquisa junto aos demais pesquisadores com diferentes níveis acadêmicos.

Assim, como fazer um *podcast* colabora na educação digital de adolescentes? Quais são os desafios para promover a inclusão digital de adolescentes de maneira a equipá-los para aproveitar as oportunidades e se preservarem dos riscos a que estão expostos na esfera digital? A presente pesquisa busca compreender se, e como, através da produção coletiva de um *podcast*, é possível incluir esse público dentro do debate acerca de seus direitos e deveres na Internet de forma responsável, segura, crítica e criativa. Para isso, esta pesquisa pretende apresentar um *podcast* como produto de divulgação científica sobre a percepção dos adolescentes de 15 a 17 anos em relação a Internet as oportunidades e os riscos online, debatendo sobre o letramento e educação digital dessa população, especialmente no ambiente escolar de Ensino Médio, produto que pode ser reaproveitado por outros docentes.

Em relação a metodologia, analisou-se os relatórios de pesquisa do TIC Kids Online e TIC Educação, do CGI.br, assim como as legislações e regulamentações relacionadas à Internet no Brasil e discussões teóricas em torno da educação digital. Paralelamente, foi submetido um Projeto de Iniciação Científica nível Ensino Médio (PIBIC-EM) para escolas parceiras da Unicamp, de forma a receber secundaristas interessados em realizar a pesquisa e produzir o *podcast* ao longo de um ano. A partir da chegada dos secundaristas, em setembro, se iniciará a excursão de campo nas escolas parceiras da Unicamp. Nessa etapa, será realizada uma etnografia (Peirano, 2014; Cardoso de Oliveira, 1996), abarcando diferentes estratégias como a etnografia propositiva (Hartmann, 2017) e a etnografia para a Internet (Parreiras; Hine, 2020). Também será utilizada a técnica de pesquisa-ação (Mallmann, 2015) como uma estratégia de colaboração e aprendizagem para provocar mudanças participativas e amparar na criação de diálogos com os adolescentes.

Através de oficinas, gravações e edições, produziremos dados sobre a percepção de adolescentes sobre os riscos e oportunidades do uso da Internet. Neste trabalho, busco apresentar a análise de alguns relatórios e os resultados iniciais da excursão de campo com os estudantes do PIBIC-EM.

Palavras-chave: Letramento Digital; Direitos de Crianças e Adolescentes; Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. Tecnologias digitais, linguagens e currículo: investigação, construção de conhecimento e produção de narrativas. *Redes e conexões na produção do conhecimento*, v. 1, p. 331-352, 2014.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação & Sociedade*, v. 30, p. 1081-1102, 2009.



CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. Revista de antropologia, p. 13-37, 1996.

CORDEIRO, Salete de Fátima Noro; BONILLA, Maria Helena Silveira. Tecnologias digitais móveis: reterritorialização dos cotidianos escolares. Educar em revista, p. 259-275, 2015.

DE SOUZA, Rafaela Martins. O podcast como ferramenta possível para uma comunicação feminista: uma análise pelo olhar da Economia Política da Comunicação. In: Feminismos e podcasts/orgnizadora Aline Hack. São Paulo: Blimunda, 2023.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARTMANN, Luciana. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. Cadernos Cedes, v. 37, p. 45-64, 2017.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181370-e181370, 2020.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Anseios: raça, gênero e políticas culturais. Tradução: Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019.

KEMP, Simon. Digital 2023: Brazil. <<https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>>. 2023. Acesso em: 20/06/2024.

MALLMANN, Elena Maria. Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. Cadernos de Pesquisa v.45 n.155 p.76-98 jan./mar. 2015.

MOMESSO, Maria Regina; et al [Org.]. Educar com podcasts e audiobooks. 1.ed. e-Book. Porto Alegre: Editora CirKula, 2016.

NETO, Edgard Leitão Albuquerque; DA SILVA, Vanderlan Francisco. "O uso do smatphone é um bom começo": estudo das sociabilidades juvenis em contexto pedagógico. Revista Mundaú, n. 10, p. 38-54, 2021.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é um método. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

RIBEIRO, LC de Q. et al. Desigualdades digitais: acesso e uso da internet, posição socioeconômica e segmentação espacial nas metrópoles brasileiras. Análise social, v. 207, n. XLVIII, 2º, p. 288-320, 2013.

Quatro em cada dez internautas já ouviram podcast no Brasil. Piauí, 11 de maio de 2019. Disponível em:



<<https://piaui.folha.uol.com.br/quatro-em-cada-dez-internautas-ja-ouviram-podcast-no-brasil/>>. Acesso em 09/07/2023.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Feminista *In Vitro*: uma série de podcast feminista sobre células-tronco e pesquisa científica

Fernanda Mariath¹
Daniela Manica²

As células mesenquimais derivadas do sangue menstrual (CeSaM) são células-tronco multipotentes e que expressam marcadores de pluripotência (ASENSI et al, 2012). Dentre as diversas vantagens de se trabalhar com CeSaM, incluem-se a coleta fácil e de maneira não invasiva, alta capacidade proliferativa e potencial de se diferenciar em múltiplas linhagens (GONÇALVES et al, 2020). Em uma revisão dos 10 primeiros anos de pesquisa sobre CeSaM, concluiu-se que elas têm um grande potencial na medicina regenerativa e que são relativamente fáceis de se obter em comparação com as fontes atuais (GARGETT et al, 2016).

Em um trabalho anterior desenvolvido pelo nosso grupo de pesquisa, observou-se que periódicos da área com células do sangue menstrual representam apenas 0,25% dos artigos sobre células mesenquimais. Com esse trabalho, concluiu-se que não existe nenhuma explicação técnica-científica para essa preferência por outros tecidos, que exigem procedimentos muito mais invasivos para serem obtidos e baixa viabilidade relativa de células. A razão correlacionada é o fato desse tecido ser marcado por questões sociais e viés de gênero (MANICA et al, 2022).

Mesmo existindo toda uma diversidade e variedade de corpos, sexos e gêneros, o sangue menstrual é associado a corpos entendidos como femininos. Em consequência dessa demarcação, o potencial do uso das CeSaM é limitado. No entanto, a maioria das células do corpo humano têm cromossomos sexuais, e também são afetadas pelos diversos fatores que determinam o sexo, como hormônios. São, portanto, parte de um corpo que é marcado por gênero. Dentre as mais diversas fontes de células mesenquimais, a maioria deveria carregar uma marcação de gênero similar às CeSaM, mas não é bem assim que parece acontecer.

Um levantamento dos trabalhos de bioengenharia de tecidos e medicina regenerativa, publicados em 2019 no Pubmed, encontrou que apenas 28,4% dessas 10.651 publicações reportaram sexo. E dessa pequena parcela, apenas 38% usaram amostras femininas e masculinas (KNEWSTON et al, 2022). Ou seja, de uma maneira geral, o sexo das células-tronco não tem sido considerado e esse padrão se repete com outras células. A pesquisa biomédica, ao longo dos anos, frequentemente incluiu apenas modelos de células e animais do sexo masculino (KARP et al, 2019; PLEVKOVA et al, 2020; GARCIA-SIFUENTES e MANEY, 2021), sendo adotado

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
E-mail: fermariath@gmail.com

² Pesquisadora Labjor. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).



sem nenhum questionamento de por que a amostra seria apenas masculina e considerando-se que tudo encontrado em homens seria válido para mulheres.

Enquanto o corpo masculino tem sido tomado pelas perspectivas biomédicas como parâmetro da universalidade, uma célula lida como feminina tem seus usos restringidos. A nossa aposta é que narrativas sobre as células mesenquimais do sangue menstrual nos permite uma entrada para questionar que tipo de células são usadas nessas pesquisas, como se dá essa seleção e quais protocolos definem um modelo em preferência a outro.

A nossa hipótese é que a demarcação de sexo e gênero não é exclusiva das CeSaM, é algo presente em variadas fontes de células-tronco. No entanto, essa demarcação não se insere no cotidiano de pesquisa de células-tronco, exceto no caso da CeSaM, provocando o campo da pesquisa biomédica no ponto cego da neutralidade do conhecimento.

O objetivo dessa pesquisa, que é parte do meu projeto de mestrado em Divulgação Científica e Cultural, é desenhar uma série de podcast, visando discutir possíveis perspectivas feministas sobre produção científica de células-tronco, tensionando a forma como a diferença sexual das células é mobilizada pelos experimentos. Queremos experimentar a elaboração de uma série de podcast como abordagem para pensar nos nossos problemas de pesquisa, auxiliar na visualização dos dados e, claro, para divulgação científica da mesma.

Nossa pesquisa questiona em que extensão células são marcadas por gênero nas práticas científicas. Apostamos que narrativas sobre células do sangue menstrual provocam o ponto cego da neutralidade do conhecimento. Esta série de podcast tem o objetivo de discutir possíveis perspectivas feministas na produção de ciência com células-tronco.

Já existem na literatura científica trabalhos que discutem as diferenças entre os sexos em células-tronco e que defendem que estudá-las melhora o entendimento de processos em reparo tecidual e implementação clínica de terapias (Knewston, Ohl, Robinson, 2022). Mas é importante não perder de vista que diferenças biológicas sustentaram no passado - e ainda contribuem - hierarquias de dominação, sendo mobilizadas com propósitos racistas e sexistas (Gonzalez, 1988). Dessa forma, além de mapear as diferenças que existem, queremos entender como essa diferença é mobilizada em experimentos, questionando os problemas e limitações que dizem respeito ao gênero no que envolve as escolhas das células utilizadas em pesquisas científicas.

Palavras-chave: Podcast; feminismo; células-tronco

REFERÊNCIAS

ASENSI, K. D. **Sangue menstrual como fonte de células tronco resistentes ao estresse oxidativo**. 2012. *Dissertação* (Mestrado em Fisiologia) Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

FLEISCHER, S. “O *podcast* como um local para fazer ouvir sua voz”. Prefácio do livro *Feminismos e Podcasts*. HACK, Aline (Org.). Blimunda, 2023.



FLEISCHER, S.; MANICA, D. O Podcast Mundaréu como uma experiência de antropologia pública. *Illuminuras*. Porto Alegre. v.22, n.57, p. 166 - 180. 2021.

GARCIA-SIFUENTES, Y.; MANEY, D. L. Reporting and misreporting of sex differences in the biological sciences. *eLIFE*. 2021.

GARGETT, C. E.; SCHWAB, K.; DEANE, J. A. Endometrial stem/progenitor cells: the first 10 years. *Hum Reprod Update* (2):137-63. 2016.

GONÇALVES, M. F.; ASENSI, K. D.; NASCIMENTO, A. L. L.; BARROS, J. H. O.; SANTOS, R. A.; ANDRADE, C. N. V.; KASAI-BRUNSWICK, T. H.; FRAJBLAT, M.; ORTIGA-CARVALHO, T. M. GOLDENBERG, R. C. S. Human Menstrual Blood-Derived Mesenchymal Cells Improve Mouse Embryonic Development. *Tissue Engineering* 26), 13 – 14. 2020.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69 - 82.

HARAWAY, D. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. 1995.

HARDING, S. G. *The science question in feminism*. Cornell University Press. 1986

KARP, N.; REAVEY, N. Sex bias in preclinical research and an exploration of how to change the status quo. *Review Br J Pharmacol* 176 (21) p 4107 – 4118. 2019.

KNEWTSON, K. E.; OHL, N. R.; ROBINSON, J. L. Estrogen Signaling Dictates Musculoskeletal Stem Cell Behavior: Sex Differences in Tissue Repair. *Tissue Engineering. Part B, Reviews*, v. 28, n. 4, p. 789–812, ago. 2022.

MANICA, D. T. Gênero e interseccionalidades nos debates CTS. In: Wilson José Alves Pedro; Márcia Niituma Ogata; Luzia Sigoli Fernandes Costa; Luciana de Souza Gracioso. (Org.). *Novas agendas científicas para sociedades em transformação*. 1ed.Campinas: Pontes, 2023, v. , p. 232-250

MANICA, D. T.; ASENSI, K. D.; MAZZARELLI, G.; TURA, B.; BARATA, G.; GOLDENBERG, R. C. S. Gender bias and menstrual blood in stem cell research: A review of pubmed articles (2008–2020). 13:957164. *Frontiers in Genetics*. 2022.

MANICA, D. T.; PERES, M.; FLEISCHER, S. Antropo? O quê? Humanidades, ciência e divulgação em áudio - Roteiro de Apresentação. In: Daniela Tonelli Manica, Milena Peres, Soraya Fleischer (Orgs). *No Ar: Antropologia - Histórias em podcasts*. Brasília; Campinas: ABA Publicações; Pontes Editores, pp.15 - 23. 2022.



MANICA, D. T.; FLEISCHER, S. “Cozinhando histórias de pesquisa: O podcast Mundaréu”. In: Daniela Tonelli Manica Milena Peres; Soraya Fleischer (Orgs.). *No Ar: Antropologia – Histórias em podcast*. Brasília; Campinas: ABA Publicações; Pontes Editores, 2022, pp. 135-150.

PLEVKOVA, J.; BROZMANOVA, M.; HARSANYIOVA, J.; STERUSKY, M.; HONETSCHLAGER, J.; BUDAY, M. Various Aspects of Sex and Gender Bias in Biomedical Research. *Physiol Res*. 2020

ROY, D. *Molecular Feminisms: Biology, Becomings, and Life in the Lab*. University of Washington Press. 2018.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

O uso de podcasts para disseminação da antropologia feminista

Camila Rodrigues de Lima Anselmo¹

Objetivos do trabalho

O objetivo geral da pesquisa foi acompanhar a produção de três séries de *podcast* de divulgação científica em Antropologia. As séries são: Ciências do Zika, De Lua em Lua, do podcast Mundaréu e Cuidando, da Rede Transnacional de pesquisas sobre Maternidades destituídas, violadas e violentadas (REMA). São séries de divulgação científica em Antropologia que abordam temáticas feministas.

A série "Ciências do Zika" é resultado de uma pesquisa realizada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB), com cientistas que pesquisaram o vírus Zika, em Pernambuco, durante a epidemia que aconteceu em 2016.

A "De Lua em Lua" foi resultado de um projeto de iniciação científica de ensino médio, realizado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A série mostra como a Antropologia pode contribuir para a dignidade menstrual e é apresentada por adolescentes.

A "Cuidando" está sendo produzida na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). É produto de uma pesquisa que visa contribuir com as estratégias de educação permanente dos profissionais de saúde, que trabalham no âmbito materno-infantil.

Justificativa

O *podcast* é uma mídia de produção mais simples, nisso se torna um material mais acessível. A gravação pode ser feita em qualquer lugar, inclusive em casa não é necessário um estúdio, só é preciso de um gravador, que pode ser o do celular. Existem inclusive aplicativos de edição, como o *Audacity* e o *Reaper*, que são gratuitos e contam com tutoriais no *YouTube* ensinando como usar. Com isso, dá voz e espaço a pessoas historicamente silenciadas e invisibilizadas, como as comunidades LGBTQIA+, negra e indígena, mulheres, etc. (FLEISCHER, 2023, p.15). É uma mídia que pode unir pessoas com pensamentos e objetivos em comum. Por ter essa acessibilidade também é uma mídia muito usada para divulgação da ciência.

A Antropologia é uma área que tem ocupado a pódosfera. Por ser um campo que possui uma carga de leitura muito alta, o *podcast* serve como um meio de "desafogar os olhos" (FLEISCHER e MOTA, 2021). Com isso, além de ser usada

¹ Graduanda em Antropologia. Universidade de Brasília (UnB). E-mail: anselmo.camila2@gmail.com.



dentro da academia, também é um jeito de traduzir os conhecimentos produzidos em universidades para o público externo.

É uma mídia que apresenta oportunidade de viabilizar a construção de novos saberes que sejam mais inclusivos, e que apoiem ideologias importantes para o desdobramento de políticas e a construção de um coletivo mais integrado e diverso. Por isso, estudar podcasts que apresentam uma ciência localizada (Haraway, 1995), pode trazer boas contribuições para nossa sociedade.

Fundamentação Teórica

Neste trabalho, busquei trazer autores que estudam podcasts e podcasts no ensino e na Antropologia, como Berry, Bonini, Flexor, Pinheiro, Carvalho e Freire, Fleischer e Manica. Além de Hack que pesquisa sobre gênero e podcasts e é organizadora do livro “Feminismos e podcasts”, onde várias autoras se reúnem e explicam como usam a plataforma para divulgar o feminismo.

Metodologia

Fiz entrevistas semi-estruturadas com algumas das integrantes de cada equipe, as entrevistas aconteceram tanto de maneira remota, como presencial. No caso da série “Ciências do Zika”, pude também participar de reuniões semanais, que ocorreram durante a produção da série. Nas reuniões líamos os roteiros e escutávamos episódios que já estavam prontos.

Transcrevi todas as entrevistas com a ajuda de *softwares* de transcrição, depois fiz tabelas com recortes das entrevistas, separando os conteúdos sobre produção e escuta de *podcasts* e sobre feminismos. Além disso, escutei todos os episódios das séries “Ciências do Zika” e “De Lua em Lua”, os da “Cuidando” ainda não foram finalizados, mas pude acompanhar a escrita e finalização do episódio piloto.

Resultados Parciais

Atualmente, as etapas de entrevistas, transcrição das mesmas e sistematização dos dados coletados, já foram concluídas. A fase atual, está sendo a escrita, do meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Antropologia. Ainda é esperado que os resultados sejam apresentados em congressos.

Discussão

As três séries trazem contribuições importantes para as Antropologias feministas. São séries produzidas por mulheres e que foram construídas através do trabalho coletivo. Foram realizada com o objetivo de divulgar uma ciência feminista e alcançar pessoas que acreditam nessa ciência.

Palavras-chave: Divulgação científica; Antropologia; Feminismo



REFERÊNCIAS

BERRY, Richard, Will the iPod Kill the Radio Star? Profiling Podcasting as Radio, Londres, Thousand Oaks & New Delhi 1354-8565 Vol 12(2): 143–162, 2006.

BONINI, T. The ‘second age’ of podcasting: reframing podcasting as a new digital mass medium. *Quaderns del CAC*, 41, vol. XVIII, p. 21-30, jul. 2015.

FLEISCHER, Soraya, MOTA, Julia Couto, Mundarêu: Um podcast de Antropologia como ferramenta polivalente, GIS- Gesto, imagem e som- *Revista de Antropologia*, v. 6, n.1, pp. 1-21, 2021.

FLEISCHER, Soraya. O podcast como um local para se fazer ouvir sua voz. *In: HACK, Aline, Feminismos e podcasts*, 1ed, São Paulo, Blimunda, 2023.

HACK, Aline, LIMA, Angelita Pereira. Militância podcaster feminista: um exercício etnográfico. *Perspectiva* 25(3), pp. 340-360, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

FLEXOR, Carina, PINHEIRO, Elton Bruno, Contribuições da rede UnBcast de podcasts universitários à extensão, à comunicação pública e à inovação, *Revista Participação*, Ed. 39, pp. 45- 61, 2023.

FREIRE, Eugênio Paccelli, O podcast como ferramenta de educação inclusiva para deficientes visuais e auditivos, *Rev. Educ. Espec.*, Santa Maria, v. 24, n. 40, pp. 195-206, maio/ago. 2011

MANICA et al. *No ar: Antropologia histórias em podcast*, Campinas, Pontes, 2022.



O papel da rádio legislativa na educação política do cidadão: um estudo de caso da Rádio Câmara Sorocaba

Priscilla Martins Radighieri¹

A história do rádio no Brasil está ligada à Educação desde a sua fundação, em 1923, quando o veículo apoiava as escolas na formação de um cidadão crítico e participativo. Mais de um século depois, observamos novos desafios a serem superados, como a desinformação, ameaças à democracia e a descrença na credibilidade do jornalismo.

Vivemos em um processo comunicacional horizontal. Nessa realidade, o indivíduo é influenciado pelo conteúdo que chega a todo momento às suas redes, sem refletir sobre sua real origem, intenção ou veracidade (Castells, 2024). No Brasil, 62% dos adultos admitem já ter acreditado em notícias falsas; e 42% dos jovens entre 11 e 17 anos não sabem verificar se uma informação encontrada na internet está correta (TIC Kids Online, 2023).

A política regula as relações da vida em sociedade. Assim, a educação e a participação política do cidadão têm extrema importância para a vida em coletividade e manutenção da democracia. A alfabetização é a "formadora da cidadania", tornando o político e o educativo inseparáveis (Freire, 2003).

Barros, Bernardes e Macedo (2015) destacam a importância do rádio como alternativa educativa na formação política da sociedade brasileira. Nesse contexto, as rádios legislativas devem promover a transparência dos atos do poder legislativo e a educação político cidadã. Essa aproximação entre o legislativo e a sociedade pode ser fomentada pelo educador, "profissional que conhece profundamente os campos da comunicação e da educação, maneja as tecnologias da informação e mantém-se aberto a um constante diálogo intercultural com as novas gerações" (Soares, 2008, p. 41).

A Rede Legislativa de Rádio e TV mostra que o número de emissoras no País ainda é baixo: somente 20 dos 5.568 municípios brasileiros contam com emissoras da rede em frequência modulada (FM). O município paulista de Sorocaba é um dos que celebrou recentemente o acordo de cooperação com a Câmara dos Deputados para implantação e operação do sistema de transmissão de rádio em FM, que deverá ocorrer até o final de 2024. O poder legislativo daquela cidade conta com a emissora operando em *streaming*, ou *web rádio*.

Localizada no interior do Estado de São Paulo, a cidade de Sorocaba conta com uma população de 723 mil habitantes (IBGE, 2022). É pólo da Região Metropolitana integrada por 27 municípios e da Região Administrativa, que abrange 47 municípios; representa 4,6% da população estadual e detém 4,25% do PIB paulista.

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: priscilla.radighieri@gmail.com



A Rádio Câmara Sorocaba iniciou suas transmissões em 2018 e já nasceu digital, com webcams e transmissões ao vivo pelas redes sociais do legislativo sorocabano. Além de conteúdos que dão transparência aos atos do poder legislativo municipal, a rádio exerce um importante papel educativo. Desde sua inauguração estabelece parcerias com escolas, conselhos municipais e órgãos do poder executivo, contribuindo para a formação de um cidadão consciente da sua importância no processo político.

Em 2023, a Rádio Câmara Sorocaba iniciou uma parceria com a Escola do Legislativo (ELS) e com o Laboratório de Inovação da Câmara Municipal de Sorocaba (LabLeg), lançando um curso de educação política pioneiro no País, em formato de videoaulas: “Decifrando o Legislativo Municipal”. A produção dos conteúdos, em 10 episódios, foi planejada e desenvolvida voluntariamente por servidores de carreira de diferentes áreas do poder legislativo. Ao final do curso, o aluno é desafiado a desenvolver o projeto “Transforme sua cidade”, enviando uma proposta que poderá se tornar política pública. Os organizadores do curso receberam dezenas de propostas, que foram encaminhadas às comissões permanentes da Câmara Municipal.

Outra ação recente decorrente da parceria entre a Rádio Câmara, a ELS e o LabLeg é a segunda temporada do programa “Diálogos”, que tem como objetivo trazer a pesquisa acadêmica e científica à programação de veículos de comunicação pública. A temporada tem como eixos principais a formação do pensamento crítico na escola e na universidade, o combate à desinformação e o papel do poder legislativo no engajamento da sociedade.

As atividades da Rádio Câmara Sorocaba são parte de pesquisa de mestrado no Labjor/IEL/Unicamp, que prevê a análise da atuação educativa da emissora e desenvolver projeto próprio para a formação política de professores e alunos de escolas públicas e particulares de Ensino Médio da cidade. A proposta inclui a realização de oficinas de educação política, educação midiática e entrevistas semiestruturadas antes e após as eleições municipais de 2024. O objetivo é entender melhor a compreensão desses atores sociais sobre o papel das emissoras legislativas na educação política cidadã. Trata-se de um Estudo de Caso (Yin, 2014), procedimento que possibilita um aprofundamento da pesquisa e pode trazer dados relevantes sobre como os atores percebem e interpretam seu ambiente, experiências e interações. A etapa final do trabalho de campo nas escolas terá a participação de alunos no programa “Falação Jovem” no estúdio da emissora, que posteriormente será inserido na grade de programação geral da Rádio Câmara Sorocaba.

Palavras-chave: Educação política; Cidadania; Educomunicação; Educação midiática; Rádio Câmara Sorocaba.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. T., BERNARDES, C. B. & MACEDO, S. M. (2015). *Comunicação, cultura e política nas rádios do poder Legislativo no Brasil: Identidade e perfil da programação da Rádio Senado e da Rádio Câmara*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43670238>. Acesso em 22 jan 2024.



CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Dados sobre a Rede Legislativa de Rádio e TV*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/comunicacao/rede-legislativa-radio-tv/radio#FMnoAR>. Acesso em 20 jun 2024.

CASTELLS, M. (2024). *Seminário Internacional Democracia e Novas Tecnologias*. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em: https://www.youtube.com/live/xdWVlb3MrFg?si=Q1Vwk-jTo-fD2w_p

FREIRE, P. (2003). *Política e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 7ª ed.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado sobre a Região Metropolitana de Sorocaba*. Disponível em: https://www.rms.pdui.sp.gov.br/?page_id=127. Acesso em 25/fev/2024.

KIDS ONLINE BRASIL 2023. CETIC.BR – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/>. Acesso em: 17 jun 2024.

SOARES, I. O. (2008). *Quando o Educador do Ano é um educador: o papel da USP na legitimação do conceito*. Comunicação & Educação, São Paulo, ano 13, n 3, p. 39-52, set./dez. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/download/43268/46892/0>. Acesso em 26/fev/2024.

YIN, Robert. K. (2014). *Case study research: design and methods*. 5. ed. Los Angeles: Sage.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 3: Análise literária e novas propostas de análise

Debatedor: Clevisvaldo Lima

Autores:

Kyury Silva de Assis

Isabella Fernandes de Lima

Júlio César Rodrigues Lima

Luísa Ribamar dos Santos

José Fornari

Paulo Dourian Pereira de Carvalho

Lauro Geovane Martins

Renata Vettorazzi



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Notas da transfobia: travestis na mídia dos anos 1980

Kyury Silva de Assis¹
Agnes de Sousa Arruda²

Desde Xica Manicongo no período colonial (JESUS, 2019) até as negligências institucionais do período ditatorial militar brasileiro (QUINALHA, 2021), as violências históricas e transfóbicas contra as transgeneridades são evidentes. O último recorte temporal, explorando a relação com as dissidências e os movimentos políticos que formaram o acrônimo LGBTQIAPN+, graças à academia brasileira e às pesquisas de recuperação histórica, apresenta a realidade vivenciada pelas travestis e outras identidades de gênero (PASSOS, 2022). Essas identidades atravessaram as ruas e ocuparam espaços de representação midiática e de (des)informação. Este trabalho analisa a representação política de pessoas tranvestis na série de reportagens "Perigo! A invasão dos travestis", publicada pelo jornal "O Estado de S. Paulo" e suas matérias decorrentes em 1980 (O ESTADO DE S. PAULO, 1980a; 1980b; 1980c).

Utilizando o transfeminismo como corrente teórico-metodológica, o estudo aborda a teoria da performatividade e os domínios da representação política e linguística, analisando como os sujeitos são formados e constituídos em sociedade (JESUS; ALVES, 2012; COACCHI, 2014). O texto transcrito do jornal impresso apresenta um panorama alarmante sobre a presença e atuação das travestis nas ruas de São Paulo. A matéria aborda os desafios enfrentados pela polícia e pelos moradores em lidar com as travestis em regiões nobres e centrais da cidade, destacando a impotência das forças de segurança diante das limitações legais. Além disso, revela a crescente criminalidade associada a essa população, de forma a marginalizar a população trans e travesti (OCANHA, 2016). Essa abordagem permite uma compreensão aprofundada das representações e dos preconceitos implícitos e explícitos contra as pessoas trans e travestis, promovendo uma discussão mais focada na identificação da transfobia por um veículo de comunicação.

Primeiramente, a leitura atenta e segmentação do texto permitiu identificar e destacar passagens que mencionam diretamente as travestis, as ações policiais, as reações dos moradores e as decisões judiciais. Em seguida, foram catalogados os principais temas abordados no texto, como segurança pública, marginalização social e a atuação da polícia. A partir desses temas centrais, aplicamos os princípios do transfeminismo para entender como a matéria representa as travestis e suas experiências.

A análise revela claros elementos de transfobia, evidente em várias partes desta chamada de matéria: a) Uso da palavra "Perigo": O termo "perigo" sugere que a

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. Email: kyuryassis@gmail.com

² Doutora em Comunicação pela Universidade Paulista. Email: agnes.arruda@gmail.com



presença de travestis é uma ameaça à sociedade, desumanizando e criminalizando a identidade e a existência dessas pessoas; b) Generalização e criminalização: A matéria sugere que travestis são violentas e perigosas, associando automaticamente sua presença a atividades ilegais ou violentas; c) Sensacionalismo e pânico moral: O tom sensacionalista visa gerar medo e pânico entre os leitores, o que pode levar a um aumento da discriminação e da violência contra travestis; d) Desumanização: Ao retratar travestis de maneira negativa, o jornal desumaniza essas pessoas, ignorando suas lutas e a violência que frequentemente enfrentam; e) Falta de perspectiva: A chamada não considera a perspectiva das pessoas trans ou travestis, nem o contexto social que leva muitas delas às situações de vulnerabilidade, como a falta de oportunidades de emprego devido ao preconceito. Esse tipo de conteúdo é um exemplo claro de como a mídia pode perpetuar e exacerbar a transfobia, influenciando negativamente a percepção pública e justificando práticas discriminatórias e violentas. Outra manchete "O perigo aumenta nas ruas de São Paulo" e o subtítulo "Ninguém os quer. Nem a polícia", novamente do jornal O Estado de S. Paulo (O ESTADO DE S. PAULO, 1980b), exibe uma forte mensagem de transfobia e discriminação contra as travestis.

A manchete sugere que a presença de travestis nas ruas representa um perigo crescente, o que é uma generalização prejudicial e infundada. Isso reforça a ideia de que travestis são intrinsecamente perigosas ou problemáticas. A matéria utiliza um tom alarmista para descrever a presença de travestis nas ruas, empregando termos como "brutal flagelo" e "ninguém os quer", o que visa incitar medo e aversão entre os leitores. Ao afirmar que "ninguém os quer", a matéria reforça a exclusão social das pessoas trans e travestis, ignorando suas lutas por aceitação e inclusão. Isso contribui para sua marginalização e invisibilidade, perpetuando estereótipos prejudiciais que podem justificar violência e discriminação (NASCIMENTO, 2021).

A manchete "Impunidade incentiva a violência maior" (O ESTADO DE S. PAULO, 1980b) e artigos que retratam negativamente travestis perpetua a transfobia de várias maneiras. A frase "Impunidade incentiva a violência maior" sugere que a impunidade das ações dos travestis leva a um aumento da violência, criando uma associação direta e injusta entre a presença de travestis e a criminalidade. O uso de termos como "neurose" e "desintegração" nos subtítulos dos artigos desumaniza e patologiza travestis, tratando sua identidade de gênero como um problema psicológico ou social que deve ser corrigido, ou controlado (BAGAGLI, 2016). Generalizações prejudiciais nos textos implicam que todas as travestis estão envolvidas em atividades criminosas ou imorais, perpetuando estereótipos e preconceito.

Palavras-chave: Transgeneridades; Representação midiática; Estigmatização.

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, B. P. A diferença trans no gênero para além da patologização. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 5, p. 87–100, 2016.

COACCI, T. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. **História Agora**, v. 1, p. 134-161, 2014.



JESUS, J. G. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura**. 2019.

JESUS, J. G.; ALVES, H. Feminismo transgênero e movimento de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2012.

NASCIMENTO, L. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

OCANHA, R. F. Travestis paulistanas na mira da Polícia Civil: a prática da Contravenção Penal de Vadiagem (1976-1977). **XXIII Encontro Estadual de História**, São Paulo, 2016.

O ESTADO DE S. PAULO. **Perigo! A Invasão dos Travestis**. O Estado de S. Paulo, 25 mar. 1980a, p. 35.

O ESTADO DE S. PAULO. **O perigo aumenta nas ruas de São Paulo**. O Estado de S. Paulo. Nacional. 28 mar. 1980b, p.36.

O ESTADO DE S. PAULO. **Impunidade incentiva a violência maior**. O Estado de S. Paulo. Nacional. 28 mar. 1980c, p.37.

PASSOS, M. C. A. **Pedagogias das travestilidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

QUINALHA, R. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

***Uma Senhora e Ao raiar da aurora:* a representação da mulher no conto machadiano e na literatura feminina oitocentista**

Isabella Fernandes de Lima¹

Esta pesquisa consiste em um estudo de três contos: *Uma Senhora* de Machado de Assis, publicado no periódico *Gazeta de Notícias* em 1883; *A Sereia* de Guiomar Torresão, originalmente publicado em 1884 na revista *A Ilustração Portuguesa* e *Sol-posto*, de Branca de Gonta Colaço, publicado na revista *Alma Feminina* (1907). Os dois últimos são também integrantes da antologia *Ao raiar da aurora* (2022) que, visando resgatar e dar voz a autoras muitas vezes silenciadas na imprensa e no cânone literário, reúne narrativas curtas de autoria de mulheres portuguesas que apresentam seu ponto de vista sobre a sociedade e o universo feminino. O conto *Uma Senhora*, por sua vez, é um dos textos machadianos que mostra a figura feminina de modo bastante marcante e instigador. Desse modo e considerando as peculiaridades da circulação dos contos em periódicos do século XIX e o contexto histórico e social da época, o objetivo da pesquisa é analisar a representação feminina nesses três textos. Para isso, tem-se em vista a maneira de construção do enredo e das personagens, buscando traçar um comparativo entre a escrita machadiana e a escrita feminina oitocentista.

A pesquisa está fundamentada em teoria e crítica literária, estudos sociais e outras investigações já realizadas acerca da escrita dos três autores aqui abordados. As análises foram pautadas no estudo do referencial teórico, considerando as contribuições de cada autor para a comparação dos contos. A partir das considerações de Schwarz (2000), foi possível perceber a representação das peculiaridades da burguesia oitocentista nas narrativas, a qual passava por um momento de desidentificação de si. Santos (2021) traz a importância dos periódicos enquanto palco de disseminação da opinião popular nos oitocentos. A partir dos apontamentos que Pereira (2022) faz da obra machadiana, foi viável analisar *Uma Senhora* de maneira mais minuciosa. Os contos *A Sereia* e *Sol-posto* foram estudados a partir dos trabalhos de Cruz (2015) e Cruz e Castro (2022). Para a investigação da questão da velhice, central em dois dos três contos, as teorias de Beauvoir (1970) foram aplicadas.

Em *Uma Senhora*, Machado de Assis retrata D. Camila que, preocupada com o envelhecimento, tenta prolongar a infância da filha Ernestina. A trama dá uma reviravolta quando um fio de cabelo grisalho surge em D. Camila, levando-a a aceitar um genro. Em *A Sereia*, de Guiomar Torresão, Clotilde ama intensamente seu noivo Jorge, que acaba se interessando por uma moça misteriosa na praia. Ao descobrir que ela é calva, Jorge retoma sua paixão por Clotilde. *Sol-posto*, de Branca de Gonta

¹ Estudante do curso de Letras Português/Inglês na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
E-mail: isabellafernandesdelima27@gmail.com.



Colaço, foca em D. Ana, uma idosa que se culpa por casar e ter família após a morte de seu amor de juventude na guerra de 1860, em Cuba.

A análise dos contos *Uma Senhora*, *A Sereia* e *Sol-posto* permitiu perceber a construção literária do universo feminino nas narrativas. É perceptível a semelhança de temas que irmanam os três contos abordados nesta pesquisa. Tanto o autor carioca como as escritoras portuguesas colocam no cerne de suas obras preocupações femininas que atravessam temáticas como vaidade, casamento, envelhecimento. O que é notável como espaço comum nas três narrativas, portanto, é o fracasso que as personagens femininas experimentam diante daquilo que é imposto pela sociedade. Em *Uma Senhora*, Machado de Assis constrói D. Camila como uma mulher que sente que fracassou em parecer jovem, mesmo sabendo que o envelhecimento é natural e inevitável. Guiomar Torresão, em *A Sereia*, apresenta Clotilde como uma mulher extremamente insegura de si, que experimenta a frustração de perceber que seu noivo nutre interesse em outra mulher — por mais que, ao final da narrativa, tudo parece acabar bem para a protagonista. *Sol-posto* é escrito por Branca de Gonta Colaço de modo a apresentar ao leitor o retrato de uma mulher que, por mais que tenha correspondido às expectativas sociais no que tange o papel de uma boa mãe e esposa, vivencia o sentimento de culpa e remorso por um amor antigo que não pôde ter um final feliz.

Assim, o estudo dos textos evidencia que, apesar de tentativas de apagamento e subvalorização das autoras mulheres no período oitocentista, elas demonstraram dominar com tanta maestria a representação da vida das mulheres — sobretudo nos periódicos em circulação no século XIX — como fizeram os autores masculinos, como Machado de Assis. Desse modo, a comparação entre tais narrativas demonstra a relevância de resgatar e valorizar a literatura feminina do século XIX, não apenas como um movimento de justiça histórica, mas também como uma maneira de compreender plenamente as dinâmicas sociais e culturais da época. As mulheres escritoras, muitas vezes deixadas em segundo plano, foram agentes ativos na construção de discursos e críticas sociais, utilizando os periódicos como veículo para suas vozes.

Palavras-chave: Guiomar Torresão; Branca de Gonta Colaço; Machado de Assis; Representação feminina oitocentista; Literatura feminina.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Uma Senhora**. In: LEITE, Aluizio; CECÍLIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa. Machado de Assis: Obra completa. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015. p. 387-391. Volume 2.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**: a realidade incômoda. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. Tradução de Heloysa de Lima Dantas.

COLAÇO, Branca de Gonta. **Sol-posto**. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. Ao raiar da aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas. São Paulo: LiberArs, 2022. p. 79-81. Volume 2.



CRUZ, Eduardo da. CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. (Org.). **Ao raiar da aurora**: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas. São Paulo: LiberArs, 2022. 2 vol.

CRUZ, Eduardo da. **Imprensa luso-brasileira no Rio de Janeiro oitocentista**. No Giro do Mundo: os periódicos do século XIX no Real Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro, v. 2, p. 15-34, jan. 2015. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/60858023/No_Giro_do_Mundo_vol_II-libre.pdf?1570710667=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DNo_Giro_do_Mundo_vol_II.pdf&Expires=1709818855&Signature=hR8O~R-51SXs3Jxxn77I-3PlWFO8~aB990kyXGeu2PC~qNAx050tUgOgrUilx9AUoDlmhmT2LtJTCyDn0YSYz uLjOZh3orKLMID22gtRsLaHbv~rN9ppAD3Tth8J81M-2C3iHy-uZqYUVtryPP~JipiHa06Llmrao4N4vvTUxrz5MSgtw~rSioYD8PQIoWdSEUFde5r8wpmWaPl37Dv~0qO~4JMOB5AJKc8mCZbsPRDgJs4vRImAgbbcJsbR84ZTq0nBMzyhqZD5~PASbbiO7sWu4KiZVQi2rWpTq0y6~YVAEAvYOTifraaT~~4OiIn9n~9bPA0KBJSFuvlLBLuj9w_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=15. Acesso em: 19 nov. 2023.

PEREIRA, Astrojildo. Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado. In: PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis**. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 33-58.

SANTOS, Gabriela Marcondes dos. **O quinze de novembro do sexo feminino**: a imprensa feminina carioca no final do século XIX. 2021. 85 f. Monografia - Curso de História, Centro Universitário do Sagrado Coração, Bauru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unisagrado.edu.br/jspui/handle/handle/200>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000. 256 p.

TORRESÃO, Guiomar. **A Sereia**. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. **Ao raiar da aurora**: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas. São Paulo: Liber Ars, 2022. p. 148-150. Volume 1.



PROBLEMÁTICAS RACIAIS NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E SUAS CONTRIBUIÇÕES AO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Júlio César Rodrigues Lima¹

O Brasil contemporâneo reflete profundamente as marcas de um passado marcado pela opressão e sofrimento da população negra durante a era da escravidão. O que persiste nestes tempos é o racismo estrutural, afetando diversas áreas como a arte, educação e literatura, prejudicando a consciência crítica dos brasileiros em relação às questões raciais e sociais. Gonzalez (2020) observa que desde a Independência até os dias atuais, houve um esforço contínuo para marginalizar a população negra na construção da identidade nacional brasileira, sob a rubrica da "questão nacional". Neste contexto, esta pesquisa de mestrado se centraliza no romance Ponciá Vicêncio (2003) de Conceição Evaristo. A obra é reveladora, visto que retrata a personagem Ponciá Vicêncio, que enfrenta violações sociais fundamentadas em bases raciais, refletindo a herança de um passado de escravização. Além disso, o romance traz à tona temas contemporâneos relacionados à realidade étnico-racial do Brasil, convidando à reflexão sobre a condição da comunidade afro-brasileira e proporcionando uma melhor compreensão dessa realidade. A literatura de Evaristo desafia ideias estabelecidas na narrativa nacional, que muitas vezes promovem o mito da democracia racial. Ela revela aspectos da identidade negra e suas preocupações com a integração social e a herança cultural africana. A literatura desempenha um papel crucial no entendimento sobre direitos humanos e constitucionais, alinhando-se às diretrizes da educação brasileira que enfatizam a relação entre literatura e sociedade, bem como a interdisciplinaridade entre literatura e história. Darcy Ribeiro (2006) e Hasenbalg (2022) realçam a persistência da discriminação racial no Brasil contemporâneo, resultado direto do legado escravocrata. Cuti (2010) e Martins (2021) ratificam esse afastamento afro-negro-brasileiro da literatura devido a questões ideológicas racistas e excludentes. Como resultado parcial, nota-se que as teorias estética e social manifestam os percalços que afetam as práticas culturais, destacando a importância de enfrentar o racismo estrutural e fomentar a leitura de obras afro-brasileiras. E como justificativa, seguindo o que Leda Maria Martins (2021) afirma em sua obra, que é por meio das performances — presentes no corpo e na oralitura —, que a história e ancestralidade são conservadas, e que, a corporeidade negra, em suas diversas manifestações, poéticas e paisagens estéticas, atua como um subsídio teórico, conceitual e performático. Essa corporeidade negra na literatura de Evaristo funciona como vitrais que irradiam e refletem experiências, vivências, desejos, percepções e operações de memória, constituindo-se em um corpo-pensamento e também em um corpo de afetos. Neste sentido, a pesquisa busca compreender como o romance Ponciá Vicêncio contribui para a formação de uma consciência crítica sobre a questão racial no Brasil, desafiando os estereótipos e promovendo uma valorização da identidade negra. Metodologicamente, utiliza-se o método indutivo, que possibilita compreender as necessidades da aplicação da

¹ Vínculo institucional: Mestrando em Estudos de Linguagens na Universidade Tecnológica Federal do Paraná.



literatura afro-brasileira no ensino básico. Através da observação e análise da obra, este método permite identificar padrões e inferir princípios gerais sobre o impacto e a relevância dessa literatura no contexto educacional. Dessa forma, é possível não apenas validar a importância da inclusão de tais obras no currículo escolar, mas também desenvolver estratégias pedagógicas, até mesmo atreladas às tecnologias, que atendam às demandas e realidades dos discentes, promovendo um ensino mais inclusivo e enriquecedor. A obra de Evaristo não apenas oferece uma narrativa poderosa sobre a experiência afro-brasileira, mas também serve como um instrumento de resistência contra as estruturas racistas ainda presentes na sociedade brasileira. Ao explorar a complexidade das relações raciais no país, a literatura se torna um meio essencial para a educação e a transformação social, promovendo uma visão mais inclusiva e justa da identidade nacional. Como resultado, espera-se que a pesquisa de mestrado seja profícua e que gere auxílio e aplicabilidade no ensino básico brasileiro. A investigação acadêmica, ao aprofundar-se na análise de "Ponciá Vicêncio" de Conceição Evaristo, visa não apenas enriquecer o debate acadêmico sobre a literatura afro-negro-brasileira, mas também fornecer ferramentas pedagógicas que possam ser utilizadas por educadores no ensino fundamental e médio. Ao integrar essa obra literária nos currículos escolares, os professores terão a oportunidade de fomentar discussões sobre diversidade, identidade e racismo, contribuindo assim para a formação de alunos mais conscientes e críticos em relação às questões sociais e raciais do Brasil.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Consciência crítica; Racismo estrutural.

REFERÊNCIAS:

- CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2021.
- GONZALES, Lelia; HALSENBALG, Carlos. **Lugar de negro** (Coleção 2 pontos). Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4829037/mod_resource/content/1/O%20povo%20brasileiro%20forma%C3%A7%C3%A3o%20e%20sentido%20do%20Brasil.pdf



Identidade, língua e cultura dos Munduruku do Amazonas - uma análise de Canumã: a travessia, de Ytanajé Cardoso

Luísa Ribamar dos Santos¹

Este estudo analisa a obra “Canumã: a travessia”, de Ytanajé Cardoso, objetivando investigar as implicações que a inserção da língua portuguesa – de forma colonial – trouxe para a identidade linguístico-cultural dos indígenas Munduruku do Amazonas; mostrar a importância que a língua materna possui para a identidade cultural de um povo e evidenciar os desafios enfrentados na atualidade para a preservação e revitalização das línguas indígenas na Amazônia.

Esta pesquisa justifica-se pela importância de mostrar que a literatura indígena possui o papel crucial de contar o lado da história que por muito tempo foi negada aos povos originários. Assim, a análise da obra “Canumã: a travessia”, um romance escrito a partir do olhar e da voz do indígena, torna-se relevante para o cenário atual, pois é um recorte de vivências de um povo, o dos Munduruku do Amazonas. E a partir do viés científico, como o da linguística, dos estudos culturais e dos literários, evidenciar a importância que uma cultura tem para a construção identitária e linguística de um povo.

Para tanto, esta investigação inscreve-se no campo da Etnolinguística, abordando aspectos da língua e sua importância para a identidade cultural dos povos indígenas, mostrando como língua, identidade e cultura se imbricam e se completam no espaço individual e social, a partir dos pressupostos teóricos de Mattoso Câmara (1965,1975), Marilene Chauí (2006), Mikhail Bakhtin (1998, 1997), Terry Eagleton (2005), em interface com os estudos culturais de Stuart Hall (2004), Tomaz Silva (2000), Edward Sapir (1921;1924); também sob o ponto de vista indígena, guiado pelos estudos do antropólogo Gersem Baniwa (2017), mostrando que a cosmologia indígena, seus modos de ver o mundo refletem na sua língua, identidade e cultura. Além disso, para análise do corpus, utiliza-se o campo da Sociolinguística, especificamente, o das Políticas Linguísticas na perspectiva de Jean Calvet (2002, 2007); juntamente com os estudos de Francês Júnior (2014), Ytanajé Cardoso (2017, 2023) e Adalberto Beleza (2002) acerca da língua e cultura do povo Munduruku do Amazonas.

Este trabalho, portanto, preza pela pesquisa através da revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Portanto, diante dos objetivos traçados para esta investigação, observa-se que a obra do escritor e pesquisador Ytanajé Cardoso, Canumã: a travessia, traz as vozes ancestrais e constrói um vasto cenário explicativo de como os munduruku foram criados e as lutas que enfrentaram para que a cultura se mantivesse viva até os dias atuais. Canumã: a travessia mostra-nos a realidade de muitos povos indígenas brasileiros, que diante de uma visão supraétnica do homem branco, passam a assimilar traços da cultura ocidental para que possam manter suas culturas vivas.

Como constatado na análise da obra, são os próprios munduruku que tomam iniciativa de aprenderem o código dos pariwát, a língua portuguesa, mas isso só

¹ Vínculo institucional: Graduada no curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).
E-mail: lrds.let20@uea.edu.br



acontece porque precisaram encontrar um meio para que as relações interculturais pudessem ser efetivadas, e a luta pelos direitos fossem alcançadas. Mas a mente colonial da pessoa responsável pelo ensino da língua portuguesa acaba por resultar em um cenário de violência descabida para com os falantes da língua materna, ocasionando estigmas para a língua munduruku, fazendo com que as novas gerações vissem sua língua materna como algo feio. Assim, surgiu um cenário de forte deslocamento linguístico, portanto, a perda linguística. A língua faz parte da identidade cultural de um povo, ela é responsável pela transmissão da cultura, e quando passa a ocupar um lugar inferior, fazendo com que seus falantes a deixem de lado, acaba por ocasionar uma perda identitária, bloqueando, de certa forma, o equilíbrio com a ancestralidade daquele povo.

Contudo, diante das transformações culturais, os Munduruku do Amazonas passam a ser pessoas históricas coletivas que lutam para a perpetuação da cultura, mesmo que tenham passado por um grande processo de perdas, mas agora é a hora do ganho, a hora da cultura ser (re)vivida e (re)atualizada, é hora da revitalização de uma língua, pois esse era o sonho dos anciões que agora fazem parte da ancestralidade munduruku. Portanto, Canumã: a travessia mostra com grande maestria a importância que a língua e cultura possui para um povo, não restando dúvidas que a identidade cultural de um povo pode ser ressignificada.

Palavras-chave: Língua; Cultura; Identidade; Canumã; Ytanajé Cardoso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

BANIWA, G. L. **Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena**. Saberes e Identidades: Povos, Culturas e Educações. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. 295-310, maio/ago. 2017.

BELEZA, Adalberto Rodrigues. **Kwatá-Laranjal, história e reconquista da terra**. Manaus: SEDUC-AM, 2002.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Parábola Editorial, 2002.

_____. **As políticas linguísticas**. Parábola Editorial, 2007.

CARDOSO, Ytanajé Coelho. **Canumã: a travessia**. Manaus: Editora Valer, 2019.

_____. **Os últimos falantes da língua Munduruku do Amazonas: habitus, dialogismo e invenção cultural no campo discursivo**. Dissertação de mestrado, 2017. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1944>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.



_____. **A interculturalidade dialógica no currículo de linguagens da educação escolar munduruku: a ascensão da literatura indígena.** 2023. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2023. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9640>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

CHAUÍ, M. **A linguagem.** In: _____. Convite à filosofia. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura.** São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

FRANCÊS JÚNIOR, Celso. **Atitude linguística e revitalização da Língua Mundurukú: observações preliminares.** 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2014. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5951>. Acesso em 21 de janeiro de 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATTOSO CÂMARA Jr, Joaquim. **Língua e cultura.** Transcrito da revista Letras, 1955. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (sel e introdução) *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

SAPIR, Edward. **A Linguagem.** São Paulo: Perspectiva, [1921] 1949.

_____. **Cultura: genuína e espúria.** In: Pierson, Donald (org.). *Estudos de organização social.* São Paulo: Martins Editora, 1949.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Cala a boca Bárbara: Calabar e a canção de protesto brasileira

José Fornari¹

Em 1974, meio século atrás, o Brasil fervilhava sob o jugo opressor de uma ditadura militar. Nesse clima de medo e repressão, uma bomba teatral está prestes a explodir: "Calabar, o Elogio da Traição", peça de Chico Buarque e Ruy Guerra, é inesperadamente proibida pela censura.

A peça, um coquetel potente de desafio artístico e comentário político, chega carregando o peso de uma antecipação significativa. Chico Buarque, então um cantor e compositor com 30 anos recém completos, porém já renomado por suas músicas de protesto, engendra 11 canções originais na narrativa de Calabar. Essas canções, como "Tatuagem", "Não Existe Pecado do Lado de Baixo do Equador" e "Fado Tropical", são mais do que meros interlúdios musicais; são verdadeiras armas que o arsenal lírico de Buarque apresenta, disparando contra as injustiças políticas e sociais predominantes.

Mas "Calabar" vai além da crítica esperada ao regime político de então. Entrelaçada na tapeçaria da peça está um ato ousado de desafio, a canção: "Cala Boca: Bárbara". Essa se torna como que um toque de clarim, um ataque direto à censura que transcendeu o reino da ideologia política e passou a ditar moralidade, ética e até mesmo orientação sexual da sociedade. Esse esforço de silenciamento encontra outro eco em "Cálice", uma canção escrita por Buarque e Gilberto Gil em 1973, que captura de forma pungente a luta pela liberdade de expressão.

"Calabar" mergulha na história, tecendo uma narrativa em torno da figura titular, um "caboclo" do século 16, pessoa de ascendência mista portuguesa e indígena. Calabar, rotulado de traidor por se aliar aos holandeses em sua ocupação do nordeste do Brasil, torna-se um símbolo para os dramaturgos. Buarque e Guerra usam sua história para desafiar a noção simplista de traição, levando o público a considerar o contexto em que a lealdade e a dissidência são definidas.

Marcando um poderoso paralelo com as circunstâncias da ditadura, a peça propõe a questão de quem são os verdadeiros heróis e quem são os terroristas, como é o caso de Carlos Marighella, político, escritor e guerrilheiro, que atuou como deputado federal em 1946 e foi assassinado pelo regime em 1969.

Mas "Calabar" não para no comentário político. Ele também ultrapassa barreiras de uma forma impensável para a época. Embutida em sua narrativa, está uma história de amor entre duas mulheres, Bárbara e Ana de Amsterdã, expressa através das canções da peça. Este retrato de um relacionamento homossexual foi um

¹ Vínculo institucional: (Pesquisador, carreira Pq nível A. COCEN / NICS / Universidade Estadual de Campinas). E-mail do autor: fornari@unicamp.br.



ato radical, uma provocação direta contra uma sociedade profundamente conservadora ditada pelo regime militar de então.

O ano de 2024 marca aniversários significativos que ressoam com os temas explorados em "Calabar". Chico Buarque comemorou este ano o seu 80º aniversário, enquanto o Brasil relembra 60 anos do golpe militar de 1964 e regozija com os 50 anos da Revolução dos Cravos, em Portugal, evento que o próprio Buarque exaltou na canção "Tanto Mar".

"Calabar" permanece como um forte lembrete de uma época em que a expressão artística era sufocada, quando o amor era muitas vezes considerado subversivo e quando a dissidência era recebida com truculento rigor. Esta peça, nascida de uma era tumultuada, continua a segurar um espelho para a sociedade, provocando reflexão sobre as lutas persistentes pela liberdade, justiça e pelo direito de amar livremente.

Palavras-chave: Calabar, Canção de protesto, Chico Buarque.

REFERÊNCIAS

- ESCHE, Charles; BRADLEY, Will (Org.). Art and Social Change: A Critical Reader. [S.l.]: Tate Publishing, 2008.
- PINTO, Pedro Ramos. Introdução: A Revolução dos Cravos revisitada. In: Lisbon rising. Manchester University Press, 2015. p. 1-34.
- MARTINS, Christian Alves. Calabar – o elogio da traição, de Chico Buarque e Ruy Guerra - Uma Radiografia Estética dos Anos de Chumbo. In: ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina, 2005.
- BUARQUE, Chico Buarque canta: Pout Pourri da Peça Calabar (DVD Bastidores). [recurso eletrônico]. Local: Youtube, 2005. Disponível em: 3 de dezembro de 2015. <https://youtu.be/phC9EAYaud8?si=43UP2c9Ekgi3fvv1>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- SERRANO, Luiz Roberto. Há 50 anos, com a Revolução dos Cravos, nasceu um novo Portugal. Jornal da USP. São Paulo: USP, abr. 2024.
- GUERRA, R. Ruy Guerra fala sobre as composições para 'Calabar - O Elogio da Traição. [recurso eletrônico]. Local: Globo Play. Disponível em 02 de dezembro de 2017. <https://globoplay.globo.com/v/6329343>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- SPEKTOR, Matias. The United States and the 1964 Brazilian military coup. In: Oxford Research Encyclopedia of Latin American History. [Oxford]: Oxford University Press, 2018.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Quando a vida tece a arte: reflexões sobre a literatura militante de Lima Barreto

Paulo Dourian Pereira de Carvalho¹

O objetivo deste ensaio teórico é refletir sobre a literatura militante do escritor negro Lima Barreto (1881-1922). Este é um pequeno recorte da tese de doutorado intitulada *Reflexões sobre loucura e racismo a partir da literatura de Lima Barreto*, que estou prestes a defender no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). Através da análise de conteúdo e da interdisciplinaridade que envolve diálogos entre literatura, ciências sociais e história, na tese, e neste resumo, optei pela perspectiva ensaística a fim de aprofundar o estudo na obra e vida de Lima Barreto. Considero que o legado barretero trata-se de um “testemunho”, nos termos do pensamento de Agamben (2015).

A biografia do autor está permeada de perdas, inferiorizações e silenciamentos. A sua literatura militante, tal como ele a caracterizava, está o tempo inteiro evocando elementos biográficos, de modo a fazer com que a vida e a arte do escritor estejam o tempo inteiro entrecruzando-se. Ao falar de “literatura militante” para se referir aos escritos barreteros, designa-se uma escrita combativa e politicamente engajada que se opõe à desumanização advinda da escravidão e que moldava a sociabilidade da Primeira República. No romance *Recordações do Escrivão Isaias Caminha* podemos perceber esse viés militante, na obra, não só se percebe o cruzamento entre vida e obra do escritor, como a presença de potentes críticas sociais ao racismo, por exemplo.

Lima Barreto, através de sua escrita seja biográfica ou ficcional, traz à baila reflexões profundas sobre inúmeros temas sociais candentes nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Mergulhado em uma sociedade racista e classista, o autor criticou ferrenhamente os costumes daninhos do seu contexto histórico, sobretudo, por causa da cruel realidade, eivada de violência colonial e, também, pelas mais absurdas desigualdades que eram justificadas pelas teorias deterministas de diferenciação racial (SCHWARCZ, 1994). Após vivências em hospícios, que o levaram a uma aproximação com a loucura, Lima Barreto conseguiu observar de perto o cotidiano asilar. Tais experiências resultaram em escritos sobre a loucura, como nas obras *Diários do Hospício e Cemitério dos Vivos*, em que o autor se vale, novamente, do que viveu para tecer duras críticas sociais à realidade manicomial através de um estilo literário que Hidalgo (2008), vai classificar como “literatura de urgência”.

Outras obras como: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Diário Íntimo*, *Clara dos Anjos*, e alguns contos do autor, além das biografias escritas por Francisco Assis

¹ Doutorando em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). E-mail: paulo.dourian@hotmail.com.



Barbosa (2017) e Lilia Moritz Schwarcz (2017), *A vida de Lima Barreto: (1881-1922)* e *Lima Barreto-triste visionário*, respectivamente, permitiram o aprofundamento nas ideias do escritor. Na pesquisa da tese, autores (as) como: Giorgio Agamben (2015), Frantz Fanon (2008), Grada Kilomba (2010), Michel Foucault (1978), Achille Mbembe (2014), Djamila Ribeiro (2017), Silvio Almeida (2019) entre outros (as), ajudaram a tecer interpretações que realçam a voz estrondosa de Lima Barreto.

Após as análises, percebe-se que o escritor não era somente um crítico do seu tempo, mas também um resistente que usava a literatura que escrevia para sobreviver em meio à precariedade e escassez de recursos, à permanente crise familiar que fazia com que ele cada vez mais buscasse o álcool a fim de obter um pouco de alívio diante de uma vida repleta de obstáculos. O alcoolismo se soma aos seus delírios e sofrimentos mentais. Além disso, é preciso mencionar a falta de reconhecimento pelos pares literários que fez com que Lima Barreto fosse um excluído da cena intelectual, essa exclusão gerou um produto sentimento de rejeição e frustração que o acompanhou durante toda a sua vida. Em seus escritos mais íntimos, podemos perceber as dores que ele sentia devido ao tratamento de desprezo que recebia da sociedade. Entretanto, ao invés de guardar essas mágoas dentro de si, ele as transformou em fonte de inspiração para a sua arte literária.

Lima Barreto resistiu como se tivesse a missão de transmitir uma mensagem que dizia respeito não só a ele mesmo, mas também aos seus irmãos de destino, isto é, os pobres, negros e loucos que eram escurraçados socialmente e tratados como párias por uma sociedade que não acolhia a diferença, pelo contrário, a julgava e excluía. Em meio à insanidade, que era uma sociedade forjada sob a égide do racismo estrutural, Lima Barreto nos deixou o seu testemunho: uma poderosa literatura negra, crítica do racismo, da crueldade da vida manicomial e das históricas desigualdades sociais do nosso país.

Palavras-chave: Lima Barreto; Literatura militante; Racismo; Ensaio teórico.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha [Homo Sacer, III]**. Boitempo editorial, 2015.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto:(1881-1922)**. Autêntica, 2017.

BARRETO, Lima, A. H. **Diário Íntimo**. In. Lima Barreto: obra reunida, vol 2, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BARRETO, Lima, A. H. **Diário do hospício e O cemitério dos vivos**. Editora Companhia das Letras, 2017.



BARRETO, Lima, A. H. **Recordações do escrivo Isafas Caminha**. Prefácio de Francisco Assis Barbosa (1909). In. Lima Barreto: obra reunida, vol 2, 2ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivo Isafas Caminha**. Prefácio Francisco Assis Barbosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BARRETO, Lima, A. H. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Prefácio de Márcia Fusaro. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Ed. Perspectiva. 1978.

HIDALGO, Luciana. **Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura**. Annablume, 2008.

KILOMBA, Grada. A Máscara (Trad. por Jessica Oliveira de Jesus). **Cadernos de Literatura**, 2010. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>>. Acesso em: 16/07/2024.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Editora Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Espetáculo da miscigenação. **Estudos avançados**, v. 8, p. 137-152, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto-triste visionário**. Editora Companhia das Letras, 2017.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. **MASP Palestras | Lima Barreto: triste visionário.** 2018.

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WhWYXEMnZhw> >. Acesso em: 20/05/2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Ressignificação e Branquitude: novas propostas de análise

Lauro Geovany Damasceno Martins¹

A Ressignificação Discursiva enquanto movimento das camadas subalternizadas não é algo novo no espaço público. Diversos são os trabalhos que aplicam a teoria da resignificação discursiva de modo a testar a proficuidade deste dispositivo (Baronas, 2024; Ponsoni, 2023; Baronas, Costa, Fabiano, 2022; Baronas, 2021; Costa, 2021a; Costa, 2021b; Baronas, Costa, Conti, 2021). Todos, com muito sucesso, revelam-nos a pertinência de se teorizar e trabalhar com um aparato teórico de tamanha potência [d]e revolução, visto que serve como instrumento de emancipação de grupos sócio-historicamente marginalizados. Esse processo de inversão dos valores de determinadas formas languageiras que são empregadas para ofender sujeitos marginalizados agora é teorizado dentro do âmbito dos estudos linguístico-discursivos e opera, conforme Paveau (2021a), guiado por sete critérios linguístico-tecno-discursivos. Esse trabalho, de cunho teórico, objetiva apresentar as motivações de se pensar um oitavo critério para esse dispositivo teórico. Para tanto, alinhamo-nos aos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso francesa, mais especificamente os da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021b), objetivando refletir exclusivamente sobre a proposta teórica da resignificação discursiva, e não sobre os usos que materializam essa teoria. Para tanto, é válido ressaltar que a Análise do Discurso Digital opera sob três grandes pilares que são *sine qua non* para pensarmos a resignificação discursiva: (1) a abordagem ecológica da produção discursiva; (2) a visão simétrica das materialidades languageiras e (3) a perspectiva pós-dualista. Esses três componentes nos levam a pensar em uma nova forma de trabalhar com o discurso digital - não mais o concebendo como um discurso alocado no digital, mas um discurso que é nativo digital, que é constituído conjuntamente com o digital. As novas categorias de análise, advindas dessa ruptura com a Análise do Discurso tradicional, encaminham-nos a pensar a resignificação discursiva como igualmente constitutiva do digital. Um segundo momento deste trabalho de dissertação de mestrado nos leva a teorizar também dentro dos Estudos Críticos da Branquitude, um campo interdisciplinar de estudos em emergência nas últimas décadas, sobretudo no contexto brasileiro. Após um pequeno sobrevoo de revisão histórica da constituição do campo (Fanon, 2008; Memmi, 1957; Ramos, 1957; Schucman, 2023; Sovik, 2009; Frankenberg, 2004; DiAngelo, 2018; Bento, 2022), apontamos aquilo que podem ser os deslocamentos possíveis a partir de Cardoso (2008, 2017, 2020) para se pensar uma melhor categorização das práticas discursivas de ocupantes da branquitude. Tanto os ocupantes da branquitude não

¹ Mestrando em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: lauroeu@hotmail.com.



signatários, como temos chamado os que se põem no espaço público como aliados à luta antirracista, quanto aqueles que aderem a esse pacto racial intencionalmente, podem ter práticas raciais ora mais antirracistas, ora mais racistas. O desvencilhamento da categorização de "ser antirracista" ou "ser racista" nos possibilita pensar em posições não estanques, mas porosas, de entendimento do que é e pode ser a contribuição de ocupantes da branquitude para com a luta antirracista. Assim, em uma escala que alia um coeficiente de criticidade a outro de agentividade, a saber, a escala da crítico-agentividade, elencamos pelo menos seis posições possíveis para se pensar a (não) contribuição desses sujeitos à luta. No extremo polo direito da escala, indicando o mais alto grau de contribuição positiva à luta, temos a criticidade agentiva, seguida da criticidade performativa e da criticidade indiferente. Adentrando nos graus de práticas mais racistas, iniciamos a direita da escala com a não criticidade deslocada, a não criticidade meritocrata e, por fim, a não criticidade supremacista. O primeiro termo desses nomes (criticidade ou não criticidade) refere-se à presença ou ausência do autoquestionamento acerca dos privilégios recebidos, não somente ao reconhecimento ou não do recebimento dessas vantagens simbólicas e materiais. Por conseguinte, o segundo termo desses nomes elucida a categorização dos tipos de agentividade que esses sujeitos podem exercer, indo de um agir social mais antirracista ao mais racista. Ao categorizar as práticas raciais dos ocupantes da branquitude, e não, como é comum, os próprios sujeitos, retiramos a possibilidade de se pensar em denominações fechadas, estanques, imutáveis, quase sempre baseadas em argumentos frágeis, para partir para uma análise detida daquilo que é supraindividual e, por consequência, cabível a todos fazer ou evitar.

Palavras-chave: Ressignificação Discursiva; Análise do Discurso Digital; Discurso; Branquitude; Antirracismo.

REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. - 1ª ed. - São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Lourenço. O branco "invisível": um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957-2007). **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CARDOSO, Lourenço. A branquitude acrílica revisitada e as críticas. *In*: CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia. **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2017. 335 p.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. A branquitude acadêmica: Volume 2. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020. 355 p.

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista**: sejamos antirracistas. Tradução de Marcos Marcionilo. – São Paulo : Faro Editorial, 2018. 192 p.



MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador.** [Prefácio de Jean-Paul Sartre]; tradução de Marcelo Jacques de Moraes. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. - Salvador :EDUFBA, 2008. 194 p.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma Branquitude não marcada. *In:* WARE, Vron. (org.). Branquidade, identidade e multiculturalismo. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp. 307-338.

RAMOS, Alberto. Patologia social do "branco" brasileiro. *In:* RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995[1957], p. 215-240.

SCHUCMAN, Lia. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:** branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. Veneta: 2014.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Aqui_ninguem_e_branco_Rio_de_Janeiro_Ae.pdf. Acesso em: 23 maio 2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

LINGUAGEM NEUTRA NO CONTEXTO ACADÊMICO: DISCUSSÕES E DEMANDAS

Renata Vettorazzi¹

Entre os falantes de língua portuguesa (LP), há uma valorização social de uma versão idealizada da LP institucionalizada desde cedo: é nas escolas que se presencia a supervalorização da gramática normativa (Santana, 2024). No entanto, para Bakhtin (2011), o sentido do texto, isto é, pensamento que nasce sobre exposições de vontades, manifestações e expressões, reside na existência de um autor individual, singular e único. A partir desse viés, Santos Filho (2021, p. 1258-1259) considera que a presença da linguagem neutra (LN) no meio acadêmico-científico é vista como um ato subversivo, pois são ações que afrontam e confrontam a norma padrão e o “ideal linguístico”. Isso se dá em vista da crença vigente para produções científicas, na qual não há necessidade da voz do autor no texto, uma vez que a ciência se compromete a ser “neutra” e “objetiva”, e portanto, exige um afastamento da pessoa que escreve. Portanto, para ele, a construção acadêmica deve ser pautada em “[...] pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito, tematizar o que não deveria ser tematizado, isto é, trabalhar com tópicos inimagináveis, transgressores, indisciplinados, quebrando a unicidade” (Santos Filho, 2021, p. 1265).

Partindo desse pressuposto, o objetivo deste trabalho é investigar o uso factual da LN no meio acadêmico-científico, respondendo às seguintes questões: a LN é utilizada na academia? Como ela ocorre? Ocorre apenas quando esta é o tema da pesquisa? Está presente em diversas áreas do conhecimento? Quais?

A metodologia desta pesquisa envolveu a busca de publicações que se tratassem sobre LN ou a utilizassem em seus textos, ainda que não fosse o tema da pesquisa. Primeiramente, foram escolhidas as palavras-chaves a serem pesquisadas no Google Acadêmico. Delimitou-se que seriam selecionadas apenas publicações dos últimos 5 anos, presentes nas primeiras 5 páginas de resultados. Posteriormente, para cada artigo encontrado, avaliou-se os seguintes parâmetros: área de pesquisa, tema principal, utilização de linguagem neutra e, se este último parâmetro estivesse presente, a forma como ela é marcada, dentro das diferentes possíveis manifestações. Além disso, considerou-se a identidade da pessoa autora.

A seleção de publicações iniciou em 19 de setembro de 2023 e finalizou em 31 de outubro de 2023, com duração de um mês e onze dias. Logo, aquilo que foi publicado após esta data não foi considerado. Ao todo, durante os dois meses de pesquisa, utilizando as palavras-chave apresentadas, a busca resultou em 166 publicações. Destas, 86 eram publicações relevantes ao estudo e 80 apareceram como resultados em mais de uma busca.

¹ Graduanda em Letras - Português/Inglês na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: re.vettorazzi@gmail.com



Ao analisar a temática das publicações, constatou-se que 60 (69,8%) das publicações abordavam questões relacionadas à LN, enquanto 24 (27,9%) não tinham a LN como foco principal de discussão, e 2 (2,3%) apenas mencionam o assunto brevemente. As publicações que não pertenciam às áreas de linguagens ou educação eram poucas: apenas 35 publicações distribuídas por 14 áreas distintas, com destaque para a área de educação e jornalismo, que contavam com 9 e 4 publicações, respectivamente, enquanto as demais possuíam de 3 a 1 publicações com o tema.

Com base nesses resultados, investigou-se, então, o uso efetivo de linguagem neutra. Constatou-se que, embora 48 (55,8%) das publicações analisadas não utilizassem a LN, ela estava presente em 32 (37,2%) das publicações encontradas, indicando uma presença significativa, mas ainda minoritária, da LN.

Para o último aspecto desta pesquisa, está a identidade das pessoas autoras das publicações analisadas, que, como exposto por Bakhtin, é dessa forma que se compreende o texto. Nesse sentido, Schwartzmann (2022) estabelece que não é o gênero gramatical que torna uma língua mais ou menos inclusiva, mas que as escolhas do falante, que partem de reflexos da sua cultura e da sua identidade, que constroem tal aspecto. Assim, como mencionado anteriormente, um dos principais motivos para o uso da LN é identitário. Para dez das pessoas autoras desta pesquisa, a motivação de uso de LN está também relacionada à própria transgeneridade. Referente à porcentagem restante (4,7%), há quatro casos “parciais”, isto é, as pessoas autoras justificam que procuraram não identificar gêneros naquele estudo, mesmo sem o uso de neolinguagem.

Portanto, para que a LN ultrapasse os limites da transgressão linguística, e alcance a formalização da LN na língua portuguesa, é necessário que exista essa tentativa de inclusão, uso e reflexão desta. Tais iniciativas são também um ato político, pois a reivindicação da neutralização de gênero e desestabilizar sentidos cristalizados em uma estrutura de poder, construindo sentidos de luta política reivindicada (Santana, 2024).

Palavras-chave: linguagem neutra, letramentos acadêmicos, análise dialógica dos discursos, linguística aplicada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

SANTANA, Mauro Simões de. O GÊNERO NEUTRO: PINTANDO O PORTUGUÊS PARA A LUTA. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 2, p. 695–710, 2024. DOI: 10.14295/de.v9i2.13208.

SANTOS FILHO, I. I. dos. Afrontas queer/cu-ir: linguagem não-binária na escrita acadêmica (implicações políticas e possibilidades). **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 1256–1275, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.2003. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2003>. Acesso em: 3 mar. 2024.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. Língua, gênero e diversidade: o que tem a semiótica a ver com isso?. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 3, p. 258–278, 2022.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 4: Política e redes sociais

Debatedora: Greiciely Costa

Autores:

Bárbara Helena Daniel Santos

Amanda Costa da Silva

Juliana Andina Batista

Vanessa Lourenço

Alana Gabriela dos Santos Bastos



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Do palanque à plataforma: uma análise do discurso digital da direita brasileira no YouTube

Bárbara Helena Daniel Santos¹

Como explicitado por Michel Pêcheux (1995), a língua não é autônoma, a interpretação não é individual, e o sujeito não tem ingerência absoluta sobre sua fala. Sendo assim, para sermos capazes de falar, assumimos posições que são ideológica e historicamente construídas. No movimento de identificação do sujeito do discurso com o sujeito do Saber, se estabelece a posição-sujeito, delimitada por disputas e deslizamentos de sentido, estando em constante mutação. Frente ao uso das novas tecnologias da informação e da comunicação enquanto armas de expansão e recrudescimento de políticas de morte orquestradas pela extrema-direita, e com base nas concepções acerca do funcionamento da língua e da ideologia acima apresentadas, esta pesquisa se propôs, entre 2022 e 2024, a analisar os desdobramentos instados pela materialidade digital em relação à posição-sujeito político dentro da formação discursiva (FD) da direita brasileira.

No estudo dos efeitos do digital sobre os processos de subjetivação e do fazer-político no Brasil atual, estruturamos a noção de que o atravessamento do discurso político pelo discurso digital, quando concebido numa FD de direita, afeta essencialmente a posição-sujeito político dominante ali vigente. Isso porque, como aponta Indursky (2008), a mudança significativa nas condições de enunciação, aqui representadas pela materialidade digital, embora não cause uma interrupção na identificação do sujeito do discurso com a FD de origem, impõe uma forma fundamentalmente diferente de relacionamento com a ideologia que organiza a FD em questão. Esse atravessamento, portanto, força a posição-sujeito político dominante a desdobrar-se em algo outro: uma posição-sujeito dissidente, chamada aqui de posição-sujeito *youtuber* político, que por constituir, formular e circular o discurso a partir da plataforma e da ideologia neoliberal que a géri, assume outros contornos e características.

Em tempo, tomamos como superfície textual 58 vídeos: 40 do ex-deputado estadual paulista e membro do MBL, Arthur do Val, e 18 do atual deputado federal mais votado do país, Nikolas Ferreira. Para lê-los, utilizamos como embasamento teórico a corrente Análise do Discurso Digital (DIAS, 2018) somada às contribuições basilares de autores como Michel Pêcheux (1995, 2011), Jean-Jacques Courtine (2006, 2009), Eni Orlandi (2020, 1999), Freda Indursky (2008), e Cristiane Dias (2016, 2018, 2019, 2020, 2022). Como dispositivo analítico – lente densa, histórica e socialmente embasada, através da qual analisamos o arquivo elegido –, tomamos a teoria do neoliberalismo enquanto engenharia social e mecanismo de gestão do

¹ Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: b194494@dac.unicamp.br



sofrimento psíquico (SAFATLE, SILVA JR., DUNKER, 2021), e o conceito de capitalismo de plataforma como condição de produção da realidade contemporânea (SRNICEK, 2016. DIAS, 2018).

Os resultados obtidos durante os dois anos de formação no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp podem ser sintetizados na compreensão de que, atravessado pelo discurso digital, a posição-sujeito político desdobra-se em posição-sujeito *youtuber* político, a partir da qual o sujeito do discurso será instado a relacionar-se de forma ainda mais simbiótica com a ideologia neoliberal, que está no cerne da construção, funcionamento e uso das plataformas, mais especificamente do YouTube. No que tange os efeitos sobre o e-leitor (leitor ideal, aquele que se identifica com o discurso digital em questão), compreende-se que estes são “de uma desmobilização mobilizada – uma mobilização coletiva voltada ao individualismo; uma desmobilização geral, incentivada e difundida a partir de um grupo com interesses na desarticulação das lutas populares e por igualdade” (DANIEL, 2024, p. 94).

Na pesquisa concluímos que uma noção radical de indivíduo é usada para criar “nichos de conteúdo segmentado, valendo-se da máxima da liberdade de expressão para equiparar as instâncias do ‘fazer circular’ às do ‘ser’”, centralizando “sujeito e conteúdo em algo unívoco, norteados pela lógica da acumulação de capital, ainda que esta possa ser antiética e imoral” (DANIEL, 2024, p. 95). Em outras palavras, toda a construção da plataforma – os conteúdos incentivados e impulsionados por ela, seus anúncios e recomendações de conteúdo – trabalha para a circulação infinita de informação que, em última instância, delineia uma nova forma de fazer política, tanto a nível institucional quanto a nível social. Vale lembrar, ainda, que esta nova forma é essencialmente pautada em mentiras, teorias da conspiração e propagandas abertamente anti-ciência.

Como conclusão e a partir de uma análise histórico-material, refletimos, na dissertação, sobre como o processo aqui descrito está diretamente ligado ao esgarçamento do tecido democrático ao redor do mundo, e intimamente relacionado com o avanço do fascismo a partir da década de 2010, ante a mais recente crise do capital.

Palavras-chave: Discurso Político; Discurso Digital; YouTube.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. 1a. Ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.

_____. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. 1a. Ed. São Carlos: Claraluz. 2006.

DANIEL, B. **Do palanque à plataforma: uma análise do discurso digital da direita brasileira no YouTube**. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 111. 2024.



DIAS, C. **A materialidade digital da mobilidade urbana:** espaço, tecnologia e discurso. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 37, jan-jun, 2016.

_____. **Análise do Discurso Digital:** sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes. 2018.

_____. **Circulação e produção:** quantidade na materialidade digital. In: FERNANDES, Célia Bassuma; GARCIA, Dantielli Assumpção. 1a. Ed. Campinas: Pontes, 2022.

_____. **Memória metálica. In.:** Enciclopédia virtual da Análise do Discurso e áreas afins. 2020. Campinas: UffTUBE. 2020. [vídeo]. (5 minutos). Disponível em: <youtube.com/watch?v=u0Pf4OXFwQw&ab_channel=enciDISUFFs>.

_____. **Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes.** *Revista de la Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos*, 2019, pp. 55-74.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). *Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua*. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008. (Col. Ensaio, 22).

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. 13ª Ed. Pontes. Campinas. 2020.

_____. **Do sujeito na história e no simbólico.** In: ORLANDI, E. *Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos*. 1ª. ed. Campinas: Editora Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 2a. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

SAFATLE, V.; SILVA JR., N. da; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** 1a. Ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.

SRNICEK, N. **P Cambridge:** Polity Press, 2016.

Linguagem, gênero e política: um estudo das representações feministas nas eleições de 2022 através das mídias sociais.

Amanda Costa da Silva¹

Tendo em vista a importância da influência feminista na política brasileira, o presente trabalho tem como objetivo compreender algumas das características textuais e discursivas da produção textual de mulheres feministas organizadas por meio de mídias sociais. Em nosso estudo, observamos as publicações de textos de quatro sites selecionados a partir do *corpus* do projeto de pesquisa (BENTES, 2022), apoiado pelo CNPq, intitulado *Feminismos e linguagem nas mídias sociais: analisando processos textuais e discursivos de organizações feministas*. Nosso objetivo mais geral foi compreender a atuação política desses sites jornalísticos feministas durante os períodos antes, durante e depois das eleições gerais de 2022. Nossos objetivos específicos foram: i) levantar as principais tematizações produzidas pelos sites selecionados durante as eleições de 2022; e (ii) analisar essas tematizações das eleições de 2022 por parte de organizações feministas. Consideramos que os quatro sites que observamos pertencem ao que Bourdieu (1997) define como um dos campos sociais importantes, o campo jornalístico, e que, na esteira do pensamento bourdiano, os feminismos nas mídias digitais podem ser concebidos como campos discursivos de ação (ALVAREZ, 2014). Os sites analisados são: Revista AzMina, Blogueiras Negras, Agência Patrícia Galvão e Portal Geledés. No processo de elaboração de nossas análises, levamos em consideração os diversos gêneros textuais pelos quais os sites expressam suas ideias. Durante a análise, examinamos individualmente cada texto para, então, classificá-los de acordo com as teorias do gênero do discurso (Bakhtin [1979] 1997). Fizemos a seleção dos textos de cada site considerando os meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2022. Esse período foi escolhido com objetivo de observar o período pré-eleitoral, (meses de agosto e setembro), o eleitoral, (mês de outubro), e o período pós-eleitoral, (meses de novembro e dezembro). Em cada um dos sites observados, é possível filtrar os textos por temas nas suas respectivas abas. Assim, optamos por escolher o tema "política" para fazer a filtragem. Os textos que surgiram a partir dessa busca foram organizados em tabelas. Criamos uma tabela para cada site e nelas incluímos os textos selecionados, classificando-os de acordo com as seguintes informações: Data de Publicação, Título, Veículo, Autor(a), Temática Predominantes, Gênero, *Link* e Observações. Dado o grande número de seguidores que essas organizações têm no Instagram, decidimos incluir também as suas publicações nessa rede social, focando nos meses analisados e adotando o mesmo critério: tratar do tema política. Para padronizar a seleção das publicações, examinamos o *feed* do Instagram de cada um durante o período escolhido, e registramos as informações em uma tabela, contendo os mesmos dados mencionados anteriormente. Coletamos, ao todo, 79 textos. Em uma primeira análise, os resultados revelam que poucos dos textos coletados nos sites abordam diretamente as eleições de 2022. Além disso, notamos que a maior parte das publicações possui temáticas semelhantes, como, por exemplo, a violência de gênero na política. No contexto de nossa análise, levamos em consideração a categorização temática dos textos feita pelos sites, além de considerar o gênero textual como uma categoria analítica importante. Durante a análise do corpus, lemos cada texto para classificá-los em gêneros específicos que estabelecemos previamente neste trabalho. Em alguns casos, o próprio site definiu o gênero do texto, nesses casos, seguimos a categorização feita pelo site. Por esse motivo, planejamos analisar quais os temas são mais frequentes nos textos selecionados. Ao analisar as tabelas, percebemos que a

¹Graduanda de Licenciatura em Letras - Instituto de Estudo de Linguagens. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: a237150@dac.unicamp.br

maioria dos textos está classificada como notícia e reportagem. Acreditamos que isso ocorre porque todos os sites estão inseridos no campo jornalístico e têm como objetivo noticiar e destacar pautas negligenciadas pela mídia tradicional ou que não recebem a devida atenção, especialmente em relação a questões de gênero. No Instagram, as eleições foram abordadas de forma mais direta, com postagens denunciando o governo Bolsonaro, expressando apoio direto ao candidato Lula e, após sua vitória, destacando as medidas tomadas pelo novo presidente.

Palavras-chave: feminismo; mídias sociais; eleições

Referências bibliográficas

ACCETTURI, Ana Cecília Almeida. Atores, temáticas e categorias sociais em gêneros televisivos brasileiros. Dissertação (mestrado) - Linguística, UNICAMP, Campinas, SP : [s.n.], 2018.

ETULAIN, Inês. Fúria feminista: análise do estilo linguístico-discursivo de uma colaboradora. Orientação de Anna Christina Bentes. Campinas, SP: [s.n.], 2021. TCC. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/2766>.

ALMEIDA SANTOS, Jaqueline de. Agência de notícias Patrícia Galvão: uma abordagem textual-discursiva. 2022. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/4899>. Acesso em: 9 jul. 2024.

SARMENTO, R. Das sufragistas às ativistas 2.0: Feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016). 2017. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AQKHD4/1/tese_rayza_sarmento_vers_o_biblioteca.pdf.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Violência política de gênero nas redes: a ciberviolência contra candidatas nas Eleições de 2022

Juliana Andina Batista¹
Renata de Oliveira Carreon²

A violência política de gênero é caracterizada pela agressão física, psicológica, econômica, simbólica ou sexual contra a mulher, tendo como finalidade impedir ou restringir o acesso e exercício de funções públicas e/ou induzi-la a tomar decisões contrárias à sua vontade, conforme descrição do Ministério dos Direitos Humanos (julho 2024). Inclui-se nesta concepção as eleitas, as candidatas aos cargos eletivos, as ocupantes de cargos públicos, as dirigentes de conselhos de classe, de empresas estatais e das entidades de representação política.

Elucidado o que consiste a violência política de gênero, buscaremos compreender o funcionamento da ciberviolência política sofrida por mulheres nas redes sociais de modo a observar como o discurso da violência digital encontra amparo na circulação e regionalização de dizeres da *Web*. Nesse sentido, buscaremos entender de que modo o digital e a exterioridade constitutiva cooperam para a produção de sentidos dos dizeres violentos.

Para a análise, observaremos a ciberviolência praticada na plataforma *X* (antigo *Twitter*), no perfil das deputadas federais Sâmia Bomfim e Natália Bonavides, candidatas à época, durante as eleições de 2022 no Brasil. Serão coletados e analisados comentários direcionados à candidata considerando o viés de gênero, com o objetivo de identificar e categorizar as formas de violência política de gênero circuladas nos comentários das publicações da candidata durante o processo eleitoral (16 de agosto a 02 de outubro de 2022).

A escolha do período de análise se dá por ser a 1ª Eleição após a aprovação da Lei nº 14.192 (4 de agosto de 2021) que reconhece a violência política de gênero como crime. As mulheres representam 53% do eleitorado brasileiro, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral, mas ocupam apenas 18,2% dos cargos eletivos no Brasil. Para Biroli (2018) numa sociedade patriarcal, na qual a mulher geralmente é descrita como sexo frágil, delicada e destinada aos cuidados da família, “a divisão sexual do trabalho, pelo modo como é configurada, implica menor acesso das mulheres a recursos relevantes, como tempo” (Biroli, 2018), resultando na menor atuação nos espaços políticos.

A questão central da Análise de Discurso Digital é pensar o modo de produção dos sentidos e dos sujeitos em função da centralidade das tecnologias na organização

¹ Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas.) E-mail: juliana.andina@gmail.com

² Professora permanente do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC). E-mail: renatacarreon@gmail.com



da vida em sociedade, mas sobretudo, na ordem do mundo. É nesse sentido que tomamos o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas (Dias, 2018).

O material será coletado a partir de distintas materialidades que presentifica a ciberviolência política de gênero nas redes sociais das deputadas Sâmia Bomfim e Natália Bonavides. Um primeiro caminho para a constituição do arquivo partirá de “ferramentas de violência política eleitoral” (Machado; Schlichting, 2020) - que consistem em imagens, links, textos, retuítes presentes dentro dos comentários dos posts das candidatas.

Pretendemos categorizar esses comentários com base em diferentes formas de violência, como insultos, ameaças, desqualificação e outras manifestações agressivas que caracterizem ciberviolência política de gênero. A partir dessas categorias, analisaremos como estes discursos violentos são sustentados e disseminados nas redes sociais. A questão central da Análise do discurso digital (ADD) é pensar o modo de produção dos sentidos e dos sujeitos em função da centralidade das tecnologias na organização da vida em sociedade, e sobretudo, na ordem do mundo.

Assim, acreditamos que compreender a ciberviolência política de gênero a partir dos pressupostos da análise do discurso digital materialista (Dias, 2018) pode trazer luz não só à violência sofrida pelas deputadas Sâmia Bomfim e Natália Bonavides, mas à própria existência desse sujeito diante da reconfiguração do Estado no capitalismo de plataforma e, por consequência, a sua individualização como sujeito no digital.

Palavras-chave: Ciberviolência política de gênero; Análise do Discurso; Discurso, gênero e desigualdade.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. O golpe na perspectiva de gênero. Organizado por RUBIM, Linda Silva Oliveira; ARGOLLO, Fernanda. Salvador: Edufba, 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Violência política. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/mais-mulheres-na-politica/violencia-politica>. Acesso em: 15 jul. 2024.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 1-202.

INTERNETLAB; REVISTA AZMINA; NÚCLEO JORNALISMO. MonitorA: relatório sobre violência política contra candidatas(os) online. Edição 2022. São Paulo, 2023.



LEITÃO, Cláudia. O golpe na perspectiva de gênero. Organizado por RUBIM, Linda Silva Oliveira; ARGOLO, Fernanda. Salvador: Edufba, 2018.

MACHADO, G. T.; SCHLICHTING, J. L. M. Violência política de gênero nas redes sociais: quando o discurso de ódio e os crimes eleitorais servem de ferramenta para a violência no processo eleitoral. In: SEMINÁRIO DISCENTE DE CIÊNCIA POLÍTICA DA UFPR (SDCP), II, 2021, dezembro.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Cartilha ajuda a identificar tipos de violência política contra a mulher e mostra como denunciar. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/cartilha-ajuda-a-identificar-tipos-de-violencia-politica-contra-a-mulher-e-mostra-como-denunciar>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Lei que tornou crime violência política de gênero completa dois anos com 124 casos monitorados pelo MPF. Disponível em: [https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/2023/lei-que-tornou-crime-violencia-politica-de-genero-completa-dois-anos-com-124-casos-monitorados-pelo-mpf#:~:text=2023%20%C3%A0s%2012h0-,Lei%20que%20tornou%20crime%20viol%C3%Aancia%20pol%C3%ADtica%20de%20g%C3%AAnero%20completa%20dois,124%20casos%20monitorados%20pelo%20MPF&text=A%20Lei%2014.192%2F2021%2C%20que,s exta%2Dfeira%20\(4\)](https://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/2023/lei-que-tornou-crime-violencia-politica-de-genero-completa-dois-anos-com-124-casos-monitorados-pelo-mpf#:~:text=2023%20%C3%A0s%2012h0-,Lei%20que%20tornou%20crime%20viol%C3%Aancia%20pol%C3%ADtica%20de%20g%C3%AAnero%20completa%20dois,124%20casos%20monitorados%20pelo%20MPF&text=A%20Lei%2014.192%2F2021%2C%20que,s exta%2Dfeira%20(4)). Acesso em: 16 jul. 2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Notícias no Instagram: A problemática de se informar por redes sociais

Vanessa Lourenço de Souza¹
Silvio Seno Chibeni²

Não é novidade para ninguém que vivemos em um mundo amplamente conectado onde toda informação produzida pela humanidade está facilmente acessível na palma da mão através dos nossos smartphones. Com tanta informação disponível, é fácil perceber que a forma pela qual buscamos e consumimos informações mudou drasticamente nos últimos 30 anos. Se antigamente nossos pais precisavam sair de casa e andar até uma banca de jornal para conseguir ler as notícias do dia, hoje em poucos minutos temos acesso às informações do mundo todo por meio da internet, principalmente das redes sociais.

A fim de compreender melhor como a população brasileira consome informações sobre ciência, o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) realizou em 2023 uma pesquisa de percepção pública da C&T. Nesta pesquisa, observamos que 73% da população brasileira utilizam as plataformas digitais para obter tais informações, sendo que 40% dessas pessoas utilizam diretamente as redes sociais, principalmente o *Instagram*, enquanto 23% utilizam jornais ou revistas on-line. Analisando esses dados, podemos inferir que o brasileiro se informa por meio de *posts* e vídeos curtos no *Instagram* e, em alguns casos, vão atrás dessas informações nos *sites* de jornais e revistas.

O assunto deste ensaio foi escolhido a partir do relatório “A ciência em diferentes áreas, análise dos discursos midiáticos na imprensa profissional e nas mídias sociais” e na minha própria formação em ciências biológicas focada em astrobiologia. Além disso, o formato utilizado pelos jornais para apresentar conteúdos de ciência nessa plataforma é por meio de uma imagem contendo o título da matéria e uma breve descrição na legenda da foto, o que possivelmente se relaciona com a compreensão limitada do assunto.

Observando este cenário, questiono-me: como as pessoas interagem com conteúdos de ciência no *Instagram*? Pensando em responder essa questão, foram analisadas duas postagens sobre astronomia feitas pela CNN Brasil (@cnnbrasil) no *Instagram* para identificar quais os possíveis problemas que podem aparecer nos *posts* dessa rede social.

O relatório supracitado observou que, em *sites* de jornais, matérias relacionadas a astronomia e engenharia aeroespacial são os assuntos mais abordados,

¹ Mestranda em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas. E-mail lourencovlds@gmail.com.

² Prof. titular do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Estadual de Campinas. E-mail silviochibeni@gmail.com.



totalizando 40% das publicações sobre C&T. Referente ao Instagram, o mesmo relatório classifica o *perfil* da CNN Brasil como sendo o 2º perfil de jornalismo profissional que mais apresenta interações dos usuários em suas postagens, o que justifica a análise de posts e comentários em seu perfil.

No primeiro *post*, de 7 de fevereiro de 2024, vemos duas imagens no formato carrossel, sendo a primeira do planeta Saturno com o título “Pesquisadores detectam oceano em lua gelada de Saturno” e a segunda, da lua Mimas. Esta, porém, não está identificada. Na descrição da imagem lê-se:

“OCEANO EM LUA DE SATURNO. Pesquisadores descobriram que Mimas, uma lua de tamanho médio de Saturno, possui um oceano abaixo de sua superfície congelada. O mar estaria de 20 a 30 km abaixo da superfície. Segundo os cientistas, a descoberta leva a crer que há a possibilidade de sustentação de organismos vivos em Mimas, já que a interação da água com o núcleo rochoso da lua geraria energia química necessária para isso.”

Essa postagem possui 22.866 curtidas até o momento da análise e 297 comentários, sendo 67 comentários relacionados à postagem. Os outros comentários se dividem em política, religião, apenas emojis e marcações de outros usuários. Dos 67 comentários relacionados à postagem, 47 eram relacionados a dúvidas sobre a matéria, sendo elas:

1. como foi feita a detecção (10,6%)
2. em relação à imagem postada (27,6%)
3. sobre a veracidade da informação (12,8%)
4. sobre a importância dessa pesquisa (6,4%)
5. conceituais (42,5%)

Observa-se pelas dúvidas apresentadas que o formato atual de postagens não supre as necessidades dos usuários. Se eles fossem procurar pela matéria completa, o único local onde essas informações são disponibilizadas é na matéria jornalística no site da *Nature*. Para encontrar essa informação, o usuário precisaria primeiramente sair do aplicativo do Instagram, entrar no navegador, procurar pelo *site* da CNN, encontrar a notícia desejada e clicar no *hiperlink* para levá-lo ao site da *Nature*, onde encontrará a informação completa, em inglês. Esse longo caminho é devido ao funcionamento do próprio Instagram, que impede postagens com *hiperlinks* que levam a *sites* para fora do aplicativo.

Sendo as redes sociais uma das principais fontes de informação, é importante melhorar como o jornalismo científico se comunica com a população. No caso do *Instagram*, fazer posts com fotos sem explicações e legendas com pouca informação parece não ser eficiente para o entendimento da matéria. A meu ver, as duas melhores formas de comunicar uma informação nessa rede social são mediante vídeos curtos ou carrosséis de imagens com informações curtas em formato de tópicos, como alguns jornais já fazem para notícias que consideram mais relevantes.

Entendo que simplesmente melhorar como a divulgação e o jornalismo científico são feitos nas redes sociais não vai diminuir diretamente a quantidade de desinformação circulando nas redes ou mesmo fazer com que as pessoas parem de acreditar em conteúdos pseudocientíficos, porém melhorar como os jornais



comunicam C&T para a população pode evitar confusões conceituais e abrir um espaço para melhor comunicação entre os jornalistas de ciência e a população.

Palavras-chave: Divulgação científica; Astronomia; Redes sociais.

REFERÊNCIAS

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. Percepção pública da C&T no Brasil - 2023. Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024. 30 p.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS – CGEE. A ciência em diferentes arenas. Análise dos discursos midiáticos na imprensa profissional e nas mídias sociais. Brasília, DF: 2024. 112p

Pesquisadores detectam oceano em lua gelada de Saturno. CNN Brasil, 2024.

Disponível em:

[<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/pesquisadores-detectam-oceano-em-lua-gelada-de-saturno/#:~:text=Pesquisadores%20descobriram%20que%20Mimas%2C%20uma,s%C3%A3o%20esp%C3%A9cies%20de%20mundos%20oce%C3%A2nicos>].

Acesso em: 08, jun 2024

Imagem de lua de Júpiter revela indícios de água líquida sob o gelo. CNN Brasil.

Disponível em:

[<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/imagem-de-lua-de-jupiter-revela-indicios-de-agua-liquida-sob-o-gelo/>]. Acesso em: 08, jun 2024



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Preconceito e tecnologia: reflexões sobre a Gordofobia Algorítmica

Alana Gabriela dos Santos Bastos¹

Embora a inteligência artificial (IA) seja frequentemente vista como uma tecnologia autônoma, há um considerável trabalho humano que é essencial para seu funcionamento. Esse trabalho humano abrange diversas atividades, desde o desenvolvimento e treinamento de modelos de IA até a supervisão contínua e ajuste dos sistemas em que os sujeitos são responsáveis por coletar e organizar dados que alimentam os algoritmos de IA, assim para que os modelos aprendam a partir dos dados, é necessário que humanos rotulem ou anotem estes dados, identificando características importantes. Com a disseminação da ideia dessas tecnologias como autônomas, há uma isenção de responsabilidade em assumir que plataformas que se propõem disruptivas podem perpetuar preconceitos, situação preocupante, uma vez que as sugestões e informações fornecidas pelos algoritmos podem influenciar os sujeitos de maneira significativa. Para a análise do discurso, o conceito de que nenhum sujeito é neutro é fundamental para compreender a constituição, a formulação e a circulação dos discursos. A partir desse contexto, digital, e percebendo dentro dele discursos que se relacionam à corporalidades gordas, nos propomos a analisar de forma discursiva como a gordofobia algorítmica se manifesta em conversas com chatbots, como o *ChatGPT* e o *Microsoft Bing*, *chatbots* baseados em Inteligência Artificial (IA) Generativa e também em pesquisas em bancos de imagens, como o *Google Images* e o *Pexels*. A gordofobia é nome dado ao fenômeno social ligado ao preconceito, discriminação e estigmatização direcionadas às pessoas gordas e pode se manifestar de várias formas, como pela marginalização social dessas pessoas em ambientes escolares e profissionais, por meio da representação na mídia, em filmes e séries, programas de televisão, publicidade, que frequentemente, retrata pessoas gordas de forma estereotipada, podendo desencadear problemas de saúde física e saúde mental, como baixa autoestima, ansiedade e depressão, e a exclusão social. No entanto, o que em especial nos interessa para esta pesquisa é o funcionamento da gordofobia enquanto fenômeno linguageiro e agora, com a ascensão tecnológica, algorítmico, ou seja, a gordofobia algorítmica que ocorre pela reprodução de estigmas por meio de algoritmos e sistemas de inteligência artificial. Partindo da filiação a uma formação algorítmica em certa região da memória digital, tanto no ambiente digital quanto no *offline*, para esta análise, nos fundamentamos em teorias que abordam a concepção de que o corpo do sujeito não existe de maneira isolada, uma vez que é atravessado pelos sentidos e significados constituídos no determinado contexto sócio-histórico em que se inscreve. Esta perspectiva nos permite explorar como as tecnologias e os

¹ Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas.
E-mail do autor: alanagbastos@gmail.com



algoritmos não apenas moldam a experiência individual, mas também estão imersos em dinâmicas sociais e históricas que impactam no entendimento e na percepção do corpo e da identidade do sujeito. Sabendo que ao longo do tempo, houveram muitas estratégias que objetiva(va)m estabelecer controle sobre as mulheres, e que, atualmente, um dos principais meios de tentativa de dominação de corpos femininos é a imposição de padrões estéticos que privilegiam corpos magros, jovens e brancos e percebendo que o digital produz incontáveis discursividades relacionadas ao corpo, nos interessamos principalmente nos processos enunciativos que englobam o corpo gordo feminino e as produções de sentido que se inscrevem em formações discursivas gordofóbicas, deste modo estabelecemos como objetivo desta pesquisa compreender a gordofobia algorítmica, investigando como algoritmos e sistemas de inteligência artificial perpetuam preconceitos e discriminação contra mulheres gordas a partir da filiação à uma memória digital. Para isso, pensando nos modos de existência do corpo gordo, trabalharemos sua inscrição a uma rede de memória que é textualizada tanto pelo corpo social quanto pelo algoritmo, nos fundamentando nos conceitos teóricos e metodológicos abordados pela Análise do Discurso Materialista, sobretudo os postulados por Eni Orlandi (2001, 2017, 2020) e por Cristiane Dias (2018, 2023) na Análise do Discurso Digital, considerando também o campo de estudos do corpo gordo, perspectiva que objetiva a despatologização desses corpos, especialmente os pressupostos de Malu Jimenez (2017, 2022).

Palavras-chave: Análise do Discurso Digital; Inteligência Artificial; Gordofobia.

REFERÊNCIAS

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 44, v. 3, p. 972-980, set./dez. 2015.

DIAS, Cristiane. A análise do discurso digital: um campo de questões. *Caderno de Estudos do Discurso e do Corpo*, v. 10, n. 2, p. 8-20. 2016.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: a questão da memória. In: CARREON, R. O; RUIZ, M. A. A.; ARAÚJO, L. M. B. M. *Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas*. São Paulo: Letraria, 2023.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. *Campinas: Pontes Editores*, 2018. p. 1-202.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Revista Epistemologias do Sul, UNILA*, v.4, 2020b.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa. Gordofobia, fascismo e saúde em tempos pandêmicos. *Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos*, 2023.

ORLANDI, E. P. *Discurso e Texto – Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.



ORLANDI, E. Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2020.

SILVA, Tarcísio. Racismo Algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 5: Divulgação e cultura

Debatedora: Laís Fraga

Autores:

Anesio Marreiros Queiroz

Gabriel Diniz Gruber de Oliveira

Bárbara Fernandes Silva

José Vinício Archanjo Júnior

Maria Gabriela Santana da Silva

Bianca Mafra Elia



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Análise discursiva de *Um apólogo* de Machado de Assis: escravidão e luta de classes

Anesio Marreiros Queiroz¹

Com este trabalho, sob a perspectiva teórico-metodológica da análise de discurso materialista, fundamentada em autores como Michel Pêcheux (2014), Silva Sobrinho (2011), entre outros, propomos um exercício de análise da obra *Um apólogo* de Machado de Assis. Este foi escrito na década de 80, do século XIX, e assim como muitas outras obras machadianas, apresenta um caráter realístico/irônico marca que lhe é característica. O fato de Machado de Assis ser um dos mais importantes escritores brasileiros, conhecido por seu humor ácido e por uma ironia aliada a um ceticismo, além das frequentes críticas sociais e políticas que esse escritor fazia, de forma sutil e bem-humorada, foi o que motivou a escolha deste objeto de pesquisa. Machado de Assis viveu durante a segunda metade do século XIX e escreveu o texto “um apólogo” no ano de 1885. O texto narra a conversa entre uma agulha e uma linha, ambas pertencentes a uma costureira habilidosa que trabalha esforçadamente para atender às exigências de ‘sua baronesa’. Porém, não pretendemos empreender sobre esse apólogo uma análise literária, mas discursiva, nesse sentido, importa salientar que a AD materialista não considera a linguagem como uma ferramenta neutra cujo único propósito seria o de expressar ideias e/ou informações, mas como uma forma de prática social atravessada por relações de poder, que espelha e (re)produz as estruturas sociais e as condições materiais da sociedade em que é produzida. Destacamos, ademais, consoante Pêcheux (2019, p. 35), que uma análise discursiva não analisa um discurso como um texto, isto é, “como uma sequência linguística fechada sobre si mesma”, ao contrário, “é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”, isto é, das circunstâncias de um discurso. É, pois, deste modo que empreenderemos nossas análises dessa obra machadiana, com o objetivo de explicitar os efeitos de sentido que faz circular acerca da sociedade brasileira de sua época, bem como compreender o modo como estes se (re)atualizam, por um efeito de memória, na sociedade atual, entendendo que um discurso não é uma reprodução aleatória de dizeres já-ditos, mas uma prática efetivamente determinada pelas relações históricas (Silva Sobrinho, 2011). A partir de nossas análises, observamos o modo como em *Um apólogo*, os personagens “agulha” e “linha” são atravessados por uma ideologia capitalista de tal modo que o cerne da discussão entre elas não está no fato de que estas têm sua mão de obra explorada, mas no de quem exerceria o papel mais importante no processo produtivo. Pudemos explicitar ainda o

¹ Doutorando em Linguística. Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
E-mail: beckmarreiros@gmail.com.



modo como nela (obra machadiana) se (re)produz, por um lado, um efeito de crítica às questões sobre o modo de divisão e de exploração do trabalho que já circulavam à sua época (burguesia, de um lado, trabalhadores e escravizados, de outro), mas por outro lado, um efeito de ratificação do modo de produção capitalista que, por um efeito de memória, figura no imaginário social até os dias atuais. Não é difícil encontrar em nossa sociedade sujeitos identificados com os discursos da “linha” e/ou da “agulha” que, embora explorados, acreditam que dando o máximo de si conseguirão ser bem-sucedidos, podendo, quem sabe, chegar a ocupar o mesmo lugar que o patrão, como se a sociedade capitalista, como afirma Costa (2014, p. 98), fosse a da oportunidade, como se bastasse o sujeito estudar, trabalhar, ser competente, disciplinado, ter boa vontade para conquistar seu lugar (ao sol). Pelas análises, explicitamos uma (re)produção pelo discurso das personagens de uma máxima capitalista, a saber, a de que “o trabalho dignifica o homem”, produzindo um efeito de evidência acerca da exploração do trabalhador pela burguesia.

Palavras-chave: Um apólogo; Machado de Assis; Capitalismo; Análise do discurso.

REFERÊNCIAS

COSTA, Greciely Cristina da. Discursividades de inclusão e a manutenção da exclusão. In: FERREIRA, Eliana Lucia; ORLANDI, Eni. P. *Discursos sobre a inclusão*. Niterói: Intertexto, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Análise do discurso e a insuportável luta de classes na teoria e na prática. In: TFOUNI, Leda Verdiani; MONTE-SERRAT, Dionéia Motta; CHIARETTI, Paula (org.). *A análise do Discurso e suas interfaces*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Florestas desaparecem no incendiar de línguas: laços da logosfera à biosfera de Abya Yala.

Gabriel D. Gruber¹

Como se dá a relação entre as línguas ameaçadas de extinção e as explorações múltiplas da natureza? A presente pesquisa se propõe a turvar os limites dos conceitos hegemônicos de língua e linguagem ao dissertar sobre as pressões ideológicas que fundiram um descritivismo linguístico a um prescritivismo desde a organização da ciência linguística no Ocidente, isso tudo como resultados de propostas de dominação local e global na geopolítica predatória que vem dizimando as nações endêmicas e indígenas do Sul Global.

Louis-Jean Calvet (1971) cunha o termo glotofagia na tentativa de explicitar a pulsão ocidental pelo altericídio. O tremendo impulso colonial desperto nas entranhas europeias e estadunidenses de levar a extinção e/ou submissão tudo que é o Outro, se desdobra nessa guerra de línguas, como denomina Calvet (1971). Esse predatismo glotofágico como a geopolítica clássica prevê, segundo Kandjimbo (2022), precisa ser combatido por meio de uma geopolítica crítica que se inunde das contranarrativas do eurocentrismo e na restauração de uma nova imaginação política.

O frio concreto no abafado dilúvio flutuante da poluição das megametrópoles, o inferno manufaturado entregue às imensidades constelares das florestâneas, um falso sagrado entramado ao parasitismo, e a pobreza e proletarização imposta às milhares de humanidades e não-humanos do mundo são podres desdobramentos da mesma raiz desta guerra das línguas. Na indissociabilidade destes fenômenos, seus enfrentamentos também devem ser indesligáveis.

As línguas endêmicas de Abya Yala foram predadas ou represadas por uma variedade de estratégias, pressões econômicas, imigrações invasivas, políticas linguísticas declaradamente eugenistas, normatizações educacionais, infantilização e primitivação de suas línguas, desmonte das epistemes estruturantes, etc. Todavia, o ramo em comum do qual adveio tais projetos continua a ser o colonialismo.

Para discutir a ponta do iceberg, Chenelle Dupuis (2019) escreve: “quando uma língua é perdida, há um vazio cultural onde conhecimentos valiosos são esquecidos. O desaparecimento de uma língua diminui a nossa compreensão científica de formas e formatos que a linguagem humana pode assumir”. Logo em seguida completa: “O conhecimento de plantas medicinais ou de espécies de aves, por exemplo, podem estar contidos em uma língua e se perder quando o sistema linguístico deixa de ser transmitido. Por fim, a língua é um direito humano” (Dupuis, 2019).

¹ Mestre em Linguística pelo IEL/UNICAMP. gabriel.dgruber@gmail.com



Nicholas Evans (2010), pesquisador australiano dedicado ao estudo de línguas aborígenes em extinção, em sua obra *Dying Words* abre sua magna pesquisa não com dados alarmantes, o que de fato tinha para preencher centenas de páginas, nem com a exuberância linguística que as línguas que ele estudava apresentavam, o que logo mais fez de forma magistral, porém foi com o relato da história de Pat Gabori e sua solitária e cansada existência como um dos últimos oito falantes de Kayardild. Sendo cego, Evans relata o quanto Pat amava manter o mundo que há quatro décadas viu pela última vez ainda vivo, quando ainda haviam mais que sabiam cantar sua língua consigo. O quanto amava falar dos lugares sagrados da Ilha de Bentinck, contos de caça, as intrincadas características das genealogias de seu povo, e como no meio das narrativas costumava começar a cantar. Mesmo sendo um profundo conhecedor das legislações de seu povo, com as quais argumentava com o governo Australiano, cada vez uma quantidade menor de pessoas podia entender suas histórias e suas palavras.

Há muitas maneiras numéricas de explicitar a situação linguística devastadora dos povos originários incrustados no Sul Global. Dados da ONU, UNESCO, APIB, Indigenous People Rights International, FUNAI, ELP (Endangered Languages Project) e o site Ethnologue. Mas como o mestre Emicida (2019) disse: “números não mentem, mas números não sentem”. Cada língua tem em si uma complexidade de informações a serem absorvidas comparável ao próprio genoma, todavia diferente do genoma, da arqueologia, as línguas (tirando os raríssimos casos das que desenvolveram técnicas de escrita) podem sumir sem deixar traço material algum para além de sons efêmeros e movimentos (Evans, 2010, p. xviii).

Luisa Maffi, Michael Krauss e Akira Yamamoto (2001) desde a segunda conferência internacional sobre línguas ameaçadas em Kyoto já clamavam ao mundo que é indissociável a preservação da rede que conecta os seres vivos e seus ecossistemas, a biosfera, da logosfera. A palavra *λόγος* (*logos*) não intenta significar somente a fala e o discurso, mas o próprio conhecimento em si consubstancial a estes. Portanto, falar aqui sobre a logosfera é extensivamente significar a rede de expressões e manifestações fenomenológicas do conhecimento em si pela via ontológica das línguas.

Tomando a indissociabilidade dos tratos da logosfera para os resultados na biosfera, são debatidos temas como a instrumentalização da ciência linguística ocidental, a intensa coisificação do cosmos, e os engaiolamentos impostos às línguas endêmicas de Abya Yala. Em conjunto, também é debatido modos de preservação das epistemologias originárias de suas linguagens, vias possíveis para a ciência reencontrar a reverência e sacralidade da vida com os povos de Abya Yala, e um cessar da glotofagia colonial.

Palavras-chave: Línguas ameaçadas; Glotofagia; Línguas indígenas.

REFERÊNCIAS

CALVET, Jean-Louis. **Linguistique et Colonialisme, petit traité de glottophagie**. Paris: Payot, 1974.

DUPUIS, Chanelle. Falar é existir: o caso de línguas ameaçadas no Brasil e no Equador. **Amazônia Latitude: a revista das humanidades ambientais**, 9 de agosto



de 2019. Artigos, Estudo de Campo. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2019/08/09/falar-e-existir-o-caso-de-linguas-amea-cadas-no-brasil-e-no-equador/>. Acessado dia: 25 de janeiro de 2024.

EMICIDA. Mamilos ##222: Emicida em Amarelo, **Mamilos, B9**, 31 de outubro de 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4kt3FJE3Kr5zZCZ3a6SSStS?si=59ef2720b7994e70>. Acessado em: 25 de janeiro de 2024.

EVANS, Nicholas. **Dying words: Endangered languages and what they have to tell us**. New Jersey, Wiley-Blackwell, 2009.

KANDJIMBO, Luís. Das rivalidades linguísticas à geopolítica crítica. **Jornal de Angola**, Luanda, 10 de julho de 2022. Opinião. Disponível em: <https://www.jornaldeangola.ao/ao/noticias/das-rivalidades-linguisticas-a-geopolitica-critica/>. Acessado dia: 25 de janeiro de 2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Título: Como o teatro pode articular a relação entre gênero e ciência – um estudo sobre a peça *Hysteria*

Bárbara Fernandes Silva¹

O projeto se propõe a analisar o teatro como ferramenta para evidenciar as relações entre gênero e ciência, tomando como estudo de caso a peça *Hysteria* do Grupo XIX. A obra entrou em cartaz pela primeira vez em 2001 e o roteiro foi desenvolvido a partir de documentos médicos, diários pessoais e boletins policiais do século XIX e XX de mulheres que foram diagnosticadas com histeria. A história acompanha cinco personagens e se passa no Rio de Janeiro em 1897 na “sala de asseios” do Hospício Nacional de Alienados. Logo na entrada a plateia é dividida e os homens são colocados em cadeiras mais afastadas, assumindo um papel exclusivo de observadores. Segundo Abreu (2018), a separação é inspirada no experimento conduzido por Jean-Martin Charcot entre 1863 e 1893, onde as pacientes históricas eram exibidas a uma plateia de artistas e intelectuais do hospital Salpêtrière na França. Já as mulheres ficam próximas das personagens e são inseridas na narrativa como se também estivessem internadas. O objeto central da peça é a histeria, palavra que vem do termo grego *hysterá*, que significa útero, e foi fortemente utilizada na medicina do século XIX e XX como uma “norma prescritiva a todas as mulheres pela via do negativo, já que era o comando de como as mulheres não deviam ser.” (Botton, 2020). Com isso, a homossexualidade feminina, desinteresse pela maternidade, desejo sexual, depressão, irritabilidade, masturbação, entre outros eram associados a condição da histeria. Para Botton 2020, a histeria operou como uma demarcação das bordas da normalidade, regulando os modos pelos quais as mulheres deveriam ser, existir e agir. A influência de uma sociedade eurocentrista e patriarcal nesse campo de estudos, e em demais segmentos da ciência, fomentam os questionamentos sobre a neutralidade científica. Sandra Harding (1986) discute como o “homem branco criou o conhecimento (a ciência moderna) à sua imagem”, aludindo ao fato de que muitos dos conceitos e pesquisas ocidentais colocam essa figura como normalidade - impondo assim, a todos os outros que não se encaixam nessa categoria, uma posição fora do padrão, “anormal”. Outras pesquisadoras feministas concordam sobre os usos e abusos da ciência ocidental construída sob um viés dualista que coloca o homem branco heterossexual como norma (Fausto-Sterling, 2002). A ciência, portanto, não deve ser entendida como um estudo apolítico da verdade, uma vez que todas as pessoas estão inseridas e reproduzem, de certa forma, a sociedade que os cerca. Em outras palavras todos falam de um local, tempo, período histórico e realidade própria o que torna impossível a concepção de um discurso neutro, e “quando acadêmicos brancos afirmam que seu discurso é neutro e objetivo estão falando de uma

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: babifernandes233@gmail.com.



perspectiva dominante” (Kilomba, 2019). A pesquisa também se estende para compreender as delimitações da representação da ciência em cena, levantando o questionamento do que se configura como Teatro Científico, e se a peça analisada poderia se enquadrar na subdivisão por ter como tema central a histeria. Barbacci (2002, 2004) argumenta que existem duas vertentes desse fazer teatral: o que utiliza do teatro como um apoio didático e o que abrange a ciência emprestando seus conceitos ao teatro. Conforme analisado por Moreira e Marandino (2015), na segunda categoria mencionada temos o teatro abordando questões éticas sobre a responsabilidade da ciência e dos cientistas, o teatro apontando uma reflexão existencial, o teatro encenando biografias ou episódios da história da ciência, e o teatro usando a ciência como apoio para a criação artística. O fazer teatral tem a capacidade de proporcionar reflexão sobre determinado tema, personagem histórico, ou acontecimento potencialmente levando seus espectadores a questionarem e entender uma situação a partir de um viés, adotando uma atitude moral ou política (Moreira e Lopes Júnior, 2015). Para Moreira e Marandino (2015), a prática de teatro com teor científico “(...) expõe, através da cena, questões morais ou políticas sentidas como atuais”. Sendo assim, a tese em desenvolvimento se desdobra em uma bibliografia que explora (I) a influência “euro-patriarcal” na produção científica, especialmente no campo da psiquiatria no final do século XIX e início do século XX; (II) as formas que a ciência pode ser representada no teatro e a importância de narrativas de grupos socialmente oprimidos; e (III) o roteiro e proposta cênica da peça, tal qual o material de pesquisa utilizado para a sua construção. Em conjunto, serão realizadas também entrevistas com dois integrantes envolvidos na montagem do espetáculo – Juliana Pedroso Sanches, atriz e dançarina; e Lubi (Luiz Fernando Marques), diretor. É expectável que a discussão gerada amplie o debate sobre: (I) as relações entre ciência e gênero; (II) possibilidades do teatro científico e documental brasileiro; e (III) a peça teatral *Hysteria*. Também é esperado que a tese inspire e amplie o cenário da produção artística voltada para temas científicos e documentais, trazendo narrativas e concedendo o protagonismo para figuras que foram socialmente apagadas ou invisibilizadas.

Palavras-chave: Teatro; Gênero; Histeria; Sexualidade Feminina.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. L. A intuição feminista em *Hysteria*: um olhar sobre os possíveis feminismos na cena contemporânea. 2018. Dissertação (Mestrado em Teoria e Prática do Teatro) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. DOI 10.11606/D.27.2018.tde-27122018-111724. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27156/tde-27122018-111724/en.php>. Acesso em: 3 set 2022.

BARBACCI, S. Science and theatre: a multifaceted relationship between pedagogical purpose and artistic expression. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON PUBLIC COMMUNICATION OF SCIENCE AND TECHNOLOGY, 8., 2004. Disponível em: <http://www.pantaneto.co.uk/issue19/barbacci.htm>.



BOTTON, V. Histeria, mulher e feminino. Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. nov. 2020. Disponível em: <https://www.filosofas.org/post/histeria-mulher-e-femenino>. Acesso em: 10 maio 2023.

FAUSTO-STERLING, A.. Dualismos em duelo. Cadernos Pagu, n. 17-18, p. 9–79, 2002.

HARDING, Sandra. The Science Question in Feminism. 1. ed. Open University Press, 1986.

KILOMBA, G. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira, 1. ed. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.

MOREIRA, L. M.; LOPES JÚNIOR, M. A. A. CIÊNICA: divulgação da ciência e tecnologia por meio do teatro. Rev. Ciênc. Ext. v.11, n.2, p.140-150, 2015.

MOREIRA, L. M.; MARANDINO, M.. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. Ciência & Educação (Bauru), v. 21, n. 2, p. 511–523, abr. 2015.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Teatro, tecnologias e sociedade: uma descrição do grupo *QuiTrupe* pelo olhar da Teoria Ator-Rede

José Vinício Archanjo Júnior¹
Adilson da Silva Mello²

A sociologia das associações propõe uma leitura de mundo a partir de uma simetria generalizada entre atores humanos e não-humanos que constituem uma rede de afetações. A Teoria Ator-Rede (TAR) oferece um aporte teórico-metodológico para a descrição da realidade por meio das controvérsias existentes no processo percorrido pelo objeto de estudo. A abordagem da ANT pressupõe reconhecer as associações entre os diferentes atores que compõem um produto ou processo científico, por isso a consideramos particularmente adequada para nosso objetivo final: a descrição da rede sociotécnica deste objeto de estudo, o *QuiTrupe*.

O grupo *QuiTrupe* é um projeto de extensão da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) cuja ação principal é a apresentação de peças de teatro de temática científica, que “não possui um significado único, podendo variar desde uma abordagem mais conceitual a práticas artísticas que procuram inspiração na ciência e suas problemáticas” (Moreira; Marandino, 2015, p.514). Este projeto assume um caráter de educação não-formal, e caracteriza-se como divulgação científica, tendo o objetivo de apresentar conteúdos científicos por meio de enredos teatrais que utilizam de experimentos químicos com aspectos macroscópicos.

O projeto contribui para o ensino formal de ciências e a formação inicial de professores, uma vez que o público-alvo das suas ações são as escolas da região e a maioria dos seus membros são graduandos de licenciatura em ciências, principalmente da química. Além disso, a atuação neste projeto possibilita aos participantes a produção científica na área de Educação em Ciências.

Por estas características, o *QuiTrupe* se enquadra nos diferentes quadrantes da cultura científica, termo que se baseia na “ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural” (Vogt, 2003, p.5). Quando se fala sobre cultura, muitas vezes os processos artísticos são evocados primeiramente, mas é importante reconhecer este termo como uma forma de cultuar com o ambiente ao seu redor; no âmbito das pesquisas, por exemplo, os diversos processos de comunicação científica elaboram uma cultura que se relaciona intimamente com a sociedade. Contudo, “tanto a arte como a ciência são formas de levar o homem a pensar, a discutir sobre o seu espaço num todo [...] o que não impede a união de ambas no intuito de aprimorar mais o conhecimento” (Silveira; Silva; Ribeiro Filho, 2009, p. 11).

¹ Mestrando em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade na Universidade Federal de Itajubá. E-mail: archanjo@unifei.edu.br

² Professor Adjunto na Universidade Federal de Itajubá. E-mail: prof.adilsonmello@unifei.edu.br



Este trabalho, em fase inicial, tem o objetivo de investigar um fenômeno cuja compreensão se dá a partir da relação entre arte e ciência, mais especificamente, o teatro no contexto da educação em ciências. A partir de associações interdisciplinares, apoia-se nos trabalhos de Bruno Latour para buscar descrever o processo tecnocientífico a partir da aproximação entre arte, ciência e educação. Para este autor, natureza e sociedade se encontram separadas apenas como uma abstração, uma vez que na prática aparecem interligadas por complexas redes sociotécnicas; deixando de serem pólos ontológicos que explicam a realidade e passando a ser objetos de necessária investigação (Lima; Ostermann; Cavalcanti, 2016).

Os fenômenos analisados sob esta perspectiva não são encarados como produtos estáveis ou passíveis de finalização, focando nas interações entre os actantes que compõem e movimentam a rede onde este objeto é construído (Mello; Garrido; Veiga, 2016). Latour investiga “as ciências e as técnicas em suas relações com a história, a cultura, a literatura, a economia, a política” (Latour, 2016, p.12), estudando as controvérsias no percurso científico. Controvérsias, na TAR, são movimentos de transformação que podem alterar o curso de ação dos atores humanos e não-humanos que compõem a rede, podendo estar associadas a disputas ou colaboração entre eles. São estes movimentos que garantem um caráter dinâmico à rede, contribuindo para as estabilizações momentâneas do processo tecnocientífico, compreendendo-o como produto de construção histórica que segue em transformação.

O percurso metodológico desta pesquisa envolve o levantamento documental dos registros do projeto frente à UNIFEI; da produção científica do grupo na área de ensino de ciências; da produção artística dos roteiros teatrais produzidos e dos registros de comunicação realizados via redes sociais. Além disso, é importante que os atores humanos constituintes da rede possam contribuir para enriquecer a descrição dos processos. Esta etapa deverá ser realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e formulários online, a fim de obter contato com o maior número de participantes do grupo no período selecionado.

O *QuiTrupe* foi criado em 2013 e permanece em atividade até os dias atuais, apresentando peças com roteiros originais inspiradas, em sua maioria, em obras da literatura infanto-juvenil. Espera-se, a partir dos dados coletados, realizar o mapeamento da rede sociotécnica, a descrição dos processos e controvérsias do *QuiTrupe* durante os 5 primeiros anos de atuação do grupo, o que deve abranger a criação do grupo Show da Química e a mudança de nome para QuiTrupe; e a criação e apresentação das peças *O aniversário da sogra*, *O Mágico de O₂*, *A Fantástica Fábrica da Química* e *Alice Cientificamente Comprovada*.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede; Cultura científica; Teatro com ciência; QuiTrupe.

REFERÊNCIAS

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru:Edufba/Edusc, 2012, 399p.



- _____. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016, 215p.
- LIMA, Nathan Willig; OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Claudio José de Holanda. A não-modernidade de Bruno Latour e suas implicações para a Educação em Ciências. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 35, n. 2, p. 367-388, ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7941.2018v35n2p367>.
- MELLO, Adilson da Silva; GARRIDO, Guilherme; VEIGA, Camila Loricchio. Cartografia de controvérsias como procedimento metodológico: mapeando processos culturais em uma associação de artesãos de Maria da Fé/MG. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 7, n. 14, 2016.
- MOREIRA, Leonardo Maciel; MARANDINO, Martha. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 2, p. 511-523, 2015.
- SILVEIRA, Alessandro Frederico; SILVA, Ana Paula Bispo; RIBEIRO-FILHO, Aurino. A divulgação da ciência através do teatro: um estudo de Copenhague de Michael Frayn. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 7., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: 2009.
- VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. **Com Ciência**: revista eletrônica de jornalismo científico, n. 45, jul. 2003. 6p. (nº especial: Cultura Científica) Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/V_autores/VOGT_Carlos_tit_Espiral_da_cultura_cientifica-A.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Justicia es sanar: uma metodologia descolonizadora em Actoras de Cambio

Maria Gabriela Santana da Silva¹
Carolina Cantarino Rodrigues²

Este trabalho pretende investigar o conceito e a prática de *sanar el trauma*, metodologia utilizada pelo coletivo de mulheres *Actoras de Cambio* (Guatemala), dedicado à cura do chamado trauma colonial. A investigação é parte de um projeto mais amplo, intitulado “Memórias, corpos e subjetividades: experiências fronteiriças de escritas no Sul Global”. Trata-se de uma pesquisa de mestrado interessada, também, pela metodologia do projeto Brilha Estrela Preta, do coletivo Encruzilhada Estrela Dalva (Brasil), dedicado à prática de escrita como processo de reelaboração de experiências relacionadas ao racismo. O trabalho de mestrado prevê, ainda, a realização de quatro oficinas de escrita sobre memória colonial e cura para mulheres autodeclaradas negras, cis ou trans. Para o 11º Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura (EDICC 11), elegemos o trabalho de *Actoras de Cambio* para aprofundamento do projeto de pesquisa supracitado.

A relevância desta pesquisa está relacionada à ampliação do espaço dedicado à compreensão sobre a complexidade do colonialismo e de seus legados. No que se refere ao trabalho de *Actoras de Cambio*, compreende-se a prática de *sanar el trauma* como um trabalho político e emocional com mulheres vítimas da colonização na Guatemala, que teve como uma das marcas mais profundas a violência sexual (FULCHIRON, 2017). Este trabalho, enquanto prática descolonizadora, requer uma fundamentação teórica que o insira no campo dos chamados estudos decoloniais, cujo objetivo é observar os efeitos da influência e domínio do colonialismo nas diversas dimensões da vida e da produção de conhecimento, promovendo não uma releitura, mas uma ruptura com as perspectivas coloniais (BERNARDINO-COSTA & GROSGOUEL, 2016; BRUGIONI, 2022).

Como proposta metodológica, a pesquisa está interessada em compreender as concepções em torno do conceito de *sanar el trauma* que vão emergir, em primeiro lugar, das fontes secundárias elaborados ao longo de vinte anos de trabalho do coletivo *Actoras de Cambio* e da entrevista semiestruturada a ser realizada com Amandine Fulchiron, uma de suas co-fundadoras, preferindo não partir de concepções fixas de antemão. É nesse sentido que a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a

¹ Mestranda no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

² Professora da Faculdade de Ciências Aplicadas, do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.



formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 1989, s.p.).

Destaca-se, como resultados parciais, o aprofundamento do contexto histórico e um mapeamento preliminar do trabalho de *Actoras de Cambio*. De início, é importante destacar que, em 1957, o então presidente da Guatemala, Jacobo Arbenz, sofreu um golpe de estado pelas oligarquias guatemaltecas e pelo serviço de inteligência estadunidense, impedindo os avanços da política de reforma agrária que beneficiou mais de meio milhão de camponeses – especialmente indígenas, durante o seu governo. Ao final dos anos 1970, as reivindicações dos povos indígenas pelo direito à terra e condições de trabalho foram severamente reprimidas e combatidas no âmbito da Doutrina de Segurança Nacional. Tal episódio é parte do conflito armado que foi estabelecido na Guatemala entre os anos 1960 e 1996 (FULCHIRON, 2017).

A Comissão para o Esclarecimento Histórico da Guatemala (CEH, na sigla em espanhol), foi criada em 1994 para desvelar os crimes cometidos durante a guerra civil. De acordo com os dados levantados pela CEH referentes a esse período e conforme citado em Fulchiron (2017), 200 mil pessoas foram assassinadas, 45 mil foram desaparecidas, um milhão deslocadas forçadamente, mais de 600 massacres documentados e 440 aldeias foram exterminadas. As violências registradas foram majoritariamente contra as mulheres maias, que representaram 88% das vítimas, o que caracterizou uma política racista de ocupação territorial e de genocídio. Ainda de acordo com a CEH, a porcentagem de violência foi de 10,3% contra mulheres ladinas e 1% contra mulheres de outros grupos.

Fulchiron descreve que os crimes contra as mulheres ocorreram em suas casas, nas igrejas, escolas e destacamentos militares, gerando estigmas e consequências como: violência brutal por parte dos seus companheiros, tentativa de suicídio, silêncio e ruptura das suas relações afetivas e sociais. Nas palavras das mulheres, elas estavam “doentes de susto”, tinham pesadelos e vergonha, já que os crimes foram silenciados até que *Actoras de Cambio* começassem os seus trabalhos em 2004, criando um espaço para a expressão, vinte e cinco anos após os crimes.

Para o reconhecimento social das violências, foi necessário criar um espaço onde as mulheres pudessem se expressar sem estigmas. Aos poucos, as sobreviventes foram organizando seus grupos em cada comunidade e o processo de compartilhar suas histórias possibilitou o reconhecimento de um problema coletivo, social e político que as conscientizassem de que a culpa era dos agressores. Suas vozes foram expandidas através de livros, obras de teatro, demais obras culturais e em seus idiomas. Desse modo, ressignificar o trauma, para as mulheres, faz parte da busca de suas próprias palavras e símbolos. É sobre o encontro dessas palavras e símbolos que esta pesquisa tem se aprofundado.

Palavras-chave: *Actoras de Cambio*; Trauma colonial; Sanar el trauma.

REFERÊNCIAS

BRUGIONI, Elena. Pós-colonial e decolonial. In: GALLO, F. (org.). **Breve dicionário das literaturas africanas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.



FULCHIRON, Amandine. **Actoras de Cambio en Guatemala: poner el cuerpo y la vida de las mujeres en el centro de la justicia.** In: AZKUE, Irantzu Mendia; ORELLANA, Gloria Guzmán; LANDALUZE, Iker Zirion. Género y justicia transicional: Movimientos de mujeres contra la impunidad. Bilbao: Hegoa, 2017.

GROSFOGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, m. 1, p. 25-49, jan. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt>. Acesso em: 02 dez. 2023.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Projeto *Groove* 011: divulgação da cultura samba-rock na cidade de São Paulo

Bianca Mafra Elia¹
Marta M. Kanashiro²

A pesquisa investiga a atuação do Projeto *Groove* 011 na relação entre corpo, dança e cidade, e sua operação como resistência da cultura samba-rock na cidade de São Paulo. O coletivo oferece aulas e bailes do gênero em três localidades fixas do município - no Vale do Anhangabaú, na saída da estação Tamanduateí de metrô e no Centro Desportivo Anchieta (CDM Anchieta) - contribuindo para a preservação da memória negra e da afetividade que atravessa gerações por meio da música, da dança e do convívio através do corpo. Por meio da discussão racial e, sobretudo, da branquitude, a pesquisa examina as potencialidades de divulgação cultural e de preservação do patrimônio imaterial de São Paulo, destacando o papel do projeto no resgate histórico, afetivo e emancipador dessa manifestação cultural. Além disso, a investigação aborda como o *Groove* 011 utiliza a dança e os espaços urbanos para promover a visibilidade e a resistência da comunidade negra, reforçando a importância do samba-rock como expressão cultural e social na cidade.

A pesquisa é estruturada numa base teórica que se impõe a partir de quatro eixos bibliográficos que guiaram o debate investigativo presente: os debates sobre raça e branquitude, o samba-rock, a cidade e o corpo. No entanto, o detalhamento do que foi pesquisado sobre esses aspectos tem postura metodológica permeando o campo das discussões raciais. Nesse sentido, a pesquisa de campo e a aproximação com a teoria é informada pelo debate sobre branquitude, partindo de autoras e autores como Grada Kilomba (2019), Cida Bento (2022), Schucman (2014) e Robin DiAngelo (2018).

Mais do que pensar separadamente como cada um desses assuntos aparecem no contexto de campo, a estruturação da pesquisa se dá a partir das relações estabelecidas no Projeto *Groove* 011 justamente entre dança, corpo, resistência, memória negra, afetividade e cidade, que indicaram ainda a importância de pesquisar a conexão com o território, os espaços de circulação, de resistência e de opressão. Parte da metodologia de pesquisa foi, então, a revisão da literatura científica sobre samba-rock, a partir de autores como João Batista de Jesus Félix (2000), Pedro Tadeu Faria D'Allevedo (2017), Igor Santos Valvassori (2018) e Edneia Limeira (2021) para verificar se, de fato, o *Groove* se diferencia de outras iniciativas por permitir vislumbrar e analisar as relações entre todos os elementos, seus atravessamentos e

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas. E-mail: bianca.mafraelia4@gmail.com.

² Orientadora de pesquisa e pesquisadora do Labjor – Universidade Estadual de Campinas. E-mail: mmk@unicamp.br.



encontros: a dança, o corpo e a cidade em suas conexões com resistência, memória e afetividade.

Compreendemos que entrelaçado com o trabalho realizado pelo projeto *Groove* está a reivindicação ao direito à cidade. Assim, não apenas interessa para essa pesquisa o resgate e a resistência da cultura negra, mas também o direito desses corpos dançantes à cidade. A presença semanal – sobretudo no Vale do Anhangabaú e na saída da estação Tamanduateí – em espaços públicos e geridos pela iniciativa privada na capital, incita involuntariamente a discussão sobre como e de que modo se dá a presença cultural negra em territórios marcados pela disputa imobiliária e de gentrificação urbana. Mas, se por um lado, é preciso lembrar criticamente que a presença e permanência nestas geografias é controlada por aqueles que detêm o poder de decisão sobre quem pode estar ali e de que maneira, por outro, é preciso compreender as estratégias de resistência da cultura negra que conhece os jogos de poder nos quais está inserida e aprendeu a jogar e subverter as regras impostas.

Nesse sentido, os fluxos dos rios Tamanduateí e Anhangabaú espelham dinâmicas semelhantes de (in)visibilidade dos corpos que resistem para existir na cidade. Os rios, outrora afluentes conectados, agora separados pelo concreto e ignorados pela maioria, ecoam a invisibilidade das comunidades marginalizadas relegadas às margens sociais e de todas as pessoas em situação de rua que, assim como eles, de tão presentes e escancaradas nas ruas, passam despercebidas e desconsideradas. Mas assim como as águas resistem através de inundações persistentes nessas regiões, os corpos marginalizados que ocupam a região central também resistem às tentativas de apagamento através de formas diversas de luta, simplesmente pelo ato de existirem e ocuparem seus espaços. Esconder os rios por meio da canalização e da construção de muros reflete um exercício de poder que decide sobre o uso do espaço urbano, enquanto a resistência de corpos que também inundam é uma forma de desafio a esse poder. Iniciativas como o *Groove*, que ocupam o espaço público e promovem a expressão e a inclusão cultural, trazendo à tona realidades invisibilizadas, criam novas narrativas sobre o uso do espaço urbano e a inclusão social, e continuam existindo para transbordar. Transbordar pelo encontro negro e cultural nos espaços da cidade, que não se aprisiona em margens estreitas e leitos represados. A tentativa de sufocamento – dos rios, do *Groove*, da cultura, do espaço público – pode até ser forte, mas jamais conseguirá conter a força daquilo que se quer espalhar: o transbordamento de corpos-negros-dançantes.

Palavras chave: *Groove* 011; Samba-rock; Cultura negra; Branquitude; Divulgação cultural



REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. 1958, o ano que não terminou; memória e performance na cena do baile Black nostalgia paulistano. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

DIANGELO, Robin. “Fragilidade branca”. Revista Eco-Pós. Dossiê Racismo. v. 21, n.3, 2018. Disponível em https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/22528 Acessado em: 10 de outubro de 2023

FÉLIX, João Batista de Jesus. Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMEIRA, Edneia. Samba rock na cidade de São Paulo: uma análise da evolução do gênero desde os anos 1970 nos bailes blacks, até o registro como patrimônio cultural imaterial. 2021. Artigo publicado – Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Veneta, 2014.

VALVASSORI, Igor Santos. Som de valente: bailes negros em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 6: Divulgação e redes sociais

Debatedor: Guilherme Cavalcante

Autores:

Aline Silva Nery

Luiza Henrique de Lima

Nathália Soares de Lima

Líria do Nascimento

Camila Vitória Unger

Lucas Pereira Guedes

Janaina de Araujo Moraes

Julia Rudek Machado



Estratégias de divulgação científica e o impacto das redes sociais em um evento de Astronomia Cultural

Aline Silva Dejosi Nery¹

Thatiane Luca Marques de Almeida²

Ana Clara de Mendonça Maia³

Eleonora Kurtenbach⁴

Sônia Cristina Vermelho⁵

Em um contexto globalizado e cada vez mais interconectado, a ciência desempenha um papel fundamental na expansão do conhecimento e na facilitação do diálogo entre diferentes culturas e saberes. Entretanto, é essencial reconhecer que a prática científica, como qualquer outra atividade humana, é profundamente influenciada pelos contextos históricos e sociais que a moldam e disseminam. Recentemente, um evento realizado em 27 de abril de 2024 no Espaço Ciência Viva (ECV) na Tijuca, Rio de Janeiro, destacou a astronomia como uma plataforma para o intercâmbio entre culturas diversas. Adotando uma abordagem inclusiva e decolonial, o evento desafiou narrativas eurocêntricas predominantes ao valorizar saberes tradicionais e indígenas. Através de estratégias de divulgação, o evento atraiu um total de 549 visitantes e a colaboração de 86 profissionais voluntários. A abordagem decolonial adotada por museus de ciência representa uma crítica essencial às práticas tradicionalmente eurocêntricas e coloniais, buscando transformar esses espaços ao reconhecer e valorizar os conhecimentos científicos oriundos de diversas culturas (Brulon, 2020). Segundo o autor (2020), essa transformação implica em incorporar narrativas históricas e culturalmente marginalizadas, como os saberes indígenas e tradicionais, com o objetivo de promover uma representação mais inclusiva e equitativa do papel das culturas na ciência. Paralelamente, as redes sociais desempenham um papel cada vez mais relevante na comunicação dos museus, oferecendo uma plataforma interativa e acessível para

¹ Doutoranda em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto Nutes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora de Comunicação, Divulgação e Mídias do Espaço Ciência Viva. Graduada em Publicidade e Propaganda da Universidade Estácio de Sá. E-mail: alinesnery@gmail.com.

² Graduada em Ciências Biológicas - Modalidade Médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aluna extensionista de Comunicação, Divulgação e Mídias do Espaço Ciência Viva. Email: lucathatiane@gmail.com.

³ Graduada em Ciências Biológicas - Modalidade Médica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aluna extensionista de Comunicação, Divulgação e Mídias do Espaço Ciência Viva. E-mail: anacmm@ufrj.br.

⁴ Professora Titular no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Presidente do Espaço Ciência Viva. E-mail: kurten@biof.ufrj.br.

⁵ Professora Adjunta no Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: cristina.vermelho@gmail.com.



divulgar informações sobre eventos educacionais (Coutinho, 2020). Além de facilitar a comunicação direta com o público, essas plataformas estimulam a co-criação de conteúdo e o engajamento ativo através de estratégias. A partir disso, o referido resumo objetiva relatar as estratégias utilizadas no *Instagram* do Espaço Ciência Viva (@espacocienciaviva) para promover o evento "Sábado da Ciência: Desvendando o Universo com a Astronomia Cultural". Inicialmente foram produzidas peças configuradas no formato 1:1 pelo *Canva*. Cada arte apresentava um design com tonalidades azul-escuras e elementos luminosos que evocavam o céu estrelado, destacando informações cruciais como o endereço do Espaço, logotipos dos patrocinadores, classificação etária, data, horário e título específico do evento. Além de detalhar as atividades programadas, como chegar ao evento e informações adicionais aos visitantes. A seleção musical foi escolhida para criar uma experiência sensorial e emocionalmente envolvente, visando aumentar o engajamento do público-alvo. Durante o período de avaliação, que compreendeu do dia 10 a 28 de abril de 2024, houve um incremento significativo de 1072 novos seguidores na conta do *Instagram* do museu. As métricas também indicam um alcance total de 19.469 perfis, demonstrando o impacto das estratégias de divulgação e engajamento nas redes sociais. Os dados demográficos coletados pelo *Instagram* indicam uma predominância de mulheres, que compõem 78,7% do público da página. A faixa etária mais expressiva é a de 35 a 44 anos, representando 38,2% do total, seguida pelos seguidores de 25 a 34 anos, que correspondem a 26,4% do público. A análise demográfica dos visitantes do evento revelou que um total de 549 pessoas participaram, das quais 325 (59,20%) foram identificadas como do gênero feminino. Quanto à faixa etária, a maior representação foi na faixa de 0 a 12 anos, com 200 (36,43%) participantes, seguida por uma distribuição variada em outras faixas etárias, incluindo 138 (25,14%) participantes entre 35 e 44 anos e 58 (10,56%) na faixa de 45 a 54 anos. Geograficamente, a maioria dos participantes residia na Zona Norte do Rio de Janeiro, totalizando 381 (69,40%) pessoas, enquanto 48 (8,74%) participantes vieram de fora do município. Adicionalmente, 409 (74,50%) participantes relataram que era sua primeira visita ao museu. As fontes de informação mais comuns foram pelas redes sociais do ECV e de outros locais, mencionadas por 224 (40,80%) participantes sobre o evento. Dito isto, a análise comparativa entre os dados demográficos dos seguidores no *Instagram* e os participantes do evento revela diferenças significativas, especialmente em termos de faixa etária. Observa-se uma predominância expressiva de mulheres tanto na audiência online quanto presencial, sugerindo possíveis barreiras de acesso ou variações de interesse. Além disso, enquanto os seguidores do *Instagram* tendem a ser mais velhos, os participantes do evento abrangem uma faixa etária mais ampla, incluindo um grande número de crianças e jovens, refletindo um interesse diversificado por atividades científicas e educacionais. É relevante considerar que o *Instagram* é uma plataforma destinada a maiores de 13 anos, e que os menores presentes no evento estavam acompanhados por responsáveis. De modo geral, a promoção da ciência por meio das redes sociais exerceu um papel crucial na valorização e estímulo ao interesse científico, fomentando o pensamento crítico e a compreensão do método científico no evento.

Palavras-chave: Divulgação científica; Redes sociais; Astronomia; Espaço Ciência Viva



REFERÊNCIAS

BRULON, B. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material. São Paulo, Nova Série, v. 28, p. 1-30, 2020.

COUTINHO, S. dos R. R. O uso das mídias sociais por centros e museus de ciência: a comunicação interativa entre as instituições e seus públicos. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

**MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA****Redes sociais e divulgação científica da ornitologia: uma análise
netnográfica das redes sociais do projeto Alunos e Professores
Observando Aves (APrOA)**

Luiza Henriques de Lima¹
Pedro Miguel Marques da Costa²
Elídio Alves da Cruz Neto³
Rayane Peres de Andrade⁴
Bruna Lopes de Magalhães⁵
Ricardo Tadeu Santori⁶

As redes sociais podem gerar conhecimento fundamentado na reciprocidade, promover visibilidade e ser uma porta de acesso à divulgação científica. A netnografia pode ser definida de modo geral, como o estudo de culturas e comunidades na internet. Esta nomenclatura ficou conhecida na década de 1990 por pesquisadores norte-americanos e popularizada por Robert Kozinets.

Nesta pesquisa foi realizada uma análise netnográfica preliminar das postagens sobre aves no perfil do projeto Alunos e Professores Observando Aves, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (APrOA – FFP/UERJ). O estudo teve como inspiração abordagens metodológicas propostas pela netnografia. As aves estão entre os vertebrados de mais alto grau de biofilia e vêm sendo usadas como modelo para estimular o interesse por ciência, desenvolver a percepção ambiental e fazer divulgação científica. Muitas pessoas começam a observar e perceber melhor a natureza através da observação de aves. Por fim, as aves são ótimas bioindicadores do ambiente, logo, conhecendo mais sobre as aves, o indivíduo apresenta melhores condições de interpretações sobre a qualidade do ambiente. A pesquisa proporciona através da netnografia, uma reflexão sobre o uso

¹ Licencianda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: luizalima1099@gmail.com

² Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). E-mail: pedro.costa.fq@gmail.com

³ Licenciando em Ciências Biológicas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: elidioacn77@gmail.com

⁴ Licencianda em Ciências Biológicas. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: rayaneperes200@gmail.com

⁵ Licencianda em Ciências Biológicas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: brunalopes.magalhaes@gmail.com

⁶ Doutor em Ciências Biológicas. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail: rsantori.uerj@gmail.com



das redes sociais como ferramenta de divulgação científica a respeito das aves, e também da utilização do conteúdo postado como material para o ensino e aprendizagem de ciências e biologia.

Nosso objetivo principal foi analisar a publicação de cards do projeto APrOA voltados para a divulgação científica, utilizando a rede *Instagram*. Como objetivos específicos, temos: fazer um levantamento das atividades educativas do projeto APrOA no *Instagram*; analisar as interações e o alcance do público com as postagens; avaliar o impacto do projeto para a divulgação da ornitologia. A coleta de dados foi feita durante 90 dias, considerando as atividades no período de 24 de junho até 21 de setembro de 2022. As atividades virtuais foram analisadas seguindo quatro categorias: contas alcançadas; período de maior visualização; faixa etária e gênero; por fim, adesão do público.

Após o levantamento netnográfico, foram identificadas 13 publicações durante o período analisado. Contabilizamos 631 contas alcançadas e cinco cidades foram identificadas, sendo elas de ordem do maior para o menor acesso: Rio de Janeiro, São Gonçalo (RJ), Niterói (RJ), São Paulo e Maricá (RJ). O período da noite foi o de maior visibilidade das postagens, podendo ser observado a partir da ferramenta denominada “*Insights*” que o aplicativo *Instagram* oferece. A principal faixa etária é o público adulto de 35 a 44 anos, seguido dos 25 a 34 anos, logo após 18 a 24 anos, tendo como o menor público 45 a 54 anos de idade. Em relação ao gênero, foi possível observar que o principal público são mulheres representando, cerca de 56%.

Assim, a avaliação preliminar nos apresentou resultados que nos ajudaram a avaliar ações de divulgação científica em redes sociais. Percebeu-se que há um aumento de acesso dos usuários com o passar das horas do dia. Pensando nisso, foi criada uma estratégia de postagem dos cards educacionais somente no período da noite, para atender assim, o horário de pico dos seguidores e alcançar mais visibilidade nas publicações. Houve uma ligeira predominância das visualizações por pessoas do sexo feminino, mas a análise relativa a este parâmetro será feita na próxima etapa, assim como a da idade.

As análises qualitativas constituem um procedimento fundamental que contribuem para o campo do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na divulgação científica. Nosso próximo passo será utilizar o referencial metodológico da Análise de Conteúdo de Bardin, a fim de verificar as temáticas que emergem dos comentários feitos sobre as postagens. Esperamos que temas como a preocupação ambiental, estímulo à observação da natureza e o despertar do interesse em conhecer mais as aves sejam predominantes.

Palavras-chave: Redes sociais; Divulgação científica; Aves.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

LORENZETTI, C.; RAICIK, A.; DAMASIO, F. Divulgação Científica: Para quê? Para quem? — Pensando sobre a História, Filosofia e Natureza da Ciência em uma Revisão na Área de Educação Científica no Brasil. v.21. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2021. p.1-27.



KOZINETS, R. V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014. VitalBook file.

SALLES, M.; CESTARO D.; ALLE, L. Uma Perspectiva para a Divulgação Científica em Biologia em Mídias Digitais Brasileiras. v.14(2). Rio de Janeiro: Revista EducaOnline, 2020.

SANTORI, R. T.; MENDES, R. R. L. ; MATA, F. B. ; Batatinha, L. A. C. A observação de aves como atividade potencializadora de percepção ambiental no município de São Gonçalo: a experiência da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.. In: Marcelo Guerra Santos. (Org.). Estudos Ambientais em Regiões Metropolitanas - São Gonçalo.. 01 ed.Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. 01, p. 289-301.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

***Ethos* discursivo em *publiposts* de influenciadoras digitais: implicações nos discursos de redes sociais**

Nathália Soares de Lima¹

Com o surgimento das redes sociais digitais, aqui entendidas como qualquer ambiente digital (Paveau, 2022) que tenha como objetivo a troca, a divulgação e o compartilhamento de informações e experiências de diferentes grupos ligados a comunidades discursivas na internet, percebe-se que a última década foi marcada não só por uma grande hibridização de gêneros discursivos no ambiente digital, mas também pelo surgimento de novos gêneros digitais. Um exemplo disso é o *publipost*, que pode ser definido, nos moldes apresentados por Alves e Chaves (2020), como o cruzamento de um gênero inicialmente concebido fora da esfera digital, a propaganda, e um novo gênero surgido graças às redes sociais, o post, gerando uma propaganda camuflada. De fato, ainda que o discurso publicitário não seja recente, essa forma de fazer publicidade, usando como canal de transmissão o perfil de outra pessoa que, a princípio, não possui uma ligação direta com a empresa, intensificou-se com o uso corriqueiro de redes sociais como Facebook, Instagram, TikTok etc. Nesse sentido, o *publipost* tem se tornado cada vez mais frequente nas contas dos influenciadores digitais, perfis cujo conteúdo nas redes sociais é seguido por milhares de pessoas e que, devido ao alto alcance de visualizações, ao exporem suas opiniões sobre determinado tema ou assunto, conseguem provocar mudanças efetivas de comportamento e crenças por parte dos internautas. Cientes disso, pode-se deduzir que os influenciadores digitais geralmente promovem produtos com os quais têm certa afinidade. No entanto, o influenciador precisa fazer isso de forma adequada e natural, para que sua autopromoção passe despercebida e ele consiga atrair mais interesse de seu público de forma positiva. Todas as maneiras pelas quais as publicações ocorrem estão diretamente relacionadas ao tema principal de cada uma e aos mecanismos usados pelas influenciadoras para persuadir seu público. Assim, este trabalho se propõe a apresentar um projeto de estágio de pesquisa no exterior em andamento (FAPESP Proc. nº 2024/06227-1), que tem como objetivo analisar como o *ethos* discursivo baseado em *publiposts* de influenciadores digitais impacta nos discursos das redes sociais. O projeto tem como base o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa e tem como objetivo específico analisar o *ethos* discursivo (Maingueneau, 2018, 2020) de influenciadoras digitais brasileiras, ou seja, analisar a imagem que elas projetam sobre si mesmas em *publiposts* cujos temas tratam do estilo de vida considerado "saudável" e "belo". Considera-se que, nesses *publiposts*, ao mesmo tempo em que a influenciadora divulga um produto em seu perfil, ela também reforça sua imagem pessoal. Para isso, também consideraremos

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual Paulista (UNESP). E-mail: nathalia.s.lima@unesp.br. Apoio: FAPESP Proc. nº 2024/06227-1.



noções que orbitam o *ethos* e os *publiposts*, como cenografia (Maingueneau, 2015, 2017, 2020), hipergênero (Maingueneau, 2015), tecnogênero do discurso e materialidades tecnolinguageiras (Paveau, 2022). O conjunto de material é composto por *publiposts* divulgados por renomadas influenciadoras brasileiras no Instagram que promovem produtos de saúde e/ou beleza, como balas de colágeno, bebidas proteicas, vitaminas em cápsulas, lentes de contato, entre outros. No que diz respeito ao *ethos* discursivo, os resultados preliminares apontam que existem características que são compartilhadas entre todas as influenciadoras, mas cada uma delas pode particularizar essas características a partir do público-alvo que as acompanham no Instagram. Dessa forma, entende-se que a regularidade nas imagens projetadas tendem a, também, regularizar algumas características do *publipost*, como (i) a preferência por vídeos ao invés de fotos, (ii) a presença de itens específicos na legenda da postagem e (iii) a preferências por alguns tipos de cenografia do que outros. Como o projeto deve abordar como ocorre a interação entre a identidade criada pelo influenciador e a função publicitária da postagem, ele também contribuirá com os estudos discursivos midiáticos e, de modo mais específico, com os estudos acerca da argumentação utilizada por pessoas com grande importância social (e digital) na contemporaneidade.

Palavras-chave: Análise do discurso; *Ethos* discursivo; Influenciadoras digitais.

REFERÊNCIAS

Alves, K. D. C.; Chaves, A. S. O gênero discursivo publipost: uma análise do discurso digital na rede social Instagram. **Revista “Philologus”**, ano 26, n. 78, p. 2332-2344, 2020.

Maingueneau, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Maingueneau, D. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Maingueneau, D. Retorno crítico à noção de *ethos*. Trad. de M. G. Corrêa di Fanti. **Revista Letras de Hoje**. PUCRS. V.53, n. 3, p. 321-330, jul. set. 2018.

Maingueneau, D. **Variações sobre o ethos**. Trad. Marcos Marcolino. São Paulo: Parábola, 2020.

Paveau, M. A. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Costa, J. L.; Baronas, R. L. (Orgs.). 2 ed. Campinas: Pontes, 2022.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Divulgação Científica e Comunicação em Saúde: relato de experiência sobre produções multimídia com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA)

Líria Candice Paz do Nascimento¹
Mariana Ceci de França e Silva²

Este trabalho traz um relato de experiência da produção de uma reportagem multimídia sobre Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), a partir das experiências de um paciente, veiculada em 29 de julho de 2023 na edição impressa, no portal e nas redes sociais (Instagram e Youtube) do jornal Tribuna do Norte, de Natal (RN), em formato de texto e vídeo reportagem. No processo de apuração, constatou-se a importância da parceria entre um laboratório inserido no contexto de uma universidade e um veículo jornalístico, a fim de promover a divulgação científica humanizada e responsável a respeito de uma doença ainda pouco conhecida, cujo diagnóstico é marcado por fatalismos, amplificados pela falta de informações contextualizadas sobre a doença na mídia (Bezerra, 2023).

A ELA é uma doença degenerativa e progressiva, que provoca paralisia motora irreversível. Seu nome carrega três descrições diferentes, conforme definição dada pelo Ministério da Saúde: a) Esclerose - endurecimento e cicatrização; b) Lateral - endurecimento da porção lateral da medula espinhal; Amiotrófica - fraqueza que resulta na redução do volume real do tecido muscular, atrofia.

No Rio Grande do Norte, no ano de 2023 - período que compreende a experiência relatada neste trabalho - 117 pessoas possuíam diagnóstico para a condição, conforme dados do Registro Nacional desenvolvido por pesquisadores do Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde (LAIS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vinculada ao Ministério da Saúde. O LAIS é um laboratório instalado em um hospital brasileiro com o objetivo de promover a inovação tecnológica em saúde.

Como ELA é uma doença incurável, as principais pesquisas do laboratório estão voltadas para o desenvolvimento de ferramentas que possam proporcionar a melhoria da sobrevivência dos pacientes. No local, existem pelo menos cinco projetos neste sentido, em andamento a partir do projeto ReVELA.

A comunicação possui um importante papel para a promoção da saúde pública, relacionando-a também a questões científicas, de políticas públicas e práticas educativas (Sharma et al., 2020; OMS, 2019). A vivência da pandemia evidenciou a

¹ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: liriapaz6@gmail.com

² Mestranda em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: marianacecif@gmail.com



necessidade de ampliar a intersecção entre ciência e saúde na cobertura midiática além dos tempos de crise, levando em consideração o crescente espaço ocupado pelas redes sociais na busca e consumo de informações. (Newman et al., 2023).

A convergência entre produção midiática e pesquisas científicas pode contribuir para a quebra de estigmas, facilitação de acesso a informações sobre locais de tratamento, assistência social às famílias e cuidadores e acesso a dispositivos tecnológicos disponíveis para melhoria da qualidade de vida desenvolvidos (Bezerra, 2023).

A reportagem “ELA: Condição afeta 117 pessoas no Rio Grande do Norte”, detalhou o desenvolvimento de pesquisas e projetos da iniciativa RevELA, a partir da trajetória de vida de um paciente com ELA vinculado ao laboratório. A importância da utilização da linguagem audiovisual na humanização de pacientes, familiares e profissionais de saúde que convivem com a ELA já havia sido descrita por Bezerra (2023).

O trabalho usou dados e informações sobre o cenário da doença no Brasil, através do Registro Nacional, ferramenta desenvolvida para mapear os pacientes entre os estados, dados que não são de livre acesso e foram cedidos pelo Laboratório exclusivamente para a equipe responsável pela execução da reportagem. Foram abordados os principais sintomas e sinais da condição, bem como a idade aproximada em que são percebidos para evidenciar a importância do diagnóstico precoce e de pesquisas voltadas para este público, a fim de mostrar alternativas disponíveis para pacientes do Sistema Único de Saúde de melhor qualidade de vida.

O ineditismo é um critério jornalístico cuja importância tem sido percebida pelo meio científico nos últimos anos, a partir de iniciativas capitaneadas, por exemplo, pela Agência Bori (Righetti et al., 2022). A compreensão mútua sobre os critérios de construção da notícia por parte das equipes de comunicação de instituições de Ensino e Pesquisa, governamentais ou privadas, é fundamental para estabelecer um canal de comunicação que possibilite a produção deste tipo de reportagem.

Ao comparar o alcance dos perfis no Instagram do LAIS e da Tribuna do Norte, constata-se que o LAIS possui 10,6 mil seguidores, com o vídeo mais assistido da websérie “História ParalElas” com 7,2 mil visualizações, enquanto o perfil da Tribuna do Norte possui 539 mil seguidores, e a reportagem “ELA: Condição afeta 117 pessoas no Rio Grande do Norte” teve 23 mil visualizações. Além disso, a matéria escrita também referenciou os conteúdos produzidos pelo próprio LAIS, o que permitiu que mais pessoas conhecessem o perfil do Laboratório.

A concessão de dados e informações exclusivas para a produção jornalística, neste caso, bem como o acesso às fontes especializadas e ao paciente cuja história foi narrada na reportagem, evidenciam a importância da compreensão institucional dos critérios de noticiabilidade. Essa iniciativa institucional possibilitou que uma matéria a respeito de uma doença rara alcançasse a capa do jornal de maior circulação no Estado, dando visibilidade à condição, tratamento e pesquisas em andamento no Laboratório.

Palavras-chave: Jornalismo Multimídia; Jornalismo Científico; Doença Neurodegenerativa; Jornalismo de Saúde.



REFERÊNCIAS

BEZERRA, Janvita Ribeiro. Histórias paralelas: a linguagem audiovisual aplicada a divulgação de pesquisas em saúde. Orientador: Dr. Ricardo Alexsandro de Medeiros Valentim. 2023. 75f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Inovação em Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57982>.

BRASIL, Ministério da Saúde. Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA). Saúde de A a Z. [201-]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/ela>. Acesso em: 29/07/2024.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). Percepção pública da C&T no Brasil – 2023: resumo executivo. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2023. Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/4686075/CGEE_OCTI_Resumo_Executivo-Perc_Pub_CT_Br_2023.pdf. Acesso em: 19/05/2024

Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde - Disponível em: <https://lais.huol.ufrn.br/sobre/#:~:text=O%20LAIS%20%C3%A9%20o%20primeir> . Acesso em: 1 ago. 2024.

NEWMAN, N.; FLETCHER, R.; EDDY, K.; ROBERTSON, C. T.; NIELSEN, R. K. **Reuters Institute Digital News Report 2023**. Reuters Institute for the Study of Journalism, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.60625/risj-p6es-hb13>.

Organização Mundial de Saúde (1998). Health Promotion Glossary.

RIGHETTI, S.; FLORES, N. M.; ANDRADE, F. Q.; MORALES, A. P. Divulgação científica para a imprensa: o modelo híbrido dos textos da Agência Bori com base em cinco perguntas essenciais. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 45, e2022120, 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022120pt>.

SHARMA, D. C.; PATHAK, Abhishek; CHAURASIA, Rameshwar Nath; JOSHI, Deepika; SINGH, Rajesh Kumar; MISHRA, Vijay Nath. **Fighting infodemic: Need for robust health journalism in India**. Diabetes & Metabolic Syndrome: Clinical Research & Reviews, v. 14, n. 5, p. 1445-1447, 2020. ISSN 1871-4021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.dsx.2020.07.039>.



PROJETO DE PESQUISA

Estratégias e impacto das ações de extensão científica do UFPR OPTICA Student Chapter nas plataformas digitais

Camille Vitória Unger¹
João Gabriel da Costa Benetti²
Monique Aparecida Roscamp³
Emerson Cristiano Barbano⁴

O UFPR OPTICA *Student Chapter*, vinculado à Universidade Federal do Paraná, é um projeto de extensão composto por docentes e estudantes de graduação e pós-graduação. Seu principal objetivo é promover a conscientização, educação e disseminação da óptica e fotônica, beneficiando tanto a equipe quanto a comunidade externa. As atividades incluem a organização de eventos e a divulgação de material científico, principalmente através de redes sociais. O projeto utiliza uma variedade de plataformas digitais para alcançar um público diversificado e engajado, adotando uma abordagem inovadora para a divulgação científica, as redes sociais, como *Instagram*, *Facebook*, *TikTok* e *YouTube*, são usadas para criar e compartilhar séries temáticas sobre óptica e fotônica. O conteúdo é apresentado de forma lúdica e acessível, com o uso de imagens, ilustrações, quadrinhos, vídeos e textos adaptados para o público geral. Essa estratégia visa tornar a ciência mais compreensível e atraente, especialmente para o público jovem e não especializado.

A eficácia das iniciativas do projeto é avaliada por meio de análise documental das métricas fornecidas pelas redes sociais. Esses dados incluem informações sobre público-alvo, visualizações e outros indicadores relevantes. Atualmente, o projeto conta com mais de 2 mil seguidores e, neste ano, alcançou mais de 12,6 mil contas, com uma média de mais de 2,6 mil visualizações por vídeo. Esses números destacam a eficácia das estratégias digitais na promoção da ciência e no engajamento do público.

Além das atividades digitais, o UFPR OPTICA *Student Chapter* organiza eventos presenciais, como oficinas, palestras e minicursos. Nessas atividades, estudantes de graduação e pós-graduação apresentam experimentos lúdicos de óptica e física para alunos do ensino fundamental e médio. O objetivo é despertar o interesse pela ciência e fornecer formação acadêmica adicional para o público universitário [1]. O projeto também contribui para a formação profissional dos estudantes, oferecendo

¹ Graduanda de Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: camillevunger@gmail.com.

² Graduando de Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: beneticostagabriel@gmail.com.

³ Graduanda de Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: monique.ap.roscomp@gmail.com

⁴ Servidor docente e coordenador do projeto. Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: emersonbarbano@gmail.com.



oportunidades para se envolver em pesquisa científica e desenvolver habilidades essenciais.

A metodologia do projeto envolve o uso de várias plataformas de redes sociais para atingir diferentes públicos e promover a interação [2]. São desenvolvidas 11 séries temáticas que cobrem uma ampla gama de tópicos, como cientistas brasileiros, cultura *geek* e diversidade na ciência. A criação do conteúdo é baseada em pesquisa detalhada e curadoria de imagens, garantindo precisão e relevância. A produção de vídeos curtos e dinâmicos, populares em plataformas como *Instagram* e *TikTok*, é uma parte fundamental da estratégia, facilitando o consumo rápido e a disseminação viral do conteúdo. [3]

Os resultados mostram que o UFPR OPTICA *Student Chapter* tem conseguido engajar um público diversificado e global. A análise das métricas revela que o público nas redes sociais é majoritariamente jovem e feminino, o que reflete um avanço na representação de gênero em campos *STEM* (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática). O projeto também alcançou pessoas em vários países, demonstrando seu impacto internacional e sua capacidade de promover a ciência brasileira globalmente. Além dos benefícios para a comunidade externa, o projeto tem um impacto positivo significativo na formação acadêmica dos estudantes envolvidos. Os alunos desenvolvem habilidades importantes, como comunicação, trabalho em equipe e liderança. A participação em atividades práticas e na elaboração de trabalhos acadêmicos enriquece a experiência educacional e fortalece a rede de contatos dos participantes.

Em conclusão, as métricas e os resultados obtidos indicam que o UFPR OPTICA *Student Chapter* tem alcançado seus objetivos com eficácia. O projeto está utilizando as redes sociais de maneira estratégica para ampliar a comunicação científica e conectar a comunidade acadêmica com o público geral. O aumento constante no número de seguidores e o impacto significativo das publicações demonstram o sucesso das estratégias adotadas. Para o futuro, o projeto planeja expandir o número de quadros e conteúdos, explorar novas plataformas e formatos de mídia, e promover eventos que incentivem a interação direta entre cientistas e o público. Essas iniciativas visam fortalecer ainda mais o impacto do projeto na divulgação científica e na extensão universitária, beneficiando tanto a academia quanto a sociedade em geral.

Palavras-chave: Redes Sociais; Divulgação Científica; Óptica; Fotônica; Extensão.

REFERÊNCIAS

- [1] CAMILO, I. C. et al. Dando luz ao conhecimento. ANAIS SEMINÁRIO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA REGIÃO SUL, 2023, Organização Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais - PROEX. Ponta Grossa: UEPG. p. 796, 2023.
- [2] CARDOSO, M. C. et al. Utilização Das Redes Sociais Em Projeto De Extensão Universitária Em Saúde Durante A Pandemia De Covid-19. *Expressa Extensão*, v. 26, n. 1, p. 551–558, 2020.
- [3] MARTIN, C.; MACDONALD, B. H. Using interpersonal communication strategies to encourage science conversations on social media. *PloS one*, v. 15, n. 11, p. 2, 2020.



PROJETO DE PESQUISA

Visibilidade e resistência a partir de imagens da maconha na internet

Lucas Pereira Guedes¹
Cláudia Linhares Sanz²

Embora muitas das notícias relacionadas à maconha na imprensa ou nas redes sociais nos últimos anos tratem de seu uso a partir de um discurso médico ou criminal, as discussões políticas, sociais e culturais em torno da planta nos meios de comunicação têm ganhado certo destaque positivo nas velhas e novas mídias. Seja a partir dos casos de sucesso em relação, por exemplo, aos pedidos de autorização aos órgãos de fiscalização para seu uso medicinal e do autocultivo ou pelas recentes decisões do Supremo Tribunal Federal³ que diferenciam usuários de traficantes, percebemos que determinados processos de resistência ainda persistem, uma vez que tais medidas continuam favorecendo alguns e prejudicando outros a partir de categorias como classe social, gênero e raça. Neste sentido, o objetivo deste trabalho, ainda em andamento, é problematizar as relações entre visibilidade, resistência e poder no contexto neoliberal a partir de fragmentos, notícias, posts em redes sociais, vídeos e outros materiais divulgados sobre maconha a fim de refletirmos como a comunicação pode atuar não apenas como vetor de informações, mas também como auxiliar em processos de resistência.

De certo modo, as experiências contemporâneas parecem ser convocadas o tempo todo a serem visíveis para serem reconhecidas. Não por acaso, a visibilidade é apropriada por diversos movimentos, como as Marchas da Maconha, que parecem atuar como forma de materializar, por meio da visibilidade, os interesses em comum como estratégia fundamental de resistência, geralmente vinculada à percepção de que a invisibilidade naturaliza desigualdades e invalida direitos. Essas questões nos levam a refletir sobre os problemas capitais da existência social e individual na contemporaneidade – liberdade, luta social, resistência às sujeições a que estamos expostos – e suas relações com visibilidade e comunicação. Diante dessas justificativas iniciais, recorreremos a autores como Jota Mombaça (2021), Nathalie Heinich (2021), Suely Rolnik (2018), Paula Sibilia (2015), Joel Birman (2013), Claudine Haroche e Nicole Aubert (2013), Michel Foucault (2008), Pierre Dardot e Christian Laval (2016), entre outros, além de imagens exemplares encontradas na

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB), e-mail: emaildolucasguedes@gmail.com.

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), professora e pesquisadora da Pós-Graduação em Comunicação também da UnB. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência em Berlim, e-mail: claudialinharessanz@gmail.com.

³ Disponível em:

<https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/stf-define-40-gramas-de-maconha-como-criterio-para-diferenciar-usuario-de-trafficante/>. Acesso em: 29 de jul. de 2024.



internet e que servem tanto como objetos de análise, quanto referências do ponto de vista teórico para embasar e dialogar com a presente pesquisa.

No que diz respeito ao método, temos nos debruçado no campo da internet, mais especificamente na plataforma Instagram, onde encontramos mais de 900 perfis com a temática da maconha como base inicial de investigação e selecionamos, de modo exploratório, os que mais se relacionam com os conceitos de visibilidade e resistência para tentar compreendermos como esses fenômenos se tornaram centrais para o funcionamento social, para as dinâmicas e para as experiências contemporâneas, a partir dos contrastes envolvendo os sentidos em torno da circulação de textos e imagens na internet. A fim de problematizar a forma como se dão tais narrativas, optamos por um gesto genealógico para pensarmos os sentidos contemporâneos desses processos, compreendendo que “a história é descontínua e que os sentidos são fluidos e constituídos a partir de atravessamentos, agenciamentos entre máquinas, normas, leis” (FERRAZ, 2013). Esse movimento tem nos permitido observar as relações que se estabelecem entre o sujeito e os sentidos atribuídos ao uso imagético da maconha na atualidade e refletir sobre as tensões e rupturas que se entrecruzam a partir destes pontos e como tais tensões são operacionalizadas pelo sujeito a partir da visibilidade nas redes sociais em um contexto neoliberal.

Rolnik (2018) examina como a resistência pode ser expressa através de movimentos sociais, práticas artísticas e formas de vida cotidiana, destacando a importância da criatividade e da inventividade na luta por justiça social e transformação política. No contexto de resistência, a autora discute como formas de subjetividade e identidade são moldadas por relações de poder e dominação, e como indivíduos e grupos podem resistir a essas estruturas opressivas. Assim, ao fim da pesquisa esperamos compreender como esses deslocamentos se desdobram por suas diferentes vias, sendo que algumas delas se cruzam em determinados pontos que dizem respeito aos aspectos que coexistem sob um regime de visibilidade que, se por um lado convoca o sujeito a uma constante e superficial superexposição da vida, por outro, projeta sua luz a procedimentos que incitam à resistência. Visibilidade, portanto, estaria ligada a uma questão de ocupação de territórios midiáticos, sobretudo quando o tema em questão está relacionado a práticas consideradas, até então, ilegais. Por que, então, tentar se manter visível em lugares onde é necessário lutar para se manter?

Palavras-chave: Visibilidade; Maconha; Resistência; Internet.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Nicole & HAROCHE, Claudine. **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2013.

BIRMAN, Joel. **Sou visto, logo existo: a visibilidade em questão**. In: AUBERT, Nicole & HAROCHE, Claudine. **Tiránias da visibilidade: o visível e o invisível nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Editora FAP-Unifesp, 2013.

BRIGHENTI, Andrea Mubi. **Etnografia e pesquisa qualitativa**. Bologna: Società editrice il Mulino, 2008.



DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Genealogia, comunicação e cultura somática. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 163-178, jan./abr. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HEINICH, Nathalie. Da visibilidade: excelência e singularidade em regime midiático. Tradução: Diogo Silva Corrêa. **Labemus**. 5 mai. 20121. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2021/05/05/resumo-de-de-la-visibilite-excellence-et-singularite-enregime-mediatique-por-nathalie-heinich/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SAAD, Luísa. **Fumo de negro: a criminalização da maconha no pós-abolição**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SIBILIA, Paula. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Menstruação sem Tabu: uma experiência sobre oficinas de educação menstrual em escolas e instituições públicas

Janaina de Araujo Morais¹

O tema da dignidade menstrual tem ganhado cada vez mais espaço na agenda nacional e mundial. O relatório “Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdades e violação de direitos” (UNFPA/UNICEF, 2021) apresenta um cenário alarmante sobre a realidade das meninas e mulheres brasileiras. Em situação de pobreza e vulnerabilidade social, elas são privadas de serviços de saneamento básico, recursos para higiene pessoal e íntima e também a conhecimentos de qualidade sobre o próprio corpo e o ciclo menstrual. Os desafios de acesso aos direitos menstruais representam barreiras ao completo desenvolvimento do potencial das pessoas que menstruam, acirrando ainda mais as desigualdades sociais e de gênero.

O presente trabalho tem como propósito realizar um relato de experiência sobre a elaboração e execução de um projeto de educação menstrual em escolas e instituições públicas, na cidade de Barbacena, Minas Gerais, que teve como propósito promover a dignidade menstrual por meio da educação.

O projeto Menstruação sem Tabu teve início em setembro de 2023, no Instituto Federal Sudeste, Campus Barbacena, com os estudantes (meninas e meninos) do primeiro ano do ensino médio integrado ao técnico, alcançando mais de 180 alunos e totalizando 50 horas de conteúdos. Em 2024, o projeto foi levado a duas escolas municipais da cidade de Barbacena, a Escola Municipal Tony Marcos de Andrade, no bairro 9 de março e a Escola Municipal Cel. Camilo Gomes de Araujo, no distrito de Pinheiro Grosso. Na escola Tony Marcos, o trabalho foi realizado no contraturno escolar, com cerca de 20 meninas e na escola de Pinheiro Grosso as oficinas foram realizadas com as quatro turmas de 8º e 9º ano, envolvendo cerca de 65 estudantes (meninas e meninos).

O intuito com as oficinas foi criar espaços originais e criativos para discussões e vivências sobre menstruação para além da concepção que encara o sangue menstrual como algo negativo e ruim, ou mesmo para além do modelo convencional biomédico, que em geral acaba sendo o mais disseminado e conhecido. A menstruação foi abordada de forma transdisciplinar, trazendo conteúdos de outras áreas tais como a antropologia, a história e as artes e criando também dinâmicas que envolviam o tema para além da reflexão, levando para o campo da ação.

Nos encontros foram abordados temas tais como: a história da menstruação; a origem dos tabus e a pobreza menstrual; informações sobre a anatomia do corpo

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), desenvolvendo pesquisa de pós-doutorado no Labjor/Nudecri - Unicamp, com financiamento do CNPq. Email: janainajanis@gmail.com



feminino e menstruante; ciclo menstrual; contracepção; higiene; autocuidado e saúde menstrual. dentre outros assuntos.

O conteúdo e metodologia foram desenvolvidos por mim, que sou antropóloga e educadora menstrual, acumulando nove anos de experiência em pesquisa e estudo sobre o tema menstruação. O projeto foi uma iniciativa minha, em parceria com outras três instituições da cidade de Barbacena, o Instituto IDEIAS (Instituto de Desenvolvimento da Educação, Inclusão e Ações Sociais), a ONG Vertente Solidária e o Ivert.

A experiência com esse primeiro ano de projeto abre a possibilidade para muitas reflexões e questionamentos. Quais são os desafios de implementação deste tipo de projeto na rede pública de ensino? Como é a recepção dos estudantes e da comunidade escolar diante deste tema? Como meninas e meninos acolhem ou não esta abordagem? Quais os impactos da educação menstrual na formação dos jovens? Quais os desafios para o desenvolvimento de metodologia e conteúdo para esse tipo de oficina?

Elaborando brevemente a primeira questão, em nossa experiência percebemos que falar sobre menstruação e temas tangenciais tais como gênero e sexualidade em uma instituição pública, como a escola, não é algo simples.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) a menstruação é um tema que deve ser trabalhado na disciplina de Ciências, no 8º ano do ensino fundamental, dentro da unidade temática que vai abordar mecanismos reprodutivos e sexualidade. É, contudo, fundamental destacar que a pedido do Ministério da Educação, as temáticas de gênero e sexualidade foram suprimidas do texto final pelo Conselho Nacional de Educação (órgão redator da BNCC). Dessa forma, esse assunto ficou restrito a uma abordagem dos aspectos biológicos e fisiológicos do aparelho reprodutor feminino (Jung, Reyes & Silva, 2023). Dentro deste contexto, levar essa discussão às escolas depende de um aval da Secretaria de Educação ou Superintendência de Ensino, bem como da direção da escola, além da adesão do corpo docente, da comunidade estudantil e dos familiares, algo que não foi simples conseguir e mesmo quando conseguimos, uma situação específica envolvendo a cartilha desenvolvida para o projeto, culminou na suspensão das oficinas em uma das escolas.

Essas e outras questões serão elaboradas de forma profunda neste trabalho que abre o campo para o desenvolvimento de uma pesquisa de pós-doutorado, financiada pelo CNPq e iniciada em junho de 2024, no Labjor/Nudecri, Unicamp, que busca refletir sobre como a educação menstrual pode contribuir para uma ação social na promoção da dignidade menstrual e no combate à pobreza menstrual.

Palavras-chave: Educação, Menstruação, Gênero, Dignidade Menstrual.

REFERÊNCIAS

ABRIL. No Quênia, um simples absorvente pode mudar a vida de uma mulher. [s.l.] 4 set 2017. Disponível aqui.

ANZALDUÁ, Glória. Como Domar uma Língua Selvagem. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, Niterói*, n. 39, p. 297-309, 2009.



ASCHIERI, Patricia. Hacia una etnografía encarnada: La corporalidad del etnógrafo/a como dato en la investigación. In: X RAM-REUNIÓN DE ANTROPOLOGÍA DEL MERCOSUR Córdoba, Argentina. 2013.

BEHAR, Ruth. *The Vulnerable Observer: Anthropology That Breaks Your Heart*. Boston. Massachusetts: Beacon Press, 1996.

BELAUNDE, Luisa Elvira. A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 49, n. 1, p. 206-243, 2006.

BIDASECA, Karina. *Perturbando el texto colonial*. Los Estudios (pos)coloniales en América Latina. Buenos Aires: SB, 2010.

BOBEL, Chris. *New blood: third-wave feminism and the politics of menstruation*. New Brunswick: Rutgers University Press, 2010.

BUCKLEY, Thomas; GOTTLIEB, Alma. *Blood Magic: The Athropology of Menstruation*. London: University of California Press, 1988.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTE, I., & SANTOS, V. (2022). A Pobreza Menstrual como fator impeditivo na promoção de uma Educação de qualidade no Brasil. *Juventude.Br*, 20(1). Recuperado de <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/256>

CAVALCANTI, Maria Laura; FRANCHETTO, Bruna; HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e Feminismo. In: CAVALCANTI, M. L.; FRANCHETTO, B.; HEILBORN, M. L. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*. Vol.I. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CHAU, Janita P. C., CHANG, Anne M. Effects of an educational programme on adolescents with premenstrual syndrome. *Health Education Research*. Vol. 14, no. 6, pgs 817-830, 1999.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CUNHA, Teresa; SILVA, Terezinha da. Women in skirts. Decolonising feminisms in Mozambique. *WiCDS DECOLONISING FEMINISM, Paper presented [...]* Johannesburg, Wits University, 2016.



DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*: Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. trad. por Sônia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1966.

DURHAM, Eunice. Cultura e Ideologia. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 71-89, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Tradução de Maria thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRASER, Nancy. *Fortunes of feminism: from state-managed capitalism to a neoliberal crisis*. Londres: Verso, 2013.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.

GOTTLIEB, Alma. Menstrual Taboos: Moving Beyond the Curse. In: BOBEL, C. et al. (eds.). *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. Singapore: Palgrave Macmillan; 2020.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

KUHN, Thomas. As revoluções como mudanças de concepção de mundo. In: KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 145-171.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LORDE, Audre. La casa del amo no se derrumba con las herramientas del amo. In: MORAGA, C.; CASTILLO, A. (eds.). *Esta puente mi espalda. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. San Francisco: Ism press, 1988. p. 89-93.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Etnográfica*, v.1, n. 10, p. 121-158, 2006.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre a minha mãe e o gênero na margem. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 21, p. 143-151, jan. 2002.

MANICA, Daniela Tonelli. *Supressão da Menstruação: ginecologistas e laboratórios farmacêuticos re-apresentando natureza e cultura*, 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MANICA, Daniela Tonelli; RIOS, Clarice. *(In)visible Blood: menstrual performances and body art*. *Vibrant*, Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2017.



MANICA, Daniela Tonelli; GOLDENBERG, Regina Coeli dos Santos; ASENSI, Karina Dutra. CeSaM, as células do sangue menstrual: Gênero, tecnociência e terapia celular.

Interseções, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 93-113, jun. 2018.

MARTIN, Emily. *A Mulher no Corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária. 1992.

MARTÍNEZ, Ángel. Pressão popular obriga Governo da Índia a eliminar o imposto sobre absorventes. *El País*, Mumbai, 22 jul. 2018. Disponível aqui.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003. p. 399-422.

MIGALHAS. A Tributação do absorvente feminino no Brasil e a Pobreza Menstrual. Disponível em:

<<https://www.migalhas.com.br/depeso/353388/a-tributacao-do-absorvente-feminino-no-brasil-e-a-pobreza-menstrual>> Acesso em 15/11/2023.

MIRE, A. Features Education. Fonte: Aljazeera:

<https://www.aljazeera.com/features/2020/2/24/i-wish-i-was-a-boy-the-kenyan-girlsfighting-period-poverty>. Acesso em 15/11/2023.

MOHANTY, Chandra. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses (1984). In: MOHANTY, C.; RUSSO, A.; TORRES, L. (eds.). *Third World Women and the Politics of Feminism*. Broomington: Indiana University Press, 2008. p. 51-81. [Versión Traducida al castellano. In: NAVAZ, L. S.; HERNÁNDEZ, R. A. (editoras). *Descolonizar el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes*. Valencia: Colección Feminismos Editorial Cátedra, 2008; p.75-106.

MOORE, Henrietta. Compreendendo sexo e gênero. Tradução de Júlio de Assis Simões exclusivamente para uso didático. (mimeo) Do original em inglês: “Understanding sex and gender”. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830.

MORAES, Patrícia Albuquerque; BARBIERI, Márcia; GABRIELLONI, Maria Cristina; TANAKA, Luiza Hiromi. Percepção das mulheres sobre o impacto da menstruação no cotidiano de vida. *Revista Saúde (Santa Maria)*. 2019; 45 (2)

MORAIS, Janaina de Araujo. *Liberdade ainda que Vadia: uma etnografia sobre a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro 2013*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

MORAIS, Janaina de Araujo. Gênero, Corpo e Sangue: uma etnografia sobre a medicalização da menstruação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13th WOMEN’S WORLD CONGRESS, 2017, Florianópolis. *Anais* [...]. Florianópolis, 2017a, ISSN 2179-510X. Disponível em:



http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499456914_ARQUIVO_artigofazendogenero17-JanainaMorais.pdf. Acesso em: 14 mar. 2021.

MORAIS, Janaina de Araujo. Corpo E Corporalidade: A Caminho de um estado da Arte. *CSONline - Revista Eletrônica De Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 22, 2017b. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17409>. Acesso em: 14 mar. 2021.

MORAIS, Janaina de Araujo. Política e produção do conhecimento: uma análise sobre a medicalização da menstruação e as expressões de resistência e reexistência. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 23, p. 71-88, 2017c.

MOREIRA, Luisa Prado Affonso. Pobreza Menstrual no Brasil: diagnóstico e alternativas. Artigo. Escola de Administração de Empresas de São Paulo. FVG. 2021

NASCIMENTO, Silvana de Souza. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. *Revista de Antropologia*, [São Paulo, Online], v. 62, n. 2, p. 459-484, 2019.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, M.; LAMPHERE, L. *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PEIRANO, Marize. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Suzana José Balbino. O comportamento do consumo da mulher: um estudo sobre a compra de alternativas ecológicas aos absorventes. Trabalho apresentado para conclusão de curso de Administração de Empresas da PUC-Rio. 45 f., 2019.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) Mulher? In: ALGRANTI, Leila (org.). *A prática Feminista e o Conceito de Gênero*. Textos Didáticos, nº 48. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002, p. 7-42.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 2009. p. 73-118.



REYES, Gabriela; SILVA, Denise; JUNG, Hildegard. REFLEXÕES SOBRE A POBREZA MENSTRUAL DE ESTUDANTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA. Revista Ambivalências do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos, Identidade e Poder. Dossiê: “Educação, Política e Gênero (Metas Para Cumprimento dos ODS ONU - 2030)”. V.11 • N.21 • p. 40 – 60 • Jan-Jun/2023.

RODRIGUEZ, L. (30 de Setembro de 2021). Content. Fonte: Global Citizen Life: <https://www.globalcitizen.org/en/content/free-period-products-countries-citiesworldwide>

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Ficoruz, 2001.

ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p.133-152, jun. 2008.

ROSALDO, Renato. *Culture & Truth: The Remaking of Social Analysis*. Boston: Beacon Press, 1993.

RUBIN, Gayle. The traffic in Women: Notes on “Political Economy of Sex. In: REITER, Rayana: *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

SARDENBERG, Cecilia M. B. Sangrias, Tabus e Poderes. *Revista Estudos Feministas*. v. 2, n. 2, p. 314-344, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Natalia Santos Barbosa da et al. Impactos da dismenorréia em adolescentes escolares. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 1. Vol.Sup.n.49. 2020.

STOLLER, Paul. *The Taste of Ethnographic Things: The Senses in Anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

UNFPA/UNICEF. *Pobreza Menstrual no Brasil Desigualdades e Violações de Direitos*, 2021.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A Medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.



WEISS-WOLF, J. (2017). *Periods Gone Public, Taking a Stand for Menstrual Equity*.
Nova Iorque: Arcade.



A resistência feminina à ditadura militar na literatura de Beatriz Leal: um desarquivamento

Julia Rudek Machado¹

Dentre os estudos realizados sobre a ditadura militar no Brasil (1964-1985), bem como em outros países da América Latina, negligencia-se, em grande parte, o papel e a luta das mulheres na resistência ao regime. Levando em conta as considerações do filósofo Jacques Derrida (1995) a respeito do arquivo e pensando, principalmente, na urgência de mobilização de novos olhares em direção à história oficial e arquivada de nosso passado, o presente trabalho busca recuperar e colocar em ênfase a violência contra a mulher militante nos anos de repressão através do romance *Mulheres que mordem* (2015), da brasileira Beatriz Leal.

Partindo de uma análise desse romance, buscamos repensar o lugar delegado às mulheres que, ao lado dos homens, participaram tanto da luta armada como do trabalho de proteção de companheiros e companheiras e repasse de comandos. Temos também como intuito refletir sobre como os mecanismos de violência e tortura empregados contra as mulheres que eram presas permanecem, até hoje, sendo utilizados, como o estupro e a própria condição da maternidade usada contra as vítimas.

Reelaborar narrativas já aceitas como as únicas possíveis sobre os governos militares implantados ao longo do cone sul faz com que tais questões, bem como as noções de democracia, justiça e resolução, sejam postas em jogo, abrindo espaço para novas possibilidades de presente e futuro. Dessa maneira, utilizando de outros autores como Idelber Avelar (2011), Márcio Seligmann-Silva (2008), Jules Falquet (2017), entre outros, e empregando como metodologia uma análise crítica de trechos da obra literária selecionada, temos como resultados parciais deste que é um fragmento de dissertação de mestrado em andamento a compreensão de que a literatura, em especial a ficção, é uma ferramenta potencialmente capaz de provocar novas compreensões de arquivos já encerrados, engavetados, “solucionados”, para que outras consciências diante do que foi, do que está ainda sendo e do que pode vir a ser sejam criadas.

A ficção contemporânea que aborda a temática da ditadura, do cárcere, da tortura e do desaparecimento mostra em si mesma sua imensa necessidade pelo fato de ainda estar sendo produzida, mesmo após seis décadas do início desse período nefasto em nosso país. Isso nos faz refletir sobre a democracia em que vivemos e seu significado, pensando aqui também no arquivamento de histórias e acontecimentos em prol de um olhar para frente e de um passado na teoria já resolvido. O romance de Beatriz Leal, ao abordar contemporaneamente em sua narrativa o estupro enquanto arma de guerra nos anos de ditadura na Argentina, permite uma reflexão a respeito dos diversos locais do mundo que são, ainda hoje, vítimas da mesma lógica militar, que circula e é exportada de um local para outro – lembramos aqui das táticas de tortura aplicadas pelos soldados franceses na Argélia, denunciadas por Franz Fanon (1957) e trazidas à América Latina, e, em exemplo recente, do uso de armamentos produzidos em Israel pela polícia militar do Rio de Janeiro -, violentando e matando mulheres,

¹ Mestranda em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: juliarmchd@gmail.com.



mães, crianças e outras minorias várias. Citando Idelber Avelar, no livro *Figuras da violência: ensaios sobre narrativa, ética e música popular* (2011), “A maquinaria da dor é a culminação da civilização enquanto tal” (Avelar, 2011, p. 51).

O arquivo, citando novamente Derrida, é contínuo, cíclico, circular; não se finda e não possui origem. Ao passar por nós despercebido, ele volta a se repetir, como ocorreu e ocorre inúmeras vezes em nossa história. Assim, exige-se do pesquisador o movimento colocado por Walter Benjamin, de se “escovar a história à contrapelo” (2010, p. 12), dando à memória significações e atenções diferentes. Ao percebermos o que a literatura nos diz hoje a respeito desse passado sombrio, quais arquivos recupera, sobre o que discute, ampliamos nossa percepção do próprio presente.

Com isso, na análise da obra de Leal e da representação da figura feminina na narrativa, com suas memórias, lutos e dores, esperamos encontrar chaves de leitura de um presente ainda não livre de uma herança de violência sexual, moral, verbal e física aplicada contra tantas mulheres, esquecidas e presas ao arquivo, cujo papel importantíssimo representou algo como os motivos que nos levam a estar na pesquisa e na universidade: a esperança por um mundo melhor.

Palavras-chave: Ditadura militar; Literatura contemporânea; Arquivo; Memória.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, Idelber. **Figuras da Violência: ensaios Sobre Narrativa, ética e Música Popular**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História” In: **O anjo da história**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FALQUET, Jules. **Pax neoliberalia: perspectivas feministas sobre (la reorganización de) la violencia contra las mujeres**. Buenos Aires: Madreselva, 2017.
- FANON, Franz. A Argélia diante dos torturadores franceses. In: **Por uma revolução africana: textos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- LEAL, Beatriz. **Mulheres que mordem**. Rio de Janeiro: Imã Editorial, 2015.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, v. 20, n. 1, p. 65-82. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jul. 2024.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 7: História

Debatedora: Renata Carreon

Autores:

Adrielle Macêdo Fernandes da Silva

Armando Martinelli Neto

Mariana Vicente Zilli

Amanda de Oliveira Rodrigues

Wellton da Silva de Fatima



PROJETO DE PESQUISA

Movimentos para a inovação: potencialidades da associação entre a CienciArte e a Pesquisa Baseada em Artes

Adrielle Macêdo Fernandes da Silva¹
Nathalia Sena Sassone Perrone²
Márcio Luiz Braga Corrêa de Mello³

Em busca de inovações e movimentos em formas de pensar, promover reflexões e fazer ciência em saúde e ensino, principalmente voltados para a promoção da saúde, a presente pesquisa enfatiza as interações entre metodologias ainda pouco abordadas no país. Sendo assim, neste projeto incorporamos a abordagem CienciArte e a Pesquisa Baseada em Artes como agentes impulsionadores destes movimentos pela diversidade nas formas de vivenciar os processos de pesquisa.

É importante destacar que tal como a ciência, a arte também envolve a utilização sistemática de expressões na busca por novas percepções sobre a vida. Além do mais, pode atuar como uma “ponte” entre a sociedade e a ciência (muitas vezes distantes entre si), já que tem uma potente ação integradora. Esse diálogo – arte e ciência - é essencial quando enfatiza a tentativa de criar novos lugares, diferentes territórios, que inovam na construção de outras formas de pensar, estudar e ensinar (FERREIRA, 2010).

Em meio às muitas possibilidades de expressões artísticas possíveis, abordaremos em nossa pesquisa, as artes sequenciais, as artes visuais, as práticas musicais e especialmente as narrativas literárias. Nessa direção, busca-se, inicialmente, o aprofundamento teórico-prático nos seguintes pilares: Pesquisa Baseada em Artes, Pesquisa Baseada em Ficção e a Abordagem CienciArte.

Sendo assim, o objetivo da pesquisa é explorar como a articulação entre a CienciArte e a Pesquisa Baseada em Artes pode ser aplicada como estratégia para o ensino em biociências e saúde, principalmente para a promoção da saúde e para a educação em saúde.

Diante das muitas possibilidades possíveis por meio dos caminhos percorridos no processo de pesquisa, a ênfase será na construção e realização de oficinas multi expressões artísticas, incluindo narrativas literárias, prática musical, artes visuais e

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/IOC/Fiocruz. adrielle.mfernandes1@gmail.com.

² Graduada em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, bolsista PIBIC/IOC/Fiocruz. nathalia.perrone@edu.unirio.br.

³ Pesquisador no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos do Instituto Oswaldo Cruz/IOC/Fiocruz, Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP). mlbmello@gmail.com.



sequenciais, entre outras. Observamos com as experiências anteriores o quanto é possível construir espaços confortáveis em que os participantes possam desenvolver habilidades, realizar conexões interpessoais, expressar-se artisticamente, entre outras possibilidades.

Quando falamos especialmente na utilização das narrativas literárias para a promoção da saúde, com base em nossas oficinas anteriores, percebemos que foi possível tanto ter contato com aspectos autobiográficos da vida de nossos participantes quanto explorar as potencialidades de criar histórias ficcionais. Destacamos que as narrativas podem ser utilizadas como forma de pensar, produzir e estimular a promoção da saúde e a educação em saúde, levando em consideração que a narrativa não é um mero método de pesquisa, mas uma parte integral da nossa existência (BOCHNER & RIGGS, 2014; CLANDINEN & CONNELLY, 1989).

Enfatizamos ainda a importância dessas histórias, como potentes formas de dar significados à própria vida, configurando-se como aspectos inerentes do próprio ser e de sua construção social, cultural e psicológica, sendo também, primordiais para o compartilhamento de ideias, pensamentos e processos de aprendizagem (BOCHNER & RIGGS, 2014).

Nos resultados desta pesquisa, espera-se que os participantes possam vivenciar momentos de bem-estar por meio de interações diversas com estas expressões artísticas. Além do mais, acreditamos que as traduções artísticas que surgem por meio da pesquisa científica serão importantes “produtos” decorrentes deste estudo, pretende-se produzir principalmente contos, letras de música e artes sequenciais.

Esperamos ainda que nosso projeto possa contribuir para a qualidade de vida e para o bem estar dos participantes a partir das experiências das oficinas dialógicas. Dessa forma, atuar para que o público se sinta conectado, para que também propiciar que enxerguem novas perspectivas, para que estimule o desenvolvimento de empatia, de autoconsciência, de reflexão social e de processos criativos, elementos que acreditamos atuar em benefício para o bem-estar da sociedade.

O estudo pode contribuir para o ensino em biociências e saúde a partir de nossas práticas dialógicas, sensibilizantes, evocativas e participativas. Ademais, os participantes podem experimentar atividades pensadas para despertá-los, estimular sua criatividade, imaginação, processos criativos, entre outras possibilidades.

Com isso, esperamos ampliar conhecimentos no campo da CienciArte e da PBA em nosso país, iluminando a área de ensino e saúde para reflexões sobre formas de educar, pensar e fazer ciência e saúde. Almejamos que nosso trabalho seja amplamente utilizado por professores, por profissionais de saúde e pela própria população e que ajude a potencializar seus processos de ensino, de aprendizagem, de promoção da saúde e, porque não, de viver.

Palavras-chave: Pesquisa Baseada em Artes; Promoção da saúde; CienciArte.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-JORGE, Tania.; TRAJANO, Valéria.; MELLO, Marcio. Ciência e arte no



Ensino em Biociências e Saúde. CRV - Curitiba, 2023.

ARAÚJO-JORGE, T. et al. Ciênciarte no instituto Oswaldo Cruz: 30 anos de experiência na construção de um conceito interdisciplinar. *Ciência e Cultura*, v. 70, n. 2, São Paulo, abr./jun 2018.

ARAÚJO-JORGE, Tania. C. de. *Ciência e Arte: Encontros e Sintonias*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. Oficina de criação literária: o experimentalismo do texto. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 23, p. 141-148, 1988. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrio.br/ojs/index.php/fale/article/view/16972/11002>>. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

BOCHNER, A. P.; RIGGS, N. A. Practicing narrative inquiry. In P. Leavy (Ed.), *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of qualitative research* (pp. 195-222). US: Oxford University Press New York, NY, 2014.

CLANDININ, D. J.; & CONELLY, F. M. Narrative and story in practice and research. In: SCHÖN, Donald. (Ed) *The reflective turn: Case studies in and on educational practice*. New York: Teachers College Press, , p. 258-281, 1991.

CLANDININ, D. J.; & CONELLY, F. M. *Narrative and Story in Practice and Research*. Eric, 1989.

CZERESNIA, D. The concept of health and the difference between promotion and prevention. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, p.39-53, 2003.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E, M, G, S.; OVIEDO, R, A, M. *Os sentidos da saúde e da doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 119. 978-85-7541-433-0, 2013.

FERREIRA, F. R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 1, p. 261-280, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

GOHN, M, G. *Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*. Fac. Educação/Unicamp. *Investigar em Educação – II Série*, Número 1, 2014.

LEAVY, P. *The Handbook of Arts-based Research*. New York: Guilford Press, 2018.

LEAVY, P. *Method Meets Art, First Edition: Arts-Based Research Practice*. Guilford Press , 2009.

LEAVY, P. *Fiction as research practice: Short stories, novellas, and novels*. Walnut Creek, CA: Left Coast Press, 2013.



LEAVY, P. *Method Meets Art, Second Edition: Arts-Based Research Practice*. Guilford Press, 2015.

MCNIFF, S. Artistic expressions as primary modes of inquiry. *British Journal of Guidance and Counselling*, v. 39, n. 5, p. 385-396, 2011.

MELLO, M.; GOMES, R. (2023). Pesquisa baseada em Artes: uma aliada da CienciArte rumo à Transdisciplinaridade na Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz. In: 'Ciência e arte no Ensino em Biociências e Saúde'. Ed by T. ARAÚJO-JORGE, V. TRAJANO and M. MELLO Curitiba : Brasil.

NUTBEAM, D., 1996. "Glosario de Promoción de la Salud." In *Promoción de la Salud: una antología*. Publicación Científica nº 557. OPAS, Pp. 393-403, 1996.

RICHARDSON, L. Skirting a pleated text: De-disciplining an academic life. *Qualitative Inquiry*, v. 3, p. 295-304, 1997.

RICHARDSON L. Alternative ethnographies, alternative criteria. In L. Nelson, A. L. Cole, & J. G. Knowles (Eds.), *The art of writing inquiry* (pp. 2502–2552). Halifax, Nova Scotia, Canada: Backalong Books, 2001.

ROOT-BERNSTEIN, R., ROOT-BERNSTEIN, M. *Centelhas de Gênios: Como pensam as pessoas mais criativas do mundo*. São Paulo: Nobel, 2001.

ROOT-BERNSTEIN, R., SILER, T., BROWN, A., SNELSON, K. *ArtScience: Integrative Collaboration to Create a Sustainable Future*. *Leonardo*, v. 44, n. 3, p.192, 2011.

SILVA, AM; MENDES, AB; PERRONE, NS; STRATTNER, VR; MELLO, ML. Oficinas virtuais dialógicas de narrativas literárias: possibilidades metodológicas em ensino nos tempos de pandemia. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 22, nº 12, 5 de abril de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/11/oficinas-virtuais-dialogicas-de-narrativas-literarias-possibilidades-metodologicas-em-ensino-nos-tempos-de-pandemia>. Acesso em 03/07/2024.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Elaborações do refúgio: memória, fabulação e acolhimento

Armando Martinelli Neto¹

O termo refúgio é central em minha pesquisa de Doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Por meio desse conceito pretendo percorrer caminhos internos e externos, refúgios pessoais como o cinema, poesia e sobretudo o Mar, presente nas lembranças mais afetivas, entrelaçando com narrativas que abordem histórias de refugiados, tendo como base dois conceitos principais: Memória e Fabulação.

O projeto, possui, assim, frentes distintas, unidas pelo conceito do refúgio. Uma delas direcionada na construção de saberes a partir das interações motivadas pelo conteúdo audiovisual. Para essa proposta utilizo o curta-metragem “Cartas ao vento”, (com roteiro, montagem e direção de Daniel Choma) na busca por reverberações quanto a capacidade do cinema em coletivizar um drama particular e gerar dimensões que fabulam a travessia do viver. As cartas escritas por Catherine (personagem-central da obra) à sua mãe, geram conexões sobre a memória, e seu papel central nas construções que dão sentido à vida. Os escritos sobre os sentimentos oriundos da distância da mãe, somados às imagens do filme, em tom onírico, criam a mobilidade do cinema, que nos permite refletir e buscar amparo em mundos distintos, em dimensões temporais que nos atravessam. O Cinema que usa imagens para gerar um mundo, como Deleuze diz: “O cinema não apresenta apenas imagens, ele as cerca com um mundo”. (DELEUZE, Gilles, 2007).

O mar, presente no filme, elemento de inúmeras travessias de migrantes pelo mundo, deságua no meu próprio acolhimento, por meio de memórias afetivas da infância. O mar, elemento notoriamente associado a figura materna, adentra minhas lembranças em diálogo com obras como: “As praias de Agnès” (Agnès Varda), “Banhos de mar” (Clarice Lispector) e “A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria” (Gaston Bachelard), permitindo que meus próprios refúgios surjam no texto, gerando o tom ensaístico da tese. Assim como o pai de Clarice Lispector, eu também acredito nos banhos de cura do Mar. Para mim, um banho de mar significa envolver-me em afeto, em lembranças de momentos da infância que pulsam acolhimento.

A terceira frente do texto relaciona-se mais diretamente com migrantes que vivam no Brasil. A intenção é por meio de algumas entrevistas tecer narrativas desses encontros. Textos que puxados pela memória possam ser (re)conduzidos pela fabulação e dar voz aos não humanos. Nesse âmbito, tendo como farol a filósofa estadunidense Donna Haraway, na busca por “semear mundos”, dar voz aos não humanos, atentar-se aos bichos, vegetais, minerais, espécies companheiras. Nessa frente de trabalho trarei

¹ Doutorando em Educação na Universidade Estadual de Campinas, e-mail: a150144@dac.unicamp.br



alguns trechos de entrevistas com refugiados, como a realizada com o sírio Nour Alshekh Koeder, que vive há dez anos no Brasil. “O cheiro de jasmim me leva de volta para casa, para o terraço onde reuníamos amigos e familiares em encontros festivos”. Essa frase dita por Nour, me fez, logo depois de finalizada a conversa, procurar por um jasmim. A frase ecoou em minha cabeça por alguns dias. O perfume de uma flor capaz de atravessar o tempo e reviver momentos felizes, trazendo de volta para casa uma pessoa obrigada a deixar sua terra-natal.

De modo geral, na junção das perspectivas elencadas, o projeto de pesquisa tem a intenção de tratar do refúgio e a sua capacidade de modificar a sensibilidade das pessoas, e, conseqüentemente a compreensão sobre o mundo. Um vernáculo que ao pé da letra significa “lugar considerado seguro para nele algo ou alguém se refugiar”. (abrigo, asilo, retiro). Seja fugindo de guerras, ou na busca por acolhimento em meio às correrias da vida, o refúgio soa como amparo, pausa, elemento onírico de um mundo cada vez mais moldado na busca por sobreviver, um mundo cada vez mais condenado pela ciência, com as transformações climáticas deixando um rastro de destruições e perspectivas das mais sombrias. Um mundo repleto de mazelas, com milhões de pessoas em deslocamento, forçadas a procurarem locais mais harmoniosos para viver. Esse texto se une na busca de “adiar o fim do mundo por meio de histórias”, como proposto por Ailton Krenak (2020), promover narrativas sobre o refúgio, suas camadas distintas e procurar sensibilizar, aproximar, quebrar os muros e barreiras que a sociedade impõe ao outro, deixando de olhar para si mesmo.

Palavras-chave: refúgio, memória, fabulação.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1988.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- DELEUZE, Gilles. Cinema II: A Imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno. N1 edições, 2023.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das letras, 2022.
- MANCUSO, Stefano. Revolução das plantas. UBU editora, 2019.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Ditadura, silêncio e discurso: a imprensa lésbica-feminista nos anos de chumbo

Mariana Vicente Zilli¹

Esta pesquisa busca trabalhar com o jornalismo alternativo da Ditadura Militar (1964-1985) através da Análise de Discurso Francesa, como dispositivo teórico, além disso, pretendo observar os modos de construção do imaginário necessário na produção dos sentidos (Orlandi, p. 18, 2007) e entender como se dá o funcionamento do silêncio na relação com a palavra escrita, materialidade que se destaca no jornal alternativo *ChanaComChana*, lançado em 1981 e publicado pelo Movimento Lésbico-Feminista (MLF), o primeiro grupo homossexual politicamente organizado no Brasil. Com o objetivo de divulgação dos encontros lésbico-feministas, o jornal era distribuído esporadicamente e circulou até 1987. “*ChanaComChana* foi um pulo do conformismo para a participação. Nosso jornal é a ponte. A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como “órgão sexual feminino”. É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir” (*ChanaComChana*, 1980). Indursky (2022) nos lembra que é preciso refletir sobre a Ditadura Militar, principalmente sobre os ocorridos deste período, pois a nossa memória social está dividida, pelo trabalho da ideologia, entre saberes antagônicos que produzem um verdadeiro embate entre memória, silenciamento e esquecimento. (Indursky, p. 54, 2022). Apesar da censura e da repressão do período, os jornais alternativos tinham como pauta a denúncia do preconceito de gênero, a perseguição policial das minorias e temas da comunidade LGBTQIA+. Orlandi (2007) nos mostra que o silêncio tem um aspecto cultural. Mas, para além disso, determinações políticas e históricas estão intrinsecamente inscritas à cultura nessa relação social com o silêncio. Orlandi (2007) nos mostra que o silêncio tem um aspecto cultural. O *ChanaComChana* era pautado sobre direitos sexuais, legislação, família, trabalho e o amparo para não “se enrustir”. Além de contar em sua linha editorial poesia, cultura e literatura, tornando-se assim uma referência entre as lésbicas e o público LGBTQIA+ da cidade de São Paulo. Aqui, “procuramos analisar a censura enquanto “fato” de linguagem que produz efeitos enquanto política pública de fala e silêncio” (Orlandi, 2007, p, 75). Além de considerarmos, a censura em sua materialidade linguística e histórica, ou seja, discursiva, como Orlandi (2007). E em contrapartida ao silenciamento, a imprensa alternativa se tornou um espaço na mídia que deu voz a grupos minoritários, mesmo durante um período de repressão. Explicitar o funcionamento do silêncio neste objeto, nos faz questionar se tal movimento de apagamento, pelas palavras que não podem ser ditas em relação a outros corpos, a outras formas de amar, não favorece o fortalecimento destes estereótipos, uma vez que outros sentidos não podem ser formulados para interferir na

¹ Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas.
m244270@dac.unicamp.br.



memória discursiva. Tal movimento produz efeitos importantes no que diz respeito à maneira como o sujeito diferente é ainda tratado em nossa conjuntura. Os apagamentos permanecem, muito embora sejam apreendidos de formas diferentes. De qualquer maneira, os sujeitos em sua necessidade de dar sentido sempre encontram outras formas de se mostrar e resistir. A resistência aqui é tida como uma “barricada”, uma resposta ao processo de silenciamento do sujeito, seus sentidos e das formações discursivas. Eni Orlandi em seu livro, “As formas do silêncio”, nos mostra que não se pode estar fora do sentido assim como não se pode estar fora da história. E que o silêncio, independentemente de sua forma, atravessa as palavras por ser matéria significativa por excelência. O silêncio da censura nos mostra uma relação com o dizível, pois não se pode dizer o que foi proibido. Ou seja, como nos diz Orlandi (2007): “não se pode dizer o que se pode dizer”. Com isso, a censura não é um fato da constituição mas de sua formulação. São sentidos historicamente dizíveis mas proibidos. A formulação discursiva é regulada pelo real da história e pelo real da linguagem que interdita a inscrição do que não pode ser simbolizado em uma e em outra (Indursky, p. 56, 2022). Desse modo, a interdição do sentido causado pelo silenciamento da língua e dos corpos durante o período da ditadura militar brasileira resultou em um escape de sentidos, através da resistência - seja pela sua circulação, formulação ou constituição.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Jornalismo Alternativo; Silêncio; Ditadura Militar; Movimento LGBT.

REFERÊNCIAS

- Indursky, F. **Da construção do esquecimento social aos gestos de resgate da memória**. In: Rita Lenira de Freitas Bittencourt; Luíza Helena Oliveira da Silva. (Org.). *Literatura e Resistência: Releer os anos de chumbo*. 1ed. Araguaína: EDUFNT, 2022, v. 2, p. 54-73.
- Kucinski, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.
- Orlandi, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª edição. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007
- Péret, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo. Publifolha, 2011.
- Pilagallo, Oscar. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro a Dilma**. Três Estrelas, 2011.
- Teles, Amelinha; Leite, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-1980)**. 1ª edição - São Paulo: Intermeios, 2013.

Entre a solidão e o afeto:

como uma análise discursiva de cartas virtuais de presas podem contribuir para o processo de reintegração social

Amanda de Oliveira Rodrigues¹

O presente resumo tem por objetivo apresentar parte da pesquisa que pretende vir a ser a dissertação de mestrado sobre o programa Conexão Familiar - Visitas Virtuais Mulher, sob a análise do discurso digital. O programa foi criado com o intuito de promover a ressocialização nas unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo, sendo uma iniciativa da Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania (CRSC), subordinada à Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP).

O programa consiste em proporcionar às encarceradas a oportunidade de manter contato com os familiares por meio de visitas virtuais e a troca de e-mails devido à crise epidemiológica da Covid-19. Este trabalho vai focar apenas nas interações que ocorrem por meio das correspondências. E como elas acontecem? As reeducandas escrevem as cartas para um familiar cadastrado no sistema prisional, após uma análise por parte dos agentes penitenciária com o objetivo de identificar se há algum conteúdo relacionado ao crime, as cartas são digitalizadas e enviadas ao destinatário (a). Este (a) responde o e-mail que passa novamente por um processo de análise para finalmente, ser entregue à encarcerada.

A finalidade do programa é incentivar o contato entre as mulheres privadas de liberdade e seus familiares para fortalecer os laços e promover a ressocialização, pois o contato externo, principalmente aquele em que a pessoa custodiada mantém o vínculo familiar, é um importante aliado na busca pela reintegração social. “Desta forma, a família opera como principal agente na socialização e no apoio aos indivíduos encarcerados” (BARCINSKI, et al 2014, p. 931).

Além disso, essa pesquisa também visa analisar a maneira como o entendimento sobre a influência do discurso digital pode contribuir para a compreensão dos desafios e oportunidades proporcionados por essas tecnologias no ambiente carcerário, uma vez que analisar as cartas virtuais trocadas entre as custodiadas e seus familiares sob a óptica da análise do discurso revela complexas dinâmicas emocionais e sociais. As correspondências funcionam como um espaço de resistência e afeto, onde as presas buscam manter vínculos afetivos e a identidade familiar, contrariando o isolamento impostos pela prisão.

Os discursos presentes nas cartas frequentemente desafiam a narrativa institucional, trazendo à tona a dor do encarceramento e a esperança de reconciliação e reintegração social. A linguagem utilizada nas cartas também reflete as estratégias das presas para lidar com o estigma e a marginalização, revelando uma rede de apoio mútua entre elas e seus familiares. Esta troca epistolar digital evidencia a importância do afeto e da comunicação para a manutenção da saúde mental e emocional das encarceradas, oferecendo um contraponto às adversidades do sistema penitenciário.

¹Mestranda em Divulgação Científica e Cultural. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: a150175@dac.unicamp.br

Assim, buscar-se-á compreender, portanto, como essa relação virtual por meio da escrita está de acordo com a afirmação de DIAS (2018, p. 73): “meu empenho é mostrar que a tecnologia faz parte dos modos de existência do sujeito e, portanto, da produção dos afetos”.

A forma como acontece a troca de e-mails, a mensagem e sua produção de sentidos serão objetos da pesquisa para o programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural (MDCC) no Laboratório de Estudos Avançados (LabJor/IEL) da Unicamp. Para isso, o trabalho partirá da hipótese de que a tecnologia regula os aparelhos do Estado, fazemos com que tenhamos que repensar tanto o Estado algorítmico (MOROZOV, 2018) quanto a própria relação sujeito/mundo/linguagem (DIAS, 2018).

Por meio de análise documental, esse projeto propõe também um estudo sobre os impactos sociais, econômicos, culturais e psicológicos que o Conexão Familiar – Visitas Virtuais Mulher está provocando nas unidades prisionais femininas do Estado de São Paulo e na sociedade, além de fomentar discussões sobre igualdade de gênero no cárcere e examinar como o uso de aparatos tecnológicos tem sido um agente facilitador da reinserção social sem causar danos à ordem e a disciplina do ambiente penal.

Para tal empreendimento mobilizaremos o arcabouço teórico e metodológico da Análise de Discurso preconizado por Eni Orlandi (2001, 2020) e da Análise do Discurso Digital (ADD) proposto por Cristiani Dias (2018). Cabe ressaltar que até o momento, não há resultados significativos uma vez que a pesquisa encontra-se em fase inicial.

Palavras-Chave: Análise do Discurso Digital; Conexão Familiar; Sistema Prisional.

REFERÊNCIAS

BARCINSKI, M. et al. Guerreiras do Cárcere: Uma Rede Virtual de Apoio aos Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade. *Temas em Psicologia* – 2014, Vol. 22, nº 4, 929-940. Disponível em: <[19. Mariana Barcinski . OK.indd \(bvsalud.org\)](#)> último acesso em: 27 de agosto de 2023.

DIAS, C. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

MOROZOV, E. A ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.



O “kit gay” no ascensão do discurso político de direita no Facebook

Wellton da Silva de Fatima¹

Neste trabalho, analisamos a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos a partir da palavra/expressão “kit gay”, tendo em vista seu funcionamento entre 2011 e 2022 nas redes sociais de internet, notadamente em páginas e perfis alinhados ao bolsonarismo. Esta apresentação é parte de nossa tese de doutoramento, que está sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Linguística da Unicamp. Interessa-nos, pois, a produção discursiva de um pânico moral (Cohen, 1972) em torno da população LGBT+ e das iniciativas que visaram à promoção de sua plena cidadania no Brasil das últimas décadas. Ancorados no aparato teórico-e-metodológico da análise do discurso materialista, compreendemos o discurso como efeitos de sentidos entre posições (Pêcheux, 2014) e como relação necessária entre língua e ideologia (Orlandi, 2013). Assim, considerando ainda o funcionamento do digital em sua ordem própria (Dias, 2018) e a possibilidade de diferentes materialidades significantes (Lagazzi, 2021) funcionarem em composição, reunimos um *corpus* constituído por postagens (em texto, imagem e/ou vídeo) e comentários feitos publicamente na rede social *Facebook* nos quais, por presença ou por ausência, materializam-se os sentidos sobre o “kit gay”. Nosso objetivo é compreender como o discurso político da nova direita brasileira mobiliza a lgbtfofia, esta última posta enquanto condição de produção e enquanto sentido potencialmente estimulável no jogo com processos de identificação dos sujeitos das/nas estratégias políticas. Trabalhamos com o pressuposto teórico da existência do interdiscurso, que é acionado pela memória a partir das posições-sujeito, processo pelo qual materializam-se na linguagem sentidos em determinadas direções ideológicas, operando enquanto pré-construídos e discursos transversos. Assim, em nosso gesto de análise, produzimos um batimento entre descrição e interpretação do discurso sobre o “kit gay”, a partir do corpus supracitado, para compreender e explicitar seus mecanismos de sustentação. Para tal, foi necessário fazer um gesto de reterritorialização do conceito de pânico moral, inicialmente cunhado no âmbito da sociologia do desvio, na década de 1970, para o campo materialista do discurso. A partir desse gesto, compreendemos o pânico moral como um funcionamento de linguagem na relação com os processos de identificação dos sujeitos dado o

¹ Doutorando em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: wellton.fatima@ifal.edu.br



funcionamento da ideologia e da memória discursiva. O pânico moral consiste em uma maquinaria discursiva intimamente ligada a uma formação discursiva - e àquilo que, em seu interior, *não* pode e *não* deve ser dito - e se estrutura a partir da alegorização e da estigmatização de sujeitos e acontecimentos. Desse modo, ao se produzir na relação com a formação discursiva, o pânico moral está também ligado às posições-sujeito no discurso e às políticas do silêncio (Orlandi, 1992) que recaem sobre elas. Ocorre que, nesse ínterim, a sexualidade comparece muito frequentemente como objeto de pânico moral, principalmente em formações discursivas mais alinhadas ao conservadorismo político e/ou religioso, tendo em vista, ainda, a forma como o silêncio produz efeito no modo de dizer a sexualidade. Compreendemos que o pânico moral em torno do “kit gay” seria um acontecimento discursivo (Pêcheux, 2006) que fez aparecer um enunciado aparentemente coerente, em sua formação discursiva, por meio de uma rede de repetidas enunciações, forjadas no interior do discurso político de direita (embora funcione para além dele). Apoiamo-nos em pesquisas recentes que também têm analisado o modo de funcionar de discursividades político-conservadoras, como em Grigoletto (2021), para dar relevo aos mecanismos de manutenção e de sustentação de uma aversão a pautas tradicionalmente lidas e interpretadas como “de esquerda”. Diante das propostas dos governos federais do partido dos trabalhadores pós-anos 2000 em favor da inclusão de pessoas LGBTQ+ em diversos campos da sociedade brasileira, inclusive da educação, produziu-se uma espécie de amálgama segundo a qual defender educação de gênero e de sexualidade nas escolas seria “coisa de esquerda” e que, por antagônico simétrico, ser de direita consistiria em, justamente, rechaçar essa proposta, o que criou limite que demarcou a distinção entre as posições possíveis frente à proposta de uma cartilha anti-homofobia nas escolas brasileiras. Em nossos resultados, podemos observar a constituição enunciativa de um “nós x eles” que, embora seja mecanismo básico do discurso político - um discurso fundamentalmente polêmico, conforme Orlandi (1987) -, encontra na lgbtfobia um ponto de coesão - aqui entendida como mecanismo que dá liga - no interior dessa formação discursiva alinhada à direita política em seu antagonismo com outra formação discursiva alinhada à esquerda política.

Palavras-chave: kit gay; discurso político de direita; lgbtfobia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics**: The creation of the Mods and Rocker. Routledge, London, 1972
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. 1. ed. Campinas: Pontes, 2018



- GRIGOLETTO, E.. Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico. **Revista Leitura**, v. 69, p. 187-205, 2021
- LAGAZZI, Suzy. **A imagem em sua potência de captura simbólica**. Fórum Linguístico, v. 18 Esp, p. 5890-5902, 2021
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2 ed. Pontes Editores: Campinas/SP, 1987
- ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Pontes Editores: Campinas/SP, 2013
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1992.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In Françoise Gadet; Tony Hak (orgs) . **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Editora da Unicamp: Campinas/SP, 2014
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 6. ed. Pontes Editores: Campinas/SP, 2006

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 8: Extensão e educação

Debatedora: Juliana Schober

Autores:

Tiago Ribeiro dos Anjos

Fátima Denise Fernandes

Ingrid Gomes Queiroz

Alessandra de Carvalho

Gláucia Buzato

Camille de Faria Freitas

Naomi Lamarck

Luana Caroline do Nascimento e Victor Paciesny



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Disparidades Regionais e Institucionais na Implementação da Iniciação Científica Júnior no Brasil (2017-2023).

Tiago Ribeiro dos Anjos¹
Maria Teresa Miceli Kerbauy²

Este estudo, originado de uma pesquisa de doutorado, analisa as instituições beneficiárias dos Programas de Iniciação Científica Júnior (ICJ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2017 a 2023. O ICJ é uma iniciativa que oferece bolsas para estimular a formação técnica e científica, com o objetivo de disseminar conhecimentos científicos e tecnológicos essenciais, além de desenvolver atitudes e habilidades necessárias à educação científica de estudantes da Educação Básica (CNPq, 2024a).

De acordo com a Resolução Normativa RN-027/2008 do CNPq, o programa visa despertar a vocação científica e incentivar talentos em potencial por meio de sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica. As bolsas, que podem durar até 12 meses com possibilidade de renovação, são destinadas a estudantes do ensino fundamental, médio e profissional de escolas públicas, sob a orientação de pesquisadores qualificados. Entidades estaduais de fomento à pesquisa, juntamente com instituições de ensino superior e centros de pesquisa, desempenham um papel crucial no processo de seleção e acompanhamento dos bolsistas.

A análise abrangente dos programas de ICJ revela que, além de seus impactos educacionais, eles também representam uma política pública alinhada a interesses estratégicos nacionais, conforme discutido por Oliveira (2015). O ICJ não só aproxima os jovens da ciência, mas também fortalece as conexões entre instituições de ensino e pesquisa em todo o país, contribuindo significativamente para a formação de uma nova geração de cientistas e pesquisadores brasileiros.

Dada a relevância do ICJ na formação de futuros cientistas e seu impacto na Educação Básica, este estudo foca na análise das instituições beneficiárias do programa entre 2017 e 2023. Para isso, utilizamos dados extraídos do 'Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNPq', selecionando informações específicas sob o filtro 'Iniciação Científica Júnior' referentes ao período estudado. Os dados foram coletados anualmente e compilados em arquivos no formato .xlsx, totalizando 40.531 registros.

Ao examinar os investimentos do CNPq no Programa de Iniciação Científica Júnior durante o período de 2017 a 2023, observa-se um crescimento gradual nos valores aportados. Inicialmente, em 2017, o investimento foi de R\$ 11,9 milhões,

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos. tiago.anjos@estudante.ufscar.br.

² Docente no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. teresa.kerbauy@gmail.com



atingindo o patamar histórico de R\$ 69,9 milhões em 2023. Este aumento expressivo está diretamente vinculado ao reajuste das bolsas de pesquisa, anunciado pelo Governo Federal em fevereiro de 2023 (Brasil, 2023).

Com relação ao número de instituições participantes, entre 2017 e 2020, observou-se um aumento progressivo no número de instituições participantes do ICJ, refletindo uma expansão nas políticas de fomento à pesquisa. No entanto, em 2021, houve uma queda para 194 instituições, possivelmente devido aos impactos da pandemia de COVID-19. Apesar de uma recuperação para 214 instituições em 2022, o número voltou a cair para 207 em 2023.

Durante o período analisado, o ICJ contou com a participação de 288 instituições distintas, categorizadas em seis principais grupos conforme a natureza e o foco de cada uma: as Instituições de Ensino Superior (IES), os Institutos Federais (IFs) e Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), os Institutos de Pesquisas, os Órgãos Governamentais e por fim, a categoria 'Outras', que foi utilizada para agrupar entidades como ONGs e associações, que não se enquadram diretamente nas categorias anteriores, mas que contribuem para a diversidade do programa.

A distribuição do apoio do CNPq às instituições, revela uma predominância significativa das Instituições de Ensino Superior, que constituem 63,07% do total. Este domínio reafirma o papel central dessas instituições no panorama da pesquisa científica no Brasil, consistentemente alinhado com sua missão fundamental de integrar ensino, pesquisa e extensão. Os IFs e CEFETs, que aparecem em segundo lugar com 16,38%, refletem uma tendência importante dentro do contexto educacional brasileiro. A integração da educação profissional e tecnológica (EPT) com o ensino superior em uma única instituição, cria um ambiente propício para o desenvolvimento de projetos de ICJ.

Com relação à participação dos Órgãos Governamentais e dos Institutos de Pesquisas, com 7,67% e 6,27% respectivamente, embora menor, é fundamental para entender a diversidade de aplicações do programa de ICJ em diferentes contextos da ciência e da promoção da ciência. Com relação à participação de Órgãos Governamentais, entre o período de 2017 a 2023, 22 instituições foram beneficiadas pelo ICJ, sendo o Nordeste a região com uma marcante predominância de instituições.

Os resultados desta pesquisa destacam disparidades regionais significativas na implementação da ICJ, evidenciando a predominância das IES na condução e seleção de bolsistas. Além disso, o estudo ressalta a importância estratégica dos Órgãos Governamentais na execução do ICJ, especialmente em regiões historicamente menos favorecidas. Essas observações sublinham a necessidade de políticas mais inclusivas e equitativas que possam melhorar a distribuição e o acesso ao programa de ICJ, garantindo que benefícios educacionais e científicos alcancem todas as áreas do país de maneira mais uniforme.

Palavras-chave: Iniciação Científica Júnior; Políticas Públicas; Formação de pesquisadores.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Governo Federal anuncia reajuste em bolsas de graduação, pós-iniciação científica e bolsa permanência.** Governo do Brasil, 16 fev. 2023. Disponível em:
<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2023/02/governo-federal-anuncia-reajuste-em-bolsas-de-graduacao-pos-iniciacao-cientifica-e-bolsa-permanencia>. Acesso em: 05 jul. 2024

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Bolsas por Quota no País (ICJ-Alterações).** Disponível em:
http://memoria2.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/625808. Acesso em: 10 jun. 2024a.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). **Painel de fomento em ciência, tecnologia e inovação.** Disponível em:
<https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/painel-de-fomento-em-ciencia-tecnologia-e-inovacao>. Acesso em: 10 jun. 2024b.

OLIVEIRA, Adriano de. **A Iniciação Científica Júnior (ICJ): aproximações da educação superior com a educação básica.** 2015. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Livro de colorir: uma história

Fatima Denise Peixoto Fernandes¹

Esse trabalho vem trazer um relato de experiência do desenvolvimento e do uso de livros de colorir sobre temas ligados a ciência e cultura com objetivo de estabelecer um diálogo com crianças, especialmente alunos do ensino fundamental.

Em 2022, um livro de colorir, voltado para o público infantil nasceu junto com uma tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O projeto de doutorado teve como ponto de partida o envolvimento profissional da autora em escolas de Ensino Fundamental do Município de Duque de Caxias — Região Metropolitana do Rio de Janeiro —, e como técnica em assuntos educacionais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), alocada no Museu Nacional. Ao longo do tempo, foram sendo reunidas observações empíricas, as quais mereciam ser pesquisadas. *Espaços de Ciência e escolas: para além da complementariedade* teve como principal objetivo caracterizar a relação entre museus de ciência e escolas, compreender as especificidades de cada uma das instituições e do lugar dos museus de ciência na formação dos estudantes e na constituição de uma cultura científica. A partir do desejo de que a tese não fosse partilhada apenas com a banca e com pesquisadores da mesma área, nasceu *Museu, Museus*, um livro com frases simples, diretas, com ilustrações sem cor possibilitando que cada leitor se tornasse, de alguma forma, coautor da obra. Para que mais pessoas tivessem acesso e, principalmente, para que professores pudessem usá-lo em sala de aula, o livro foi disponibilizado gratuitamente para download e impressão. Assim, é possível fazer impressões pequenas e econômicas para distribuição dos livros entre os alunos e também é possível imprimir em formato maior, permitindo a criação de varais de história e outras atividades. Através dessa publicação, parte do trabalho de doutorado não permaneceu em um círculo restrito. Além de ser apresentado em congressos e seminários, junto com a tese, *Museu, Museus* também passou a ser divulgado em mídias sociais, grupos de professores, eventos literários e de divulgação e popularização da ciência. O retorno recebido por parte de professores foi bastante positivo.

No ano de 2022, depois da pandemia de COVID-19, ciente da dificuldade de algumas escolas em realizar atividades externas, o Departamento de Botânica do Museu Nacional resolveu ir às escolas. Foi desenvolvido e implementado um projeto de extensão – Botânica nas escolas – com o objetivo de levar informações sobre essa ciência para alunos do ensino fundamental. Ao longo de toda história da humanidade, as plantas estiveram presentes garantindo a sobrevivência das espécies e ocupando papel de destaque na economia de muitos países. Apesar das muitas mudanças que ocorreram nos séculos mais recentes, ainda hoje, elas estão presentes no cotidiano de todos nós. O estudo da Botânica é fundante para temas atuais como meio ambiente e

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). fatimadenise@mn.ufrj.br



sustentabilidade. Para atender a esse projeto, a ideia de usar livros de colorir é, mais uma vez, colocada em prática, seguindo os mesmos critérios de tratar de temas ligados a ciência e a cultura a partir de frases simples e ilustrações para colorir.

O primeiro livro foi *Vamos falar sobre plantas*, que apresenta a ciência da Botânica, seus cientistas – botânicos e botânicas –, seus usos e sua importância para a sociedade. *Herbário* foi um livro que nasceu com objetivo de apresentar esse importante espaço de trabalho e celebrar a existência do Herbário do Museu Nacional – o primeiro a ser fundado no Brasil, em 1831. O livro mais recente, *Horta, horto, hortelã* surgiu a partir da interação dialógica com as crianças que participaram das primeiras atividades do projeto e que traziam informações sobre espaços que já haviam visitado, como hortas comunitárias e hortos localizados nas estradas. Os livros passaram por revisão de botânicos para que não trouxessem conceitos equivocados e têm sido utilizados em escolas e atendido, especialmente, os anos iniciais do ensino fundamental, mostrando ser um recurso lúdico, eficiente e de baixo custo. Os livros também têm sido impressos em tamanho pequeno e utilizados em eventos de divulgação e popularização da ciência. Para Mora (2003, p. 9), “divulgar é recriar, de alguma maneira, o conhecimento científico”, portanto, é possível dizer que esses livros também são recursos para divulgação científica.

Através de atividades lúdicas, é possível sensibilizar as crianças e despertar um olhar mais atento sobre os mais diversos assuntos. Os pequenos livros têm se mostrado instrumentos eficazes para levar os temas de museus e da Botânica para crianças. Eles seguem gerando curiosidade, ampliando horizontes e, quem sabe, semeando sonhos e futuros.

Palavras-chave: Livro de colorir; Educação; Museus.

REFERÊNCIAS

DENISE, Fátima. **Museu, museus**. Rio de Janeiro, Pod Editora, 2020. Disponível em: www.podeditora.com.br.

DENISE, Fátima. **Herbário**. Rio de Janeiro, Pod Editora, 2022. Disponível em: www.podeditora.com.br.

DENISE, Fátima. **Vamos falar sobre plantas**. Rio de Janeiro, Pod Editora, 2022. Disponível em: www.podeditora.com.br.

FERNANDES, Fátima Denise Peixoto. **Espaços de ciência e escolas: Para além da complementariedade**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MORA, Ana Maria Sánchez. **A divulgação científica como literatura**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência: Editora UFRJ, 2003.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Feira de Ciências do Instituto Santos Dumont: uma oportunidade para fomentar o interesse pela ciência e tecnologia em estudantes da rede pública de ensino na cidade de Macaíba e região

Ingrid Gomes Queiroz¹
Seidi Yonamine Yamauti²
Douglas Marsicano Dunga³
Andressa Radiske⁴
Maria Carolina Gonzalez⁵

O Instituto Santos Dumont (ISD) é uma organização social que realiza serviços de interesse público nas áreas de ensino, pesquisa, extensão, desenvolvimento tecnológico e saúde na zona rural de Macaíba, RN. A principal missão do ISD é formar cidadãos por meio de ações integradas em distintas áreas do conhecimento com foco nas Neurociências, Neuroengenharia e Saúde, e com isso contribuir para a transformação da realidade social brasileira, principalmente no Nordeste. Nesse sentido, o ISD tem desenvolvido diversas atividades de extensão com o objetivo de democratizar e descentralizar o conhecimento e promover o interesse pela ciência e tecnologia em estudantes de Macaíba e municípios vizinhos. Macaíba-RN ainda apresenta uma defasagem educacional e socioeconômica em relação ao panorama nacional. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) do município é atualmente de 0,640, enquanto o IDHM do Brasil é de 0,766 (BRASIL, 2013). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2021 é de 4,4 para os anos iniciais do ensino fundamental das escolas públicas e de 3,6 para o ensino médio na cidade de Macaíba. Comparativamente, a média nacional é de 5,7 para os anos iniciais do ensino fundamental e 3,9 para o ensino médio, sendo a meta estimada pelo Instituto

¹ Mestranda em Neuroengenharia. Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, Instituto Santos Dumont (IIN-ELS/ISD). E-mail: ingrid.queiroz@edu.isd.org.br

² Mestre em Neuroengenharia. Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, Instituto Santos Dumont (IIN-ELS/ISD). E-mail: seidi.yamauti@edu.isd.org.br

³ Mestrando em Neuroengenharia. Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, Instituto Santos Dumont (IIN-ELS/ISD). E-mail: douglas.dunga@edu.isd.org.br

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Neuroengenharia. Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, Instituto Santos Dumont (IIN-ELS/ISD). E-mail: andressa.radiske@isd.org.br

⁵ Docente do Programa de Pós-Graduação em Neuroengenharia. Instituto Internacional de Neurociências Edmond e Lily Safra, Instituto Santos Dumont (IIN-ELS/ISD). E-mail: carolina.gonzalez@isd.org.br



Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de 6,0 nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com dados do censo do INEP de 2023, menos de 20% das escolas de ensino fundamental público de Macaíba são equipadas com laboratórios de informática, e apenas 10% delas possuem laboratórios de ciências, dificultando o acesso dos estudantes à prática do método científico. Neste contexto, a Feira de Ciências do ISD é um evento que procura promover a divulgação científica envolvendo as escolas públicas da região como estratégia de incentivo à educação e desenvolvimento acadêmico. Nos dias 5 a 7 de outubro de 2022 e 20 a 26 de outubro de 2023, ocorreram a 1ª e a 2ª Feira de Ciências do ISD, paralelamente à Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Os eventos foram divulgados nas escolas públicas por docentes e discentes do ISD, que também realizaram oficinas sobre Neurociências e Neuroengenharia aplicada à Saúde. Participaram 510 alunos em 2022 e 600 em 2023, oriundos de escolas públicas de Macaíba, Parnamirim, Natal e região. Os alunos puderam apresentar projetos científicos e tecnológicos e participar de mentorias com professores e alunos do curso de mestrado em Neuroengenharia do ISD, abordando temas como robótica, interface humano-máquina, memória e aprendizado, e realidade virtual. Durante a Feira, foram premiados os melhores trabalhos nas categorias “Ensino Fundamental”, “Ensino Médio/Técnico” e “Iniciação Científica”. Sete alunos de ensino médio das escolas públicas de Macaíba, Natal e Parnamirim que se destacaram receberam bolsas de iniciação científica júnior para realizar atividades de pesquisa orientadas por professores-pesquisadores do ISD. Os projetos desenvolvidos cobriram temas como realidade virtual aplicada à saúde, neuroengenharia, análise de dados e produção de matrizes neurais, e interface cérebro-máquina, com apoio institucional e infraestrutura do ISD. Nesse período, os alunos aplicaram conhecimentos de delineamento de projetos, programação, prototipagem eletrônica, discussão entre pares e divulgação em eventos internos e na Feira de Ciências do ISD. Eles relataram maior integração tecnológica, conhecimento prático de profissões, motivação para pesquisa e foram capazes de concluir projetos próprios, como um joystick ergonômico para pessoas com limitação de movimento nas mãos e um jogo sério para treinamento em reabilitação motora com realidade virtual. As Feiras de Ciências permitem que os estudantes expandam seu conhecimento para além das paredes da escola, conectando-os com ferramentas para resolver problemas reais e promovendo um aprendizado contínuo através da prática de habilidades investigativas (SANTOS, 2012). Assim, esse tipo de evento de divulgação se configura como uma estratégia mediadora da Educação (COSTA et al., 2019). Estudos mostram que essas iniciativas aumentam o interesse dos estudantes pelas aulas regulares (HARTMANN, 2009), ampliam o pensamento crítico e criativo e permitem a aplicação prática do conhecimento (BAZZO; OTHERS, 2003). Além disso, os programas de iniciação científica são essenciais para a formação de estudantes do ensino médio, ensinando-lhes o raciocínio e o método científico, além de desenvolver habilidades de escrita, leitura, trabalho em equipe e comunicação oral (OLIVEIRA et al., 2019). O desenvolvimento socioeconômico depende de uma base científica e tecnológica produtiva, capacitando os cidadãos a serem criadores e inovadores de conhecimento, atuando de maneira eficaz na sociedade (AMORIM, 2011). Dessa forma, fica evidente que atividades como a Feira de Ciências do ISD são essenciais para a educação e transformação da sociedade.



Palavras-chave: Ensino Público; Feira de Ciências; Neuroengenharia.

REFERÊNCIAS

AMORIM, F. Iniciação científica: investindo em novos talentos. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 22, p. 303, 1 dez. 2011.

BAZZO, W. A.; OTHERS. Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica. 2003.

BRASIL, A. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013. **Ranking**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking/>. v. 27, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2023**. Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2407104-macaiba>.

COSTA, L. D. et al. Feira de Ciências: aproximando estudantes da educação básica da pesquisa de iniciação científica. **Ensino em Re-Vista**, v. 26, n. 2, p. 504–523, maio 2019.

HARTMANN, Â. M. FEIRA DE CIÊNCIAS: A INTERDISCIPLINARIDADE E A CONTEXTUALIZAÇÃO EM PRODUÇÕES DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO. 2009.

OLIVEIRA, R. B. DE et al. CONTRIBUIÇÕES DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NOS CURSOS TÉCNICOS DE NÍVEL MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DO ACRE. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 16, p. e7741–e7741, 10 dez. 2019.

SANTOS, A. B. DOS. Feiras de ciência: um incentivo para desenvolvimento da cultura científica. **Revista Ciência em Extensão**, v. 8, n. 2, p. 155–166, 23 ago. 2012.



Laboratório de Divulgação Científica no Jardim Botânico da UFRRJ

Alessandra Pinto de Carvalho¹
Carolina Ribeiro Veras²

Como tornar a informação produzida nas universidades atraente para um público imerso no mundo online e suscetível a qualquer notícia falsa? Esta é a questão norteadora do projeto de pesquisa e extensão ‘Comunicação para a popularização da pesquisa na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)’. Em 2023, a equipe deste projeto criou uma série de minicursos de formação em divulgação científica para sensibilizar universitários sobre a importância de comunicar à sociedade, de maneira simples, temas e pesquisas produzidas na Universidade. Um dos objetivos específicos foi oferecer treinamento sobre ferramentas básicas da comunicação para divulgação científica, a fim de estimular a publicidade autônoma dos fatos científicos, pois nem sempre é possível contar com o auxílio de profissional de comunicação nos projetos acadêmicos.

De acordo com as pesquisas sobre a Percepção Pública da Ciência & Tecnologia (C&T) no Brasil, confirmada pela edição recente (CGEE, 2024), a maioria dos brasileiros tem interesse por ciência (60,3%). No entanto, grande parte não visita ou não participa de atividades em espaços de C&T. A maioria dos entrevistados consome informação sobre temas relacionados à ciência e à tecnologia via redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas digitais (39,8%). A pesquisa também mostra que, embora otimistas em relação a manutenção do interesse pelos temas científicos, os brasileiros continuam não lembrando nomes de instituições de pesquisas ou de pesquisadores brasileiros.

Acreditamos que a Universidade precisa ultrapassar o modelo de déficit de comunicação da ciência, que é aquele que enxerga o público como carente de determinados conceitos científicos (CASTELFRANCHI, 2010), e usar cada vez mais modelos de extensão que priorizem um contato próximo, dialógico (FREIRE, 2015), que incluam a participação e o engajamento nos espaços informais como feiras de ciências, museus, e jardim botânicos, a fim de fortalecer a educação científica e ambiental em nosso país.

Os minicursos foram oferecidos na UFRRJ em três oportunidades, mas este relato trata da experiência com um grupo de 15 bolsistas de iniciação científica do Jardim Botânico da UFRRJ (JB-UFRRJ). Os bolsistas do Jardim Botânico são, majoritariamente, das áreas de ciências biológicas e agrárias. O programa institucional Proverde, ao qual estão vinculados, coloca como requisito a preparação de material para

¹ Docente do Departamento de Letras e Comunicação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: alesscar@ufrj.br

² Graduanda em Psicologia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Bolsista do Proverde. E-mail carolrveras@gmail.com



divulgação científica. A atividade deste grupo de pesquisa e extensão se insere nessa finalidade

Aplicamos o método de pesquisa participante na área da comunicação, conforme descrito por Cícilia Peruzzo (2011), em que o pesquisador interage com o grupo pesquisado, acompanha as atividades relacionadas ao tema em estudo e desempenha papel cooperativo no grupo. As etapas foram: 1) a preparação e realização de um treinamento em comunicação e divulgação científica, com aulas teóricas e práticas; 2) o auxílio na elaboração de um projeto de divulgação científica; 3) o acompanhamento da execução da atividade; e 4) uma avaliação posterior, mediante entrevista. O minicurso foi realizado em quatro encontros de 2h, uma vez por semana, no mês de maio de 2023. O trabalho final foi a apresentação dos estudantes a visitantes do JB-UFRRJ durante as comemorações do Dia do Meio Ambiente, em junho.

Nos dois primeiros encontros, o foco foi a comunicação, as formas de comunicação institucionalizadas sobre ciência, além da demonstração de alguns exemplos de iniciativas de divulgação científica. Nas duas últimas aulas, o foco foi nos projetos dos bolsistas. Eles foram estimulados a falar sobre seus projetos, a treinar a comunicação com o público e planejar propostas para a Feira de Ciências.

Acompanhamos a apreensão dos alunos sobre a atividade e percebemos como as expectativas se modificaram conforme as ideias iam se estruturando. Ações, antes complexas, se transformaram em atividades animadas e interativas. A apresentação preliminar do planejamento de comunicação possibilitou que cada um pudesse ouvir e manifestar opinião sobre os projetos dos colegas.

Os projetos apresentados na Feira de Ciências abordaram a sucessão ecológica, compostagem, plantas medicinais, polinização, briófitas, bromélias, árvores frutíferas, fungos, biologia do solo entre outros, em formatos de exposição interativa, roda de conversa, minipalestra, trilhas e caça ao tesouro. Os estudantes que haviam discutido seus trabalhos na reunião final conseguiram adaptar a linguagem mais rapidamente, quando surpreendidos pela curiosidade do público, tornando o conhecimento mais acessível, e exercitando a divulgação científica (1985) e o diálogo (FREIRE, 2015).

Após o evento, entrevistamos os bolsistas e constatamos que quem só tinha experiência em jornadas de Iniciação Científica teve mais dificuldade de adaptar a linguagem; para outros, a experiência foi um pouco cansativa, já que não estavam acostumados a lidar com aquele público. Mas a maioria disse estar satisfeita por mostrar seu trabalho para pessoas leigas no assunto, e explicar que era um dos autores daquele estudo. Concluímos que pensar no desenvolvimento de uma atividade acadêmica com configuração que dá maior autonomia e liberdade de criação, foi uma tarefa desafiadora e enriquecedora para os estudantes que participaram do minicurso de divulgação científica.

Palavras-chave: comunicação, pesquisa e extensão, popularização da ciência, divulgação científica

Referências

BUENO, W.C. **Jornalismo Científico: conceitos e funções**. Rio de Janeiro: Ciência & Cultura, setembro, 1985.



CARNEIRO, E. **Perfil dos blogueiros/divulgadores de Ciência no Portal Blogs de Ciência da Unicamp.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. 2020. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1127067>

CASTELFRANCHI, Y. **Por que comunicar temas de ciência e tecnologia para o público.** In: MASSARANI, L. (org.). *Jornalismo e ciência: uma perspectiva ibero-americana.* Rio de Janeiro: Fiocruz-COC-Museu da Vida, 2010.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS- CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil - 2023.** Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 17ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015

O QUE OS JOVENS BRASILEIROS PENSAM DA CÊNCIA E TECNOLOGIA: pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia/ Coord. Luisa Massarani, Yuriy Castelfranchi, Vanessa Fagundes e Ildeu Moreira. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021.

PERUZZO, C.M.K. **Observação Participante e Pesquisa-Ação.** In: DUARTE, J; BARROS, A. (org.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.* São Paulo: Atlas, 2011.

VANZIN, Kátia. **Comunicação Pública Científica e Modelos de Comunicação Pública da Ciência e a Contribuição à Cidadania.** X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, UNESP, FAAC, Bauru, Abril, 2015



ESCOLA DO CAMPO: A INTERSECCIONALIDADE ENTRE AGROECOLOGIA, COMUNIDADE E CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Gláucia Buzato¹

A pesquisa teve como objetivo avaliar o desenvolvimento do conhecimento científico dos alunos, levando em consideração seu contexto familiar e afetivo, por meio da utilização de uma horta escolar com base agroecológica.

A busca pela consolidação de uma educação que forme sujeitos críticos da realidade, capazes de analisar e intervir nas suas comunidades, é um desafio constante para educadores. Ser um sujeito crítico não se limita a questionar, mas implica compreender a vida em termos de redes, processos e ciclos complexos. Isso exige a reorientação constante do conhecimento, paradigmas científicos e práticas de pesquisa, integrando-os no cotidiano.

No ensino de Ciências, especialmente na educação ambiental nas escolas do campo, não há uma teoria-metodologia única, como discutido por Fernandes (2015). Professores frequentemente combinam abordagens, como o modelo Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente (CTSA), que enfatiza a mediação entre professor e aluno, ambos ativos no processo de aprendizagem. Este modelo promove uma abordagem sistêmica que reconhece a interdependência entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente.

Assim, adotar a agroecologia é uma forma de "promover uma práxis educacional que também representa uma contribuição sociocultural e crítica da educação para a sustentabilidade" (ESPINET, 2014, p. 80). Além disso, "esse espaço harmonioso em múltiplas dimensões não apenas fortalece a compreensão de temas interdisciplinares, mas também contribui para a formação de sujeitos sociais capazes de sustentar um desenvolvimento autônomo" (MUSSOI, 2011).

A escola vai além de ensinar operações básicas: é o espaço onde a criança desenvolve sua personalidade, cooperação e solidariedade, realizando transformações culturais e sociais (ASSIS, 2000). O desafio do professor é conectar a criança ao mundo, considerando sua idade e desenvolvimento, indo além da transmissão de informações. A educação deve capacitar os alunos a serem autônomos na criação e produção de novos conhecimentos (LANZ, 2016). A horta agroecológica, mais do que um ciclo de plantio, é um espaço pedagógico que promove investigação científica e debates sobre valores essenciais, formando indivíduos críticos. Adotar a agroecologia integra conhecimentos científicos e tradicionais, refletindo o pensamento complexo de Morin (2000) e a significação individual descrita por Capra (1997), promovendo uma educação holística e sustentável.

A metodologia adotada foi abrangente e estruturada; inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico detalhado para explorar produções científicas relevantes, compreendendo o contexto teórico existente. A coleta de dados incluiu entrevistas

¹Mestre em Educação - UFSCar - So. gsbuzato@gmail.com..



semiestruturadas com participantes e análise de material gráfico produzido por alunos, oferecendo insights valiosos sobre suas representações imagéticas.

A observação direta e vivência no cotidiano escolar forneceram entendimento contextualizado das dinâmicas educacionais e a análise das produções imagéticas dos participantes, fundamentada na semiótica peirceana, acrescentou uma dimensão interpretativa profunda à pesquisa. A pesquisa-ação foi escolhida pela sua capacidade de promover o desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizado (TRIPP, 2005), permitindo intervenções na realidade educacional (DEMO, 2006). A pesquisa foi conduzida em uma escola rural de São Paulo, com 26 alunos entre 9 e 10 anos,

Durante as atividades, percebemos que a horta agroecológica é um espaço que fomenta laços afetivos entre os alunos, a escola e a comunidade. As crianças estabeleceram vínculos ao escolher e cuidar das plantas, promovendo socialização e interação que as atividades em sala de aula não oferecem. Um exemplo de reflexão e criticidade ocorreu após a coleta de dados, quando os alunos se preocuparam com pragas na horta e buscaram soluções naturais, exemplificando o desenvolvimento do conhecimento científico ao observar, coletar dados e analisar as informações encontradas e então propor soluções. O aprendizado não ocorre, portanto, apenas por teoria, mas pela prática e reflexão, integrando o conhecimento científico ao cotidiano, portanto, a horta agroecológica promove autonomia, pensamento crítico e a integração de saberes, ampliando o conhecimento científico e afetivo dos alunos.

As reflexões sobre agroecologia, pensamento sistêmico, criatividade e semiótica no contexto educacional evidenciam a importância de integrar diferentes saberes e práticas para um ensino significativo e inclusivo. A agroecologia, o pensamento sistêmico e os diversos saberes são cruciais para a educação científica crítica, alinhada às contribuições de Mwalimu Shujaa, que promove no aluno o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca de seu contexto social e histórico.

Observamos que os alunos desenvolveram uma visão mais clara do sistema, demonstrando maior fluidez nas produções, conectando diferentes contextos e utilizando vocabulário e conhecimento dos fenômenos naturais. As práticas possibilitaram o atingimento dos objetivos pedagógicos, evidenciado pelo aumento na complexidade dos desenhos e na compreensão da importância do entorno.

A educação que incorpora esses elementos enriquece o aprendizado formal com experiências práticas e interdisciplinares, capacitando os estudantes a compreender e transformar seu entorno de maneira consciente e responsável. Assim, promove-se uma sociedade mais consciente, equitativa e sustentável, comprometida com a emancipação humana e a formação social, histórica e cultural.

Palavras-chave: Agroecologia; Ciências; Educação Rural.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** / Miguel Altieri. – 4.ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). — São Paulo : Abril Cultural, 1978.



- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente, saúde/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997. 128p.
- CAPORAL, Francisco R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.** Brasília:2009, 30p. Disponível em: <http://frcaporal.blogspot.com/p/livros.html>. Acesso: 19 jan de 2022.
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21.** Disponível em: <https://pvosasco.org.br/alfabetizacao-ecologica-o-desafio-para-a-educacao-do-seculo-21/>. Acesso: 28 dez de 2021.
- CARVALHO, A. M. P., GIL-PÉREZ, D., A formação de professores de Ciências: tendências e inovações. **Questões de Nossa Época**, v.28. 10º ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006 (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; V. 14).
- ESLING, P.; DEVIS, N. **Creativity in the era of artificial intelligence.** Preprint, ago. 2020. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2008.05959>. Acesso em: 03 jun. 2021.
- ESPINET, M. y LLERENA, G.. La agroecología escolar. **Revista soberanía alimentaria**, biodiversidad y culturas, 19, 45-47, 2014.
- FERNANDES, Rebeca C. A.. **Inovações pedagógicas no ensino de ciências dos anos iniciais: um estudo a partir de pesquisas acadêmicas brasileiras (1972-2021).** Campinas, SP: [s.n.], 2015.
- KRASILCHIK, M. **Práticas do ensino de biologia.** 4ª ed. rev. e ampl. SP – Editora da universidade de São Paulo. 2008.
- KRASILCHIK, Myriam. **O professor e o currículo das ciências.** São Paulo, SP: EPU:EDUSP, 1987, 80p. (Temas básicos de educação e ensino).
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORIN, Edgar. **A educação na era planetária.** Conferência na Universidade São Marcos, São Paulo, Brasil, 2005. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B-YLV8egGwSuMkh2X29jekJOVVk/view>. Visitado em 30 abr. 2021.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Editora Meridional LTDA, 2005.
- MUSSOI, E. M. Enfoques pedagógicos para o meio rural: do exercício à reflexão. In: WAGNER, Saionara Araújo. **Métodos de comunicação e participação nas atividades de extensão rural.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 37-57, 2011.



- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.
- PIAGET, J. GARCIA, R.. **Psicogénesis e historia de la ciencia**. México: Siglo Veintiuno Editores, 2008.
- PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, Lúcia. **Estética: de Platão a Peirce**. 2. ed. São Paulo: Experimento, 2000a.
- SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia especial. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. 1ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires; CLACSO, 2018.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. 325p.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.
- TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- WEZEL, A.; BELLON, S.; DORE, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, Springer Verlag/EDP Sciences/INRA, 29 (4), pp.503-515. 2009.



Comunicação e divulgação científica em projetos de Química da UFRRJ: Museu da Química e Descobrindo a Ciência

Camille de Faria Freitas¹
Joyce Rosa de Macedo²
Alessandra Pinto de Carvalho³

O curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro se uniu ao curso de graduação em Química em dois projetos de extensão em 2023: o Museu da Química Aparecida Cayoco Ikuhara Ponzoni e o “Descobrindo a Ciência”. O trabalho da equipe de comunicação nos dois projetos é produzir conteúdo para as redes sociais de ambos os programas, a fim de divulgar o conhecimento produzido na Universidade para além da comunidade acadêmica. O público-alvo das publicações são estudantes do ensino fundamental e médio.

O Museu da Química possui um acervo que narra a história dos 57 anos do curso na Rural, mas ainda aguarda a reforma do espaço físico para montar a exposição. Já o Descobrindo a Ciência, semanalmente, recebe escolas do Rio de Janeiro no Instituto de Química. Nas visitas guiadas, os alunos aprendem a ciência do cotidiano na prática, com experimentos químicos e explicações adaptadas para cada faixa etária.

Um estudo realizado com brasileiros de 15 a 24 anos mostrou que 67% se interessam por ciência e tecnologia e 52% buscam informações em meios virtuais com frequência (INCT-CPCT, 2021). Nessa faixa etária está parte do nosso público-alvo.

Para atingir esses leitores, usamos linguagem de fácil compreensão na produção de *cards* atrativos com as cores da identidade visual dos projetos. No Museu, buscamos criar conteúdo informativo que gere interesse na audiência. No Descobrindo, escolhemos as melhores fotos das visitas, buscando captar a reação dos alunos a fim de transmitir a emoção de estar no laboratório.

Ao analisarmos as métricas de interação nas duas páginas no Instagram, observamos que o engajamento aumentou depois da união dos dois cursos. Em dados coletados no dia 1 de outubro de 2023, o perfil do Museu atingiu 342% mais contos do que no período de abril a junho do mesmo ano. Os *posts* colaborativos entre os dois projetos também são exemplos de sucesso da estratégia. Um único *reels* (um formato de vídeo da plataforma) sobre uma oficina de produção de aromatizantes, realizada em parceria por ambos os projetos, já acumula 2456 visualizações e 203 curtidas - para

¹ Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: camillefaria7@gmail.com

² Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: joycerosa@ufrj.br

³ Docente do Departamento de Letras e Comunicação. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: alesscar@ufrj.br



duas contas pequenas, com menos de 1000 seguidores cada, os números são significativos.

Verificamos que *posts* que relembram a história do curso de Química, com imagens de professoras conhecidas pelos estudantes, também costumam gerar interesse. Outra colaboração entre os dois projetos, no Dia do Químico, com uma homenagem à professora emérita Áurea Echevarria atingiu a marca de 200 curtidas e 9 comentários - tipo de interação menos comum entre os seguidores.

Na conta do 'Descobrimundo', além das colaborações com o Museu, os *posts* de maior engajamento são os das visitas guiadas. O número de curtidas nas publicações sobre doze das treze escolas que foram ao projeto até o momento da coleta dos dados se mantém entre 75 a 100. O colégio que ficou de fora dessa faixa, para menos, foi o que levou os alunos mais novos (em torno dos 11 anos de idade). Com isso, notamos que os *posts* das visitas de estudantes de ensino médio, técnico e pré-vestibular, mais ativos nas redes sociais, são os mais curtidos.

Além disso, a partir da terceira visita de 2023, houve um aumento no número de compartilhamentos dos posts. Isso aconteceu quando o carrossel de fotos passou a ter capas, edição de fotos e o uso de um equipamento fotográfico semiprofissional. O salto da média de envios foi de seis para dezesseis, quase o triplo antes da valorização das fotos.

No momento, o Descobrimundo a Ciência também produz vídeos educativos para inclusão de pessoas surdas. O Museu da Química vai, em breve, expandir os públicos e aumentar a visibilidade do projeto com a inauguração do espaço físico e o lançamento de um site, onde será possível organizar o acervo em um catálogo online com a descrição dos equipamentos.

Ao tornar a linguagem científica próxima do nosso público, contribuimos para a expansão dos projetos para além dos muros da universidade. A união entre os saberes foi proveitosa para ambos os cursos: enquanto o curso de Jornalismo colabora com a comunicação dos projetos, o curso de Química amplia os conhecimentos e as possibilidades de atuação do jornalista.

Palavras-chave: Divulgação científica; Química; Redes sociais.

REFERÊNCIAS

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT). **O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia**. Rio de Janeiro : Fiocruz/COC; INCT-CPCT, 2021.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Meninas e mulheres na ciência: divulgação científica na formação de imaginários sobre o ‘ser cientista’

Naomi Lamarck¹
Mariana Ceci de França e Silva²
Maria do Socorro Furtado Veloso³

Este estudo traz um relato de experiência sobre a produção e resultados de engajamento da série de vídeos “Meninas e Mulheres na Ciência”, veiculada nos perfis do Instagram e YouTube do Instituto Santos Dumont (ISD), Organização Social que atua nas áreas de neurociências e neuroengenharia, saúde materno-infantil e da pessoa com deficiência na zona rural de Macaíba, Rio Grande do Norte. O conteúdo teve como propósito apresentar a trajetória de mulheres pesquisadoras vinculadas ao ISD. Cada produção protagonizou uma pesquisadora, destacando sua trajetória e formas de atuação. Foram entrevistadas três pesquisadoras fisioterapeutas, sendo duas delas atuantes na saúde da pessoa com deficiência e uma na saúde materno-infantil, e uma pesquisadora de pós-doutorado, que desenvolve pesquisas sobre a visão no campo da Neurobiologia. O trabalho tem como objetivo estudar e caracterizar a recepção e envolvimento do público com as produções da série, composta por quatro vídeos publicados do dia 2 ao dia 15 de fevereiro de 2024. A caracterização do engajamento com as produções será feita a partir de métricas de interação disponibilizadas pela plataforma Instagram, com base no nível de expressividade pública, contabilizando os itens: visualizações, curtidas, comentários e compartilhamentos.

Parte-se do pressuposto de que compreender a ciência vai além do ensino e aprendizado dos conceitos e princípios que a permeiam. A alfabetização científica, ou *science literacy*, sugere a capacidade de interpretar criticamente, atribuir significado e tecer conexões entre o conhecimento adquirido e a vida cotidiana (MILLER, 2022). A construção dessa visão crítica passa, também, pela compreensão da ciência a partir de uma perspectiva social e histórica, analisando os interesses e atores envolvidos em sua construção.

No âmbito social, a concepção amplamente difundida sobre o desenvolvimento da ciência está atrelada aos feitos de homens brancos ocidentais, ignorando ou minimizando a contribuição de grupos que fujam a esse estereótipo (BOWCUTT, 2020). No caso específico das mulheres, apesar das contribuições do

¹ Graduanda em Jornalismo no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: naomilamarck@gmail.com.

² Mestranda em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas. E-mail: marianacecif@gmail.com

³ Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: socorroveloso@uol.com.br



movimento feminista na efetiva participação e reconhecimento de mulheres na carreira científica, esta participação ainda está concentrada em determinadas áreas, com uma distribuição desproporcional e marcada pela cultura de “modelo masculino de carreira” (SILVA E RIBEIRO, 2014).

A literatura aponta que a construção do estereótipo de cientista que ignora questões de gênero tem início desde os primeiros anos educacionais, resultando na imagem predominante do cientista como homem em diversos estudos realizados com meninos e meninas (REZNIK et al., 2017). A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura classifica a baixa representação de mulheres em determinadas áreas da ciência como “profundamente enraizada”, com efeitos negativos no alcance das metas do Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2017).

No Brasil, experimentos utilizando o método de Chambers (1983) de “Desenhe um Cientista”, realizados com jovens, apontam para a predominância da imagem do cientista enquanto homem. Soares e Scalfi (2014) replicaram o experimento com estudantes do Ensino Médio, e tiveram como resultado 78% de desenhos representando um cientista homem. Já Brasil (2020), utilizou a metodologia com estudantes do Ensino Fundamental, e 58,2% de resultados que apontam para a imagem do cientista enquanto figura masculina.

A comunicação, no âmbito de suas estratégias e ferramentas de produção de conteúdo, é um agente capaz de contribuir para a superação desse estereótipo, a partir da produção e veiculação da ciência de maneira diversa e dialógica com a sociedade (SOARES; SCALFI, 2014). Adicionalmente, em um cenário com predominância de formatos multimídia, que possibilitam a interação e facilitam o compartilhamento, essas narrativas precisam se adaptar às exigências emergentes e a novos segmentos de público. Apesar dos vários desafios que envolvem as novas formas de consumo da informação, as redes sociais também proporcionam um solo fértil para a divulgação da ciência (BAUTISTA et al., 2021).

As métricas de interação foram solicitadas à Assessoria de Comunicação da instituição e coletadas pela ferramenta *Creator Studio*, da Meta. Em 31 de julho de 2024, quando o perfil do ISD no Instagram possuía 17.553 seguidores, verificou-se que as quatro produções da série "Meninas e Mulheres na Ciência" possuíam uma audiência majoritariamente composta por mulheres, que representavam, em média, 71,13% do público responsável pelas interações com o conteúdo no Instagram. Em relação à faixa etária, mulheres de 25 aos 34 anos eram maioria, representando 30,5% em relação aos demais grupos. Todos os vídeos alcançaram métricas maiores que a média do perfil, com destaque para as interações de maior expressividade pública: foram em média 157 comentários e 183 compartilhamentos entre os quatro vídeos.

Os dados apontam para a maior participação do público representado no engajamento do conteúdo. A análise pode aprofundar a compreensão sobre a potencialidade das mídias digitais na quebra de estereótipos na ciência. Aliada a outras práticas de incentivo à participação de grupos historicamente excluídos do fazer científico ocidental, a comunicação pode contribuir na formação de novos imaginários sobre ser cientista.

Palavras-chave: Mulheres cientistas; diversidade na ciência; jornalismo audiovisual; estereótipos de gênero; Instagram.



REFERÊNCIAS

ALDOUS, K. K.; AN, J. e JANSEN, B. J. View, like, comment, post: Analyzing user engagement by topic at 4 levels across 5 social media platforms for 53 news organizations. **Proceedings of the International AAAI Conference on Web and Social Media**, vol. 13, p. 47-57, 2019. Disponível em: <https://ojs.aaai.org/index.php/ICWSM/article/view/3208>. Acesso em: 26 jul. 2024.

BAUTISTA, P. S.; CABEZUELO-LORENZO, F.; DE LA CASA, J. M., Instagram como herramienta digital para la comunicación y divulgación científica: el caso mexicano de @ pictoline. **Chasqui: Revista latinoamericana de comunicación**, n. 147, p. 143-162, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8093846>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BOWCUTT, F.; CAULKINS, T. Co-teaching Botany and History: An Interdisciplinary Model for a More Inclusive Curriculum. *Isis*, Volume 111, Issue 3 September 2020, Pages 443-695. doi: <https://doi.org/10.1086/71107>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2022. Brasília, DF: Inep, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/a_presentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024

BRASIL, K. B. N. “Desenhe Um Cientista”: As Concepções dos Estudantes do Centro Juvenil de Ciência e Cultura Sobre os Cientistas. **Cenas Educacionais**, vol. 3, ed. 8670, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/8670>. Acesso em: 26 jul. 2024.

DE LA CASA, J. M.; CAEROLS, M. R.; BAUTISTA, P. S. La realidad virtual y el vídeo 360° en la comunicación empresarial e institucional. **Revista de Comunicación**, v. 18, n. 2, p. 177-179, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26441/RC18.2-2019-A9>. Acesso em: 29 jul. 2024.

REZNIK, G. et al. Como adolescentes aprendem a ciência e a profissão de cientista? **Revista Estudos Feministas**, vol. 25, p. 829-855. 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p829>. Acesso em: 29 jul. 2024.

SILVA, A.; RIBEIRO, C. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, p. 449-466. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-73132014000200012> Acesso em: 26 jul. 2024.

SOARES, G.; SCALFI, L. Adolescentes e o imaginário sobre cientistas: análise do teste "Desenhe um cientista" (DAST) aplicado com alunos do 2º ano do Ensino Médio. In: **Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología, Innovación y Educación**. 2014. p. 1-21. Disponível em:



<https://seara.ufc.br/wp-content/uploads/2021/02/giselle-2014-in-congresso-ibero-americano-de-ciencia-tecnologia-inovacao-e-educacao-2014-buenos-aires.-memorias-do-congresso.-buenos-aires-oei..pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

UNESCO, Cracking the code: girls' and women's education in science, technology, engineering and mathematics (STEM). ISBN 978-92-3-100233-5, 2017. doi: <https://doi.org/10.54675/QYHK2407>. Acesso em: 31 jul. 2024



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Para além do português monolíngue: Reconhecendo e valorizando o pretuguês

Luana Caroline do Nascimento¹
Victor Paciesny²

Alguns mitos fundam e reforçam estereótipos de como uma sociedade é ou deveria ser. No Brasil, um país com cerca de 200 idiomas, um desses mitos é o monolinguismo. A política linguística de que no Brasil se fala uma única língua é inicialmente um projeto político: por muitos anos, indígenas e imigrantes foram perseguidos para não usarem suas línguas maternas. A discussão do Brasil como um país multilíngue abrange tanto as diversas línguas faladas no território quanto a diversidade interna da língua portuguesa (Oliveira, 2000).

Essa diversidade linguística se reflete na sala de aula, pois a escola não pode ser isolada do convívio social dos estudantes. Este trabalho aborda a diversidade linguística no Brasil e critica a imposição de um "português padrão" nas escolas, defendendo a integração do conceito de "pretuguês" no currículo escolar. Esta proposta é uma manifestação prática da Teoria Decolonial do Saber, que desafia a supremacia epistêmica ocidental, promovendo a valorização de saberes e epistemologias marginalizadas.

A Teoria Decolonial do Saber, conforme discutida por pensadores como bell hooks (2008; 2017, 2019) e Aníbal Quijano (2000), enfatiza a necessidade de descolonizar o conhecimento e reconhecer a riqueza dos saberes oriundos de culturas historicamente oprimidas. Bell hooks (2008; 2017, 2019) destaca a importância de uma educação crítica que valorize as vozes e experiências das pessoas marginalizadas. Ela argumenta que os espaços educacionais devem desafiar as estruturas de poder e promover a inclusão de saberes diversos. O ensino da língua portuguesa pode tanto reforçar quanto combater estereótipos e racismos. Impor um ensino que padronize um único "modo correto" da língua portuguesa em detrimento de outras variações perpetua desigualdades e marginaliza grupos que não se encaixam nesse padrão. A integração do "pretuguês" no currículo escolar exemplifica como a educação pode ser usada para desafiar preconceitos e promover a justiça social, valorizando a contribuição das culturas afro-brasileiras.

Lélia Gonzalez foi uma das mais importantes intelectuais brasileiras do século XX. Autora negra, mesclava ortografia formal e a língua falada, criando uma mistura de coloquialismo e erudição. Ela cunhou o termo "pretuguês" como uma africanização do idioma falado no Brasil (Rios; Lima, 2020). A autora chama de pretuguês a marca de africanização do português falado no Brasil. Entre as marcas, Lélia destaca o caráter

¹ Jornalista e acadêmica do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Email: iilucaroline@gmail.com

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Email: vicpaciesny@gmail.com



tonal e rítmico das línguas africanas e, inclusive, a ausência de certas consoantes como pontos pouco explorados da influência negra na formação histórico-cultural. “Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’ etc. que minimizam a importância da contribuição negra” (GONZALES, 2020, p. 128)

Lucas de Melo e Ane de Mira (2021) explicam o pretuguês como “o vernáculo afro-brasileiro, que se define por conservar particularidades dos sistemas linguísticos africanos” (p. 5). Essas características, em geral, são vistas como desvios da língua portuguesa, e não como contribuições legítimas para a língua falada no Brasil. América César e Marilda Cavalcanti (2007) questionam a eleição do “português prestigiado” como a língua de domínio da escola, argumentando que essa perspectiva minimiza a autonomia e a capacidade crítica dos alunos.

Marilda Cavalcanti (2013) propõe conceituar as diferentes línguas da mesma família como línguas, e não como variedades linguísticas, para evitar invisibilização e preconceito. Apresentá-las como línguas pode dar visibilidade e promover um posicionamento das comunidades (p. 217). Este ensaio destaca a necessidade urgente de revisitar e ampliar a discussão sobre o pretuguês como um componente crucial da língua portuguesa falada no Brasil, combatendo o mito do monolinguismo. Reconhecer as contribuições das línguas africanas é essencial para promover uma educação mais inclusiva, capaz de valorizar a diversidade linguística e cultural dos estudantes. A reformulação do ensino de língua portuguesa deve incorporar essas perspectivas, contribuindo para a emancipação e fortalecimento da autonomia crítica dos alunos.

Grada Kilomba (2019), em “Memórias da Plantação”, discute como as experiências de pessoas negras são frequentemente silenciadas nas narrativas dominantes. Utilizando uma abordagem decolonial, Kilomba (2019) destaca a importância de reconhecer essas memórias. O conceito de “pretuguês” pode resgatar e valorizar as influências africanas na língua portuguesa falada no Brasil. Integrar o “pretuguês” no currículo escolar enriquece o aprendizado linguístico e reconhece a história e as contribuições das comunidades afro-brasileiras.

A proposta de integrar o “pretuguês” no currículo escolar desafia a hegemonia linguística e promove uma educação que celebra a diversidade. Ao reconhecer as variações linguísticas afro-brasileiras, a educação pode se tornar um instrumento de empoderamento e inclusão social. Este processo de descolonização do saber e da valorização do pretuguês não são apenas uma questão linguística, mas um passo essencial para a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todas as formas de expressão cultural são respeitadas e valorizadas. Ao celebrar o pretuguês, afirma-se a necessidade de uma educação que respeite e valorize todas as vozes.

Palavras-chave: Pretuguês. Ensino de língua portuguesa. Mito do monolinguismo. Racismo linguístico. Lélia Gonzalez

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Marilda do Couto. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.



CAVALCANTI, Marilda do Couto; CÉSAR, Amética L. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda do Couto; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: SP: Mercado das Letras (2007).

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira In: GONZALES, Lélia. **Por um feminismo latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flavia Rios, Marcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALES, Lélia. **Por um feminismo latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flavia Rios, Marcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Rev. Estud. Fem.** vol.16, n.3, pp.857-864, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300007>> Acesso em: 02. Jun. 2024

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MELO, Lucas Anderson Neves de; MIRA, Ane Patrícia Viana José de. O pretuguês em sala de aula: racismo linguístico e as práticas pedagógicas da(o) docente de língua portuguesa. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1395-1412, set./dez. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v46i3.67796>>. Acesso em: 01 junho 2024.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolinguismo e Preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O direito à fala? A questão do preconceito linguístico**. Florianópolis: Editora Insular, 2000



QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386. 2000.

RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. Introdução. In: GONZALES, Lélia. **Por um feminismo latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização: Flavia Rios, Marcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 9: Divulgação e educação

Debatedora: Sabine Righetti

Autores:

Gabriel Gheorghiu da Silva

Daniel Rangel de Souza

Rogério Augusto Bordini

Pedro Stenio Caroca da Silva Barreto

Crisllene Queiroz Custódio

Letícia Rafaela Aristeu de Queiroz



Quem pode falar de ciência: pontes entre o século XIX e o nosso

Gabriel Gheorghiu da Silva¹
Diego Jair Vicentín²
Peter Alexander Bleinroth Schulz³

Este trabalho apresenta uma análise relativa à dissertação de mestrado intitulada “A divulgação científica no tempo e seus públicos: ciência como objeto de fronteira”. No século XIX, as revistas científicas começaram a ter uma importância crucial na disseminação da ciência, tornando o conhecimento científico mais acessível ao público em geral. Este período foi marcado por um crescimento notável na quantidade e variedade de publicações focadas em transmitir ciência de maneira compreensível e aplicável (LIGHTMAN, 2016). Algumas das publicações mais importantes dessa época incluem "The Magazine of Science, and School of Arts" (1839-1842), "The Intellectual Observer" (1862-1868), "The Quarterly Journal of Science" (1864-1878), "Popular Science Monthly" (1872-1925) e "Science Gossip" (1875-1902). Todas essas revistas tinham características distintas entre si em termos de conteúdo, mas compartilhavam o objetivo de se envolver de forma interativa com um público não acadêmico.

A revista “The Magazine of Science, and School of Arts” destaca-se, por exemplo, por apresentar instruções para a execução de experimentos científicos em casa. Ela oferecia passo a passo para algumas atividades, possibilitando que qualquer leitor interessado pudesse replicá-las. Esta abordagem “*hands-on*” é um reflexo da transformação na publicação científica durante o século XIX. Conforme Lightman (2016), isso proporcionou oportunidades para tornar a ciência mais acessível para leitores da emergente classe média e a trabalhadora. Editores, jornalistas e autores responderam à revolução na comunicação e aos desenvolvimentos correlatos, sugerindo a idealização do cientista como alguém que também se engaja com o público, além do ambiente dos seus pares acadêmicos (LIGHTMAN, 2016; BENSUADE-VINCENT, 2009).

No século XIX, a difusão da ciência não se limitava ao meio acadêmico e científico, mas ocorria por meio da cooperação e publicação de trabalhos em revistas populares de ciência, com contribuições até mesmo do público leigo. Este processo integrava o conhecimento popular, considerado tão valioso quanto o conhecimento científico (LIGHTMAN, 2016). Esta abordagem de "ciência popular" demonstra como as concepções de ciência e público evoluíram ao longo do tempo (TOPHAM, 2009) na disputa entre a participação popular e a ciência profissional, esta última acabou prevalecendo. A tecnociência teve um impacto significativo na sociedade, alterando os princípios da comunicação científica. O retorno para um modelo participativo, com novas configurações, vem transformando a comunicação científica, deslocando-a de uma autoridade exclusiva legitimada para um compromisso democrático (BENSUADE-VINCENT, 2009).

¹Mestrando no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (ICHSA), Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas. g216246@dac.unicamp.br

²Professor doutor da Universidade Estadual de Campinas. diegovct@unicamp.br

³Professor doutor da Universidade Estadual de Campinas. peter.schulz@fca.unicamp.br



A necessidade de entender a compreensão e acesso da ciência ao público não especializado impulsionou apenas no final do século XX a disciplina de entendimento público da ciência (COOTER; PUMFREY, 1994; TOPHAM, 2009). No entanto, essa iniciativa foi geralmente baseada em uma visão histórica e sociológica de "popular" como uma recepção passiva de conhecimento científico por leigos (BENSAUDE-VINCENT, 2009; COOTER; PUMFREY, 1994; TOPHAM, 2009). Essa perspectiva passou a ser alvo de críticas por perpetuar a lacuna entre a ciência profissional e a cultura popular, em vez de promover uma verdadeira interdependência.

Neste cenário, Domingos dos Santos Neto tem se destacado - um divulgador contemporâneo de ciência, que ganhou popularidade nas redes sociais por conduzir experimentos científicos com materiais domésticos que podem ser replicados por outros entusiastas. Domingos não é um acadêmico, mas um entusiasta que busca transformar a divulgação científica em um processo participativo na sociedade, alinhando-se à visão de ciência como uma infraestrutura democrática (BENSAUDE-VINCENT, 2009). Apesar de alguns erros conceituais na interpretação de seus experimentos, Domingos revive uma tradição com mais de 170 anos: ciência apresentada não só por cientistas, mas também pelo leigo apaixonado. Sua prática é criticada por parte do público especialista, mas é crucial reconhecer que ele produz conteúdo científico para o público em geral, mantendo viva a ideia de que a ciência pode ser acessível e aplicável a todos.

A concepção da ciência como um campo adaptável, um objeto de fronteira, (STAR&GRIESEMER, 1989; DAZA-CAICEDO, 2013) permite sua flexibilidade em relação a diversas perspectivas, tanto do público quanto dos cientistas. Esta visão aponta para a necessidade de uma comunicação científica mais participativa do que o modelo tradicional de déficit, que está profundamente enraizado na interação entre cientistas e seus colegas. Ao adotar a ideia de ciência como um campo adaptável na prática da divulgação científica, é possível promover uma interação mais proativa e inclusiva entre cientistas e o público. Isso reconhece e valoriza a variedade de pontos de vista e experiências existentes na sociedade atual. A prática de Domingos, ao se opor ao modelo unidirecional passivo de conhecimento, reforça uma iniciativa de divulgação científica já disseminada no século XIX. Isso demonstra que não é preciso reinventar a roda, mas sim adaptar práticas bem-sucedidas do passado ao contexto contemporâneo.

Palavras-chave: divulgação científica; ciência popular; objeto de fronteira.

REFERÊNCIAS

BENSAUDE-VINCENT, B. A Historical Perspective on Science and Its "Others". *Isis*, v. 100, n. 2, p. 359–368, jun. 2009.

COOTER, R.; PUMFREY, S. Separate Spheres and Public Places: Reflections on the History of Science Popularization and Science in Popular Culture. *History of Science*, v. 32, p. 237–267, set. 1994.

DAZA-CAICEDO, S. (2013). La apropiación social de la ciencia y la tecnología como un objeto de frontera. In C. Vogt & et al. (Eds.), *Comunicação, divulgação e percepção de ciência e tecnologia (C&T)* (1 ed.). CAPES, CNPq, De Petrus et Alii.



LIGHTMAN, B. Popularizers, participation and the transformations of nineteenth-century publishing: From the 1860s to the 1880s. **Notes and Records: the Royal Society Journal of the History of Science**, v. 70, n. 4, p. 343–359, 2

STAR, S. L.; GRIESEMER, J. R. Institutional Ecology, 'Translations' and Boundary Objects: Amateurs and Professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907-39. **Social Studies of Science**, v. 19, n. 3, p. 387–420

TOPHAM, J. R. Rethinking the History of Science Popularization/Popular Science. *In*: PAPANELOPOULOU, F.; NIETO-GALAN, A.; PERDIGUEIRO, E. (Eds.). **Popularizing Science and Technology in the European Periphery, 1800–2000**. Burlington: Ashgate, 2009



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Jornalismo científico como ferramenta de democratização dos conhecimentos em química medicinal

Daniel Rangel de Souza^{1,2}
Paula Felício Drummond de Castro^{2,3}

A química medicinal é uma área multidisciplinar que se dedica ao planejamento, desenvolvimento e estudo de novas moléculas com atividade biológica. Atuando na interface entre a química e a biologia, essa ciência busca compreender os mecanismos moleculares de interação entre compostos químicos e sistemas biológicos, visando o desenvolvimento de novos fármacos. Seu foco principal reside na identificação e otimização de moléculas capazes de interagir com alvos biológicos específicos, modulando processos fisiológicos e patológicos. Para tanto, a química medicinal emprega um amplo conjunto de ferramentas, incluindo a síntese orgânica, a bioquímica, a farmacologia, a biologia molecular e técnicas computacionais, com o objetivo de estabelecer relações estrutura-atividade e prever o comportamento de novas moléculas (Wermuth *et al.*, 2015).

O último levantamento sobre a percepção dos brasileiros em relação à ciência e tecnologia, realizado em 2023, demonstra um grande interesse da população por temas como saúde e medicina, com 77,9% dos entrevistados se declarando interessados ou muito interessados nesses assuntos. Além disso, 84% dos participantes concordam que a maioria das pessoas é capaz de entender a ciência quando ela é bem explicada. Considerando esse contexto, a comunicação de conteúdos relacionados à química medicinal encontra um público potencial expressivo, que não apenas reconhece a relevância da área, mas também se sente apto a compreender produções sobre o tema (CGEE, 2024).

A divulgação dos conhecimentos em química medicinal apresenta o potencial de introduzir temas das ciências para o público em geral, uma vez que esta é uma área multidisciplinar, com técnicas variadas e relação direta com a saúde da população. Embora haja uma demanda em potencial para conteúdos jornalísticos sobre química medicinal, é importante atentar para a forma como os avanços dessa área da ciência são publicados, a fim de se evitar erros conceituais ou o mal entendimento do público não especializado. Outro ponto a se considerar é que mesmo com muitos avanços dos países do Sul Global, esta ainda é uma área na qual a produção científica se concentra em países ricos do norte e escrita majoritariamente em língua inglesa, o que dificulta sua assimilação em países como o Brasil.

¹ Aluno de especialização em Jornalismo Científico na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. E-mail: d272553@dac.unicamp.br

² Centro de Química Medicinal da Unicamp.

³ Coordenadora de Comunicação do Centro de Química Medicinal da Unicamp. E-mail: paulafdc@unicamp.br



Este presente relato de experiência é baseado no exercício de redação de matérias jornalísticas produzidas no projeto “Cobertura Jornalística dos Avanços, Processos e Potencialidades das Pesquisas em Química Medicinal”, financiado pela FAPESP (2023/11917-4) e desenvolvido no Centro de Química Medicinal (CQMED) da Unicamp. O CQMED atua na descoberta de moléculas precursoras para potenciais fármacos. Criado em 2015, seu objetivo principal é contribuir para o desenvolvimento de novos fármacos por meio da criação de sondas químicas para alvos biológicos pouco estudados. Contando com uma equipe multidisciplinar, as pesquisas do CQMED são direcionadas para o tratamento de doenças como câncer, doenças raras e infecciosas, buscando soluções inovadoras para desafios globais em saúde.

O trabalho jornalístico sobre as pesquisas realizadas no CQMED busca, além de noticiar as novidades na área de química medicinal, tornar um conhecimento altamente especializado e complexo em conteúdo de fácil assimilação e entendimento dos leitores. Um exemplo é o artigo científico “*Discovery of pyrazolo[3,4-d]pyrimidines as novel mitogen-activated protein kinase kinase 3 (MKK3) inhibitors*” (Takarada *et al.*, 2024), que resultou na reportagem “Pesquisadores do Centro de Química Medicinal criaram uma série de experimentos para encontrar moléculas com potencial terapêutico”, originalmente publicada no site do Jornal da Unicamp (Rangel, 2024). Outro exemplo é o artigo “*Novel dihydropteridinone derivatives as potent inhibitors of the understudied human kinases Vaccinia-Related Kinase 1 and Casein Kinase 1δ/ε*” (Gama *et al.*, 2024), que foi divulgado em material produzido para a Agência FAPESP com o título “Nova molécula pode ajudar a entender a biologia do câncer” (Agência FAPESP, 2024).

Com isso, este esforço de escrever sobre química medicinal para o público não especializado brasileiro visa reforçar o processo de democratização de conhecimentos científicos, geralmente restritos aos especialistas da área e produzidos em língua inglesa, além de ressaltar a capacidade de pesquisadores brasileiros em produzir ciência de alta qualidade.

Em geral, a produção desses textos jornalísticos objetivam suprir a exigência de setores da sociedade por uma maior circulação de conteúdos sobre conhecimentos técnicos-científicos e também para fortalecer a busca da comunidade científica em legitimar sua prática social e se aproximar da sociedade ao qual está inserida, aspectos apontados por Lima & Giordan (2021) para justificar a atual crescente produção da divulgação científica.

Palavras-chave: Jornalismo científico; Química medicinal; Divulgação científica.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA FAPESP. **Nova molécula pode ajudar a entender a biologia do câncer.** Site da Agência Fapesp, 2024. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/nova-molecula-pode-ajudar-a-entender-a-biologia-do-cancer/51754>

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS - CGEE. **Percepção pública da C&T no Brasil - 2023.** Resumo Executivo. Brasília, DF: CGEE, 2024.



GAMA, L. A. D. *et al.* **Novel Dihydropteridinone Derivatives As Potent Inhibitors of the Understudied Human Kinases Vaccinia-Related Kinase 1 and Casein Kinase 1δ/ε.** *Journal of Medicinal Chemistry* 67 (11), 2024. DOI: <https://doi.org/10.1021/acs.jmedchem.3c02250>

LIMA, G. S.; GIORDAN, M. **Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica.** *Hist. cienc. saude-Manguinhos* 28 (2), 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702021000200003>

RANGEL, D. **Pesquisadores do Centro de Química Medicinal criaram uma série de experimentos para encontrar moléculas com potencial terapêutico.** Site do *Jornal da Unicamp*, 2024. Disponível em: <https://www.jornal.unicamp.br/noticias/2024/02/19/pesquisadores-do-centro-de-quimica-medicinal-criaram-uma-serie-de-experimentos-para-encontrar-moleculas-com-potencial-terapeutico/#gsc.tab=0>

TAKARADA, J. E. *et al.* **Discovery of pyrazolo[3,4-*d*]pyrimidines as novel mitogen-activated protein kinase kinase 3 (MKK3) inhibitors.** *Bioorganic & Medicinal Chemistry* 98 117561, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bmc.2023.117561>

WERMUTH, C. G. *et al.* **The Practice of Medicinal Chemistry**, 4th Edition, Academic Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/C2012-0-03066-9>



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Games e divulgação científica: experiências de design de jogos visando a disseminação de pesquisas acadêmicas

Rogério Augusto Bordini¹
Joice Lee Otsuka²
Delano Medeiros Beder³

Este trabalho visa compartilhar um relato de experiência sobre o design e uso de jogos eletrônicos para a disseminação científica no Laboratório de Objetos de Aprendizagem (LOA) da Universidade Federal de São Carlos entre os anos de 2014 e 2020. Os jogos desenvolvidos nesse período abrangem áreas do conhecimento como Enfermagem, Música, Química e Acessibilidade, e surgiram a partir de demandas de pesquisas de mestrado e doutorado realizadas na instituição. Além de serem parte integrante dessas investigações, os jogos serviram como artefatos para tornar os conteúdos das pesquisas acessíveis e lúdicos a diferentes públicos.

De acordo com Bueno (1985), divulgação científica (DC) engloba a aplicação de recursos, técnicas e processos para transmitir informações científicas e tecnológicas ao público em geral. Envolve um processo de transposição de uma linguagem especializada para uma não-especializada, com o intuito de tornar o conteúdo inteligível a públicos diversos. Ações de DC podem ocorrer por meio de diferentes formatos: texto, rádio, museus, TV, quadrinhos, podcasts, etc. Na última década jogos eletrônicos ganharam a atenção de instituições, pesquisadores e comunicadores como recursos de DC (SILVA, CARVALHO & VASCONCELLOS, 2021).

A atratividade dos jogos reside no envolvimento ativo dos jogadores, que tomam decisões e aprendem com suas experiências (BISSO-MACHADO, 2021). Essa conexão cria um ambiente de aprendizado imersivo, facilitando a compreensão e retenção de conceitos complexos. Prensky (2012) destaca as mudanças no estilo cognitivo dos nativos digitais – pessoas nascidas no final do século XX, momento de fervilhamento tecnológico – que incluem rápido processamento de informações, preferência por gráficos e acesso aleatório. O autor argumenta que as teorias e práticas educacionais da atualidade precisam se adaptar a esses novos estilos de aprendizagem. Uma possibilidade baseia-se na incorporação de tendências tecnológicas, como jogos eletrônicos, por serem motivadores e versáteis.

Os videogames também contribuem para a DC ao simular cenários do mundo real ou históricos. Por exemplo, o jogo *Dawn of Man* simula a evolução dos *Homo*

¹ Aluno especialização em Jornalismo Científico na Universidade Estadual de Campinas.
r189871@dac.unicamp.br.

² Professora adjunta Departamento de Computação na Universidade Federal de São Carlos.
joice@ufscar.br.

³ Professor adjunto Departamento de Computação na Universidade Federal de São Carlos.
delano@ufscar.br.



sapiens paleolíticos, enquanto que *Bad News* capacita jogadores para detecção de notícias falsas e desinformação (ROOZENBEEK & VAN DER LINDEN, 2019). Jogos como *Foldit* e *Planet Hunter TESS* também são oriundos de projetos de ciência cidadã em que coletam contribuições de jogadores tanto na descoberta de proteínas quanto no mapeamento de planetas em que podem conter vida, respectivamente. Jogos ainda podem ser distribuídos e acessados livremente por pessoas de diferentes contextos socioculturais (computador, tablet, celular, etc).

Esse tem sido o objetivo do LOA, criado em 2012 com foco na pesquisa e desenvolvimento de ferramentas didáticas, especialmente jogos educacionais. Produz Recursos Educacionais Abertos interativos, priorizando usabilidade, acessibilidade e portabilidade para uso não comercial, voltados a alunos e professores do ensino público. Os jogos são desenvolvidos por equipes de 5 a 6 estudantes de diferentes níveis acadêmicos, que atuam em funções específicas, desde a concepção até a implementação, utilizando tecnologias como HTML5, JavaScript e motores como Construct 3 e Unity. Após desenvolvidos e avaliados por estudantes, professores e o público-alvo com uso de instrumentos como EGameFlow, que permite a avaliação de jogos educacionais (FU, SU & YU, 2009), os games são disponibilizados via website do laboratório, divulgados em redes sociais e publicados em eventos científicos em Jogos, Informática e Educação.

Alguns dos jogos desenvolvidos pelo LOA são: *Musikinésia* que ensina teoria musical e teclado, cujas técnicas foram baseadas em uma pesquisa de mestrado que investigou métodos de aprendizagem interativa, com foco na prática e leitura musical (BORDINI, 2016). *A Era Inclusiva* é um jogo 2D que simula a experiência de um professor recém-formado em uma escola fictícia no Brasil, e que aborda o planejamento de aulas e interação com alunos com diferentes perfis educacionais. O jogo foi desenvolvido a partir de uma tese de doutorado que teve o objetivo de investigar uma proposta de formação complementar em Educação Especial destinada a estudantes de licenciaturas (TORRES, 2018). *LabTecA* oferece um laboratório virtual de Química Analítica em 3D em que os jogadores exploram recursos (equipamentos, vidrarias, reagentes) para realizar experimentos baseados na literatura científica (OTSUKA et al., 2015). Por fim, *Cuidando Bem*, fruto de um doutorado em Enfermagem (DOMINGUES, 2017), ensina os Protocolos de Segurança do Paciente do Ministério da Saúde por meio de casos clínicos, visando capacitar alunos de enfermagem em diferentes níveis de complexidade.

Desafio enfrentados pelo LOA envolveu manutenção de equipes multidisciplinares devido à rotatividade de membros e a dificuldade em realizar testes com o público-alvo, que requer a colaboração de escolas e professores capacitados. Apesar das dificuldades, a experiência do LOA se destaca pela abordagem pluralista e interdisciplinar, envolvendo estudantes de diferentes níveis, o que enriqueceu o aprendizado e resultou em publicações e prêmios nacionais e internacionais. Os jogos desenvolvidos não apenas servem como ferramentas acessíveis e lúdicas, mas também promovem a interação entre alunos de diferentes níveis e entusiastas do formato.

Palavras-chave: Jogos eletrônicos; Divulgação científica; Recursos abertos

REFERÊNCIAS



BISSO-MACHADO, R. Dawn of man: Videogames as a tool for science dissemination. *American journal of physical anthropology*, v. 176, n. 4, p. 726–727, 6 jul. 2021.

BORDINI, Rogério Augusto. **Formação de professores e tecnologia digital: um estudo sobre a utilização do jogo Musikinésia na educação musical**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFSCar, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7487>>. Acesso em: 29 julho de 2024.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico: conceito e funções**. Ciência e Cultura. 1985.

DOMINGUES, A. N. **Desenvolvimento e avaliação do serious game Cuidando bem : simulação por computador sobre segurança do paciente**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – UFSCar, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8925>>. Acesso em: 29 julho de 2024.

FU, F.-L.; SU, R.-C.; YU, S.-C. EGameFlow: A scale to measure learners' enjoyment of e-learning games. *Computers & Education*, v. 52, n. 1, p. 101–112, jan. 2009.

OTSUKA, J.; BORDINI, R.; BEDER, D.; RODRIGUES DE CAMARGO, A.; MENATO, T.; MENDES RIBEIRO BORGES, M. LabTecA: Experiência Lúdica em um Laboratório 3D de Química. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2015. DOI: 10.22456/1679-1916.61454.

PRENSKY, M. **From Digital Natives to Digital Wisdom: Hopeful Essays on Education**. Corwin. 2012.

ROOZENBEEK, J.; VAN DER LINDEN, S. Fake news game confers psychological resistance against online misinformation. *Palgrave Communications*, v. 5, n. 1, 25 jun. 2019.

SILVA, E.; CARVALHO, F. & VASCONCELLOS, M. O papel dos jogos nos periódicos de divulgação científica. In **Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital**. 2021.

TORRES, J. P. **Formação e atitudes sociais sobre inclusão escolar em Licenciandos de Ciências Exatas**. 2018. Tese (Doutorado em Educação Especial) – UFSCar, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10620>. Acesso em: 29 julho de 2024.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Palhaços científicos – o que são?

Pedro Stenio Caroca da Silva Barreto¹
 George Sand França²
 Julia Bertollini³
 Fernanda Cavalcante Ramos⁴
 Flávia Gouveia⁵
 Giovanni Moreira⁶
 Gustavo Gosling⁷
 Leandro de C. T. Gomes⁸
 Lucas Rodrigues Siffert⁹
 Paloma Breit dos Santos¹⁰
 Mariane Honório Miquellaci¹¹

Trata-se do relato de experiência da oficina de palhaçaria científica realizada entre os dias 27 de fevereiro e 07 de março de 2024, no Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP), como curso de extensão universitária, conduzida por quatro palhaços: Pedro Caroca, George França, Julia Bertollini e Fernanda Ramos, oferecida a professores do ensino médio e superior e a estudantes de graduação e pós-graduação, bem como ao público geral interessado.

Os encontros começaram virtualmente, entre os condutores da oficina, para planejamento de conteúdo, divisão de tarefas e cronograma. Em um esforço colaborativo, discutiram-se e selecionaram-se os aquecimentos, jogos e dinâmicas, sempre mantendo a flexibilidade para ajustar conforme necessário, seja devido a limitações de tempo ou à identificação de exercícios que poderiam não funcionar no contexto da oficina. Na sequência, realizaram-se encontros entre os condutores e os participantes durante seis dias para estudo prático. Embora tenha-se recebido um total de 80 inscrições, apenas 20 sorteados garantiram presença na oficina. Contudo,

¹ Cia Bulesca. E-mail: pedroxcaroca@gmail.com.

² Instituto de Geofísica, Astronomia e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo. E-mail: georgesand@usp.br.

³ Cia Pistácia. E-mail: pistaciaproducoes@gmail.com.

⁴ Artes Cênicas. Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo. E-mail: fecramos@usp.br.

⁵ Bloom EdTech. E-mail: flahgou@outlook.com.

⁶ Instituto de Geofísica, Astronomia e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo. E-mail: giovanni.moreira@usp.br.

⁷ Instituto de Geofísica, Astronomia e Ciências Atmosféricas, Universidade de São Paulo. E-mail: gustavogosling@usp.br.

⁸ Bloom EdTech. E-mail: lctgomes@gmail.com.

⁹ Colégio Miranda. E-mail: lucas.siffert@unifesp.br.

¹⁰ Diversar - Acessibilidade, diversidade, equidade e inclusão. E-mail: paloma.breit@gmail.com.

¹¹ Instituto de Física, Universidade de São Paulo. E-mail: marianemiquellaci@usp.br.



apenas nove frequentaram a atividade integralmente. Inicialmente, isso pareceu uma desvantagem, mas logo percebemos que isso criaria um ambiente mais íntimo e propício para um trabalho em equipe mais produtivo e otimizado.

Estes participantes almejavam comunicar conceitos científicos de diferentes áreas do conhecimento por meio da linguagem da palhaçaria, em forma de cenas cômicas curtas e que foram apresentadas ao público do IAG/USP no dia 08 de março do mesmo ano, durante o espetáculo “I Cabaret Científico”. A metodologia da oficina foi focada em jogos de improvisação, ressignificação de objetos, triangulação e nariz enquanto máscara sob a ótica de autores como CASTRO (2005), GAULIER (2016) e LECOQ (2010), sempre na perspectiva de incorporar aspectos científicos na pesquisa e na prática da palhaçaria. Uma das principais descobertas durante a oficina foi a confirmação da hipótese de que é possível criar uma rica interação entre a palhaçaria e a ciência. Enquanto a palhaçaria abraça o riso e a brincadeira, a ciência é fundamentada na objetividade e na busca pela verdade a partir do pensamento crítico e do questionamento. Embora o tema central tenha sido a ciência, os participantes foram incentivados a explorar livremente suas próprias interpretações e experiências pessoais como ponto de partida. Desde discutir conceitos abstratos até compartilhar vivências individuais e profissionais, a oficina proporcionou um ambiente acolhedor para uma ampla gama de reflexões e descobertas, comprovadas em depoimentos dos participantes após a oficina.

As cenas foram desenvolvidas de forma divertida e envolvente, fazendo a plateia participar ativamente do “I Cabaret Científico”, que teve duração total de 40 minutos com cenas dos palhaços Esguicho (Gustavo Gosling), Evolucas (Lucas Siffert), Dra. Rita Ritmei (Flávia Gouveia), Hipotenusa (Paloma Santos), Chucrute (Leandro Gomes), Paleodido (Giovanni Moreira) e Yamara (Mariane Miquellaci), com participação especial da palhaça Catarina (Júlia Bertollini) e apresentação do Mestre de Cerimônias Dr. Terremoto (George Sand França). As cenas versaram sobre assuntos do campo da geofísica com o Ciclo de Wilson e Teoria da Tectônica de Placas, da matemática com funções de primeiro e segundo grau, do ritmo na dança, da computação com a Inteligência Artificial e da biologia com a Teoria da Evolução.

Em resposta à questão colocada no título do projeto, entende-se que ela está em construção, mas pode-se sugerir, no nosso ponto de vista, que qualquer ação de palhaçaria com aspecto científico já passa a ser uma palhaçaria científica, e que qualquer palhaço que incorpora a ciência em seu entretenimento será chamado de palhaço científico.

Concluimos que palhaçaria científica é a arte de brincar com a ciência e explorar o potencial da brincadeira e do riso para divulgar a própria ciência (FRANÇA, 2021). Ela não apenas ensina sobre a combinação entre arte e ciência, mas também mostra o poder da colaboração e da criatividade para promover a conexão com o público e instigar seu pensamento sobre temas científicos. Como desdobramento da oficina, formou-se um grupo de estudo e pesquisa contínuo na palhaçaria científica envolvendo realizadores e participantes, e deste nasceu uma cena inédita com atuação dos palhaços Dr. Terremoto, Esguicho e Paleodido, concepção coletiva e direção de Pedro Caroca e George Sand. A cena fez parte do evento Cosmogonias Sonoras em parceria com a Orquestra Sinfônica da Universidade de São Paulo, no dia 29 de junho deste ano. O propósito é manter o grupo ativo para



desenvolver novos trabalhos que possam contribuir com a ciência pela via da arte da palhaçaria e vice-versa.

Palavras-chave: Palhaçaria; Ciência; Educação.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Alice Viveiros de. O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

FRANÇA, George Sand et al. The Flat Earth satire: using science theater to debunk absurd theories. Geoscience Communication, 2021.

GAULIER, Philippe. O atormentador: minhas ideias sobre teatro. São Paulo: Sesc, 2016.

LECOQ, Jacques. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Editora Senac, 2010.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

O lúdico como ferramenta de comunicação e divulgação do acervo bibliográfico da Biblioteca Antonio Candido / IEL no evento Unicamp de Portas Abertas 2022

Crisllene Queiroz Custódio¹

Este trabalho trata da participação da Biblioteca Antonio Candido do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no evento Unicamp de Portas Abertas (UPA) realizado no dia 27 de agosto de 2022. Na programação do evento, a Biblioteca Antonio Candido/IEL trouxe a proposta de uma Gincana do Livro intitulada: “Jogo da organização temática do acervo: é a rinha das classificações!”, onde o objetivo é permitir o contato do visitante com a estrutura do acervo bem como com o conteúdo acadêmico através de uma atividade lúdica.

Sob a perspectiva do referencial teórico, a inspiração para a atividade lúdica parte da premissa que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p.193). Corroborando a esta afirmativa, Andruetto (2017, p.29) menciona que “onde houver um leitor, houve antes outros leitores, uma família, um professor, um bibliotecário, uma escola, outros que estenderam pontes. Nossos esforços devem se voltar à construção e à qualidade dessas pontes”. Ou seja, a promoção da gincana do livro é uma ferramenta na construção destas pontes.

Como bem destaca Heberle (2011, p.19, apud KURATANI, 2004) “A ludicidade, porém, não pode ser vista apenas como diversão, visto que ela facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, auxilia para que se tenha uma boa saúde mental, torna mais fáceis os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento”. Além disso, é factual que se adote estratégia de marketing como bem pontua o Caderno Notas de Biblioteca, v.6 (2013, p.90) “O público não se limita, somente àqueles que vêm, regularmente, fazer consultas e usar os serviços (usuários reais). Pelo contrário, pois a biblioteca deve almejar a inclusão de outras pessoas, novos usuários e futuros usuários em potencial”. E, portanto, a adoção de ferramentas que facilitem a comunicação e divulgação da Biblioteca Antonio Candido em eventos de acolhimento é uma iniciativa que visa agregar valor aos futuros usuários em potencial.

A Gincana do Livro trata-se de um jogo de disputa entre duas pessoas. A disputa consistia na conclusão de 3 etapas em menor tempo, sendo: 1) o visitante recebeu um envelope com um breve resumo de uma obra pertencente ao acervo da Biblioteca a fim de identificar a área do conhecimento e a classe decimal correspondente mediante

¹ Bibliotecária. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Biblioteca Antonio Candido. E-mail: cqcbib@unicamp.br.



tabela afixada na mesa; 2) Ainda no envelope continha uma filipeta com etiquetas das classes decimais e o visitante deveria colar a classe decimal identificada no “livro *fake*”; 3) Após a colagem, o visitante deveria organizar o livro *fake* de acordo com a área de conhecimento/classificação no “acervo simulado”. Cada visitante que participou, ganhou um livro pela participação e o vencedor da rodada foi premiado com brindes (souvenires).

O tempo de duração foi de 1 hora, das 14:30 às 15:30, e foram realizadas 13 rodadas de disputa, isto é, 26 visitantes participaram no total. Os visitantes demonstraram muita emoção e empolgação na disputa. A maioria dos participantes respondeu que nunca tinham frequentado um acervo de biblioteca e desconhecia sobre como era a organização. Vale destacar que em algumas rodadas foi necessário repetir como funcionava a prova, justamente para entendimento da organização temática do acervo bibliográfico e, conseqüentemente, para execução da prova pelo participante. Visto isso, é notório que a Gincana obteve êxito uma vez que o lúdico se transformou numa importante ferramenta de comunicação e divulgação do acervo bibliográfico da Biblioteca Antonio Candido do Instituto de Estudos da Linguagem na UPA 2022.

A participação na Gincana do Livro proporcionou ao visitante o contato com as demandas temáticas da área de Estudos da Linguagem e também a compreensão da importância do acervo bibliográfico e sua respectiva organização, cujo é o principal suporte acadêmico da pesquisa e do ensino desenvolvidos no Instituto de Estudos da Linguagem. A respeito da capacidade estruturante e efeito multiplicador desta atividade, trata-se de uma gincana passível de ser reproduzida por outras instituições, pois permite que adaptações sejam realizadas para outras aplicações como, por exemplo, aulas de sistema de classificação ou interação com outros tipos de acervo dentro das bibliotecas. E, em 2024, a atividade foi selecionada para compor a Galeria de Fotos de “Melhores práticas de bibliotecas mundiais 2024” do International Connections and Networking Committee (ICNC) vinculado à International Relations Roundtable (IRRT) da American Library Association (ALA), sendo neste ano sob o tema: "O Impacto do IRRT: Celebrando nosso passado e olhando para nosso futuro". O acesso é pelo link: <https://sites.google.com/view/icc-programs/>.

Em linhas gerais, a Gincana do Livro como ferramenta de comunicação e divulgação do acervo bibliográfico ofereceu uma abordagem inovadora e eficaz para incentivar o interesse pela leitura, promover a interação dos visitantes com a biblioteca e ampliar o alcance do conteúdo do acervo, uma vez que criou um ambiente interativo, educacional e socialmente envolvente que pode enriquecer a experiência dos visitantes do evento e fortalecer o papel da Biblioteca.

Palavras-chave: Unicamp de Portas Abertas; Biblioteca Antonio Candido; Instituto de Estudos da Linguagem; Gincana do Livro; Acervo bibliográfico.

REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. Livros sem idade: sobre livros, leitores, dádivas e pontes. In.:_____. **A leitura, outras revoluções**. São Paulo: Sesc, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In.:_____. **Vários escritos**. 5. ed. corrig. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p.171-193.



CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. CEDAC, 2014. 1 vídeo (6 min.)
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E>. Acesso em: 15 mar. 2023.

HEBERLE, Karina. **Importância e utilização das atividades lúdicas na educação de jovens e adultos**. 2011. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011.

PACHECO, Raquel. Oficina na biblioteca: um dia de bibliotecário. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.14, n.2, 482-492, jul./dez., 2009.

O MARKETING e a promoção. *In.*: **As bibliotecas públicas que queremos**. Glória María Rodríguez Santa María [em colaboração com] Irene Vasco; traduzido e adaptado por Celia Ribeiro Zaher e May Brooking Negrão. São Paulo: Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Bibliotecas e Leitura. SP Leituras, 2013. p. 89-93. Disponível em: <https://spleituras.org.br/arquivos/agenda-20870-notas-de-biblioteca-6.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2023.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Título: Trabalho infantil não é brincadeira: roda de conversa com profissionais da atenção primária

Letícia Rafaela Aristeu de Queiroz¹
Laura Furlan²

O trabalho infantil refere-se a qualquer forma de trabalho realizado por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima permitida pela legislação de cada país. Esse fenômeno rouba a infância das crianças, prejudica o desenvolvimento dos adolescentes, dificulta o acesso à educação, compromete a saúde e cria condições propensas a outros abusos. A naturalização do trabalho infantil é um fenômeno cultural baseado em mitos que precisam ser desconstruídos socialmente para que essa prática seja reconhecida como violência contra grupos vulneráveis. O reconhecimento social do trabalho infantil como uma violação dos direitos das crianças e adolescentes envolve uma mudança de percepção sobre o tema e a conscientização de que ele deve ser combatido e erradicado (Brasília, 2001; Campinas, 2021).

Os agentes comunitários de saúde são profissionais importantes quando se debate esse tema, devido à sua participação na atenção básica e na comunidade, contribuindo para a realização de ações educativas de promoção da saúde e prevenção de doenças, especialmente durante visitas domiciliares, onde crianças e adolescentes, sem sistemas de proteção adequados, estão mais vulneráveis à exploração (Brasil, 1991; Campinas, 2021).

Em novembro de 2023, foi realizada uma roda de conversa sobre o trabalho infantil, elaborada por estagiárias do último período do curso de Fonoaudiologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), destinada às equipes de agentes comunitários em um Centro de Saúde na cidade de Campinas. O projeto teve como objetivo promover a discussão sobre o trabalho infantil com os profissionais da unidade, proporcionando reflexão e sensibilização sobre o tema, e ressaltando que a responsabilidade pelo cuidado com crianças e adolescentes é um dever social, tanto para os profissionais da área da saúde quanto para os cidadãos. Foi realizada uma conversa prévia com os profissionais para entender o seu conhecimento sobre o trabalho infantil e o que eles gostariam de conversar sobre essa temática.

Para a realização da ação, foi desenvolvida uma dinâmica com fotografias de crianças realizando diferentes formas de trabalho a fim de discutir com o grupo se essas atividades poderiam ser consideradas trabalho infantil. Na sequência, houve uma discussão sobre a definição e a classificação do trabalho infantil, e as diferenças

¹ Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas.
aristeuleticcia@outlook.com

² Pós-graduanda em Atendimento Interdisciplinar Preventivo na Primeira Infância na Universidade Estadual de Campinas. 1177368@dac.unicamp.br.



entre a realização de pequenos serviços em contextos familiares e aqueles realizados para empregadores externos.

O mito de que o trabalho infantil beneficia as crianças está enraizado na sociedade brasileira, gerando discussões sobre quais atividades podem ou não ser desenvolvidas por menores. Para proporcionar horizontalidade na conversa, foi proposta a abertura de um espaço de comunicação e escuta para que os participantes pudessem compartilhar questionamentos e reflexões sobre o trabalho infantil, com base em suas próprias experiências, profissionais ou não. A dinâmica com as fotografias desencadeou o questionamento-chave para a discussão: “por qual razão algumas atividades são entendidas como trabalho infantil e outras não?” Esse questionamento foi essencial para debater situações em que as crianças poderiam realizar atividades de forma ética e segura, ou aquelas em que estariam expostas a riscos e violências. Os participantes da conversa discutiram, em conjunto, sobre tarefas adequadas para o desenvolvimento das crianças, a fim de ensinar responsabilidade e autonomia com a supervisão de adultos, como lavar louça ou ajudar em comércios familiares, sem que o trabalho interfira no desempenho escolar, exponha a criança a riscos ou perigos, ou prejudique lazer e bem-estar.

Ademais, também foi uma discussão com os profissionais sobre os sinais de alerta para o trabalho infantil e as ações que podem ser tomadas para garantir a proteção e a assistência necessárias para as crianças e famílias envolvidas, promovendo um ambiente saudável e seguro para o desenvolvimento infantil.

A experiência de diálogo e troca de saberes entre as estudantes e os agentes comunitários é uma atividade de caráter formativo e informativo, favorecendo o desenvolvimento de competências e a transmissão de informações para todos os participantes. Ao fomentar um ambiente de diálogo e aprendizado, a iniciativa contribuiu para o desenvolvimento de habilidades práticas e a formação de uma rede de apoio mais eficaz, essencial para garantir a proteção e o bem-estar dos jovens. Para as estagiárias, a ação permitiu o aprimoramento das habilidades de pesquisa, comunicação e escuta, articulando conhecimentos científicos, além de contribuir para a formação acadêmica e profissional, unindo competência técnica e sensibilidade.

A discussão e a educação contínuas sobre o trabalho infantil são fundamentais para dismantelar mitos, promover a conscientização e assegurar um futuro mais justo e seguro para todas as crianças. A ação realizada reflete um passo positivo em direção a conscientização sobre a importância da erradicação do trabalho infantil e à promoção dos direitos das crianças, reiterando a importância de esforços colaborativos e informados para enfrentar esse desafio social, a partir de saberes e discussões construídas pela academia e sociedade em conjunto.

Palavras-chave: Trabalho Infantil; Roda de conversa; Redes sociais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Programa Nacional de Agentes Comunitários de Saúde. Manual do Agente Comunitário de Saúde. Brasília, 1991

Comitê PETI Campinas. Cartilha de Enfrentamento do Trabalho Infantil do município de Campinas. Campinas, 2021



OIT. Combatendo o trabalho infantil: guia para educadores. Cap. 1. Brasília: IPEC, 2001.

EDICC
11

11º ENCONTRO
DE DIVULGAÇÃO
DE CIÊNCIA E
CULTURA



decolonizar
para viver
cultura e ciência em perspectiva

Sessão de Comunicação Oral 10: Cultura e arte

Debatedor: Rogério Bordini

Autores:

Barbara dos Santos

Marcelo de Seixas Martins

Rafael Gonçalves e Maria Cortez Salviano

Brenda de Cássia Siqueira Silva

Joseane Aranha Dantas

Camila Vieira de Sousa Gurjão

Pedro Henrique Hara Matoso



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

(FOTO)COSTURAR ANDANÇAS: o gesto nas multidões

Barbara dos Santos¹

Resumo: Este trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado defendida neste ano no Programa de Pós-Graduação em Artes (PROFArtes), área de concentração em Ensino de Artes do Instituto de Artes da UNESP. Tem o objetivo de compartilhar uma experiência estética/estésica na aula de Arte de uma escola pública do município de Campinas, SP, com estudantes de 9º ano do Ensino Fundamental, por meio da fotografia como possibilidade para pensar e recriar o cotidiano, a partir de ações como olhar, caminhar, habitar, reinventar, escavar, costurar, grafar, arriscar e contaminar como indicativos para a produção de imagens e escritas propositivas. Que corporalidades residem na fotografia e que nos permitem mergulhar na intensidade e na relação dos corpos e das imagens na cena contemporânea? Trata-se de atravessar o tempo e o espaço e perceber as corporalidades que transitam e reverberam por entre as imagens. As foto(corporalidades) nos trazem vários elementos para pensar o gesto nas multidões, o cotidiano, o que é compartilhado, de travessias comuns que nos afetam de um modo ou de outro. Qual gesto encena o silêncio e os ruídos que nos convocam a olhar as imagens? Que corporalidade reside na silhueta? O pisar no chão risca na superfície porosa a realidade de quem está sozinha numa cidade desconhecida. O corpo é solidão em rito de passagem, ao mesmo tempo em que se conecta com o mundo e abrem novas perspectivas em linhas de fuga. Ao tecer os entrelugares da performance, atravessamos os corpos em foto(corporalidades). O gesto do performer-fotógrafo se mostra na imagem e acontece como o deslocar de um corpo que percebe o acontecimento para uma ação de intervenção diante da imagem. Os corpos atravessam as imagens, habitam as memórias, residem em histórias, emocionam e provocam tensionamentos. O que pode um performer-fotógrafo construir na cena cotidiana? E um corpo flutuante atuando no campo expandido da cena contemporânea? Quais são os entrelugares do corpo e que travessias queremos habitar? É preciso parar. Travessias são as andanças em corpos ritmados/fluidos, cheios de vazão, ligados por unimultiplicidade em expansão, de caminhos trilhados, percorridos, vivenciados na eterna busca pelo conhecimento e por apenas ser, em toda sua complexidade. Lugares que guardam o seu tempo, o seu espaço e são mediados pelo mundo ao redor, que se revelam em incertezas, angústias, indecisões, que nos tiram do lugar comum e nos projeta para (ar)riscar... riscar o ar que nos alimenta, riscar o que ainda não se sabe, se lançar à deriva e se deixar flutuar, à espera. Andanças de corpos que apenas querem estar, porque é legítimo apenas ser... Uma arte-educadora que é contaminada pelas próprias andanças e que, de alguma forma, reverbera em escritos, poesias, pequenos

¹ Mestra em Ensino de Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Orientadora pedagógica na Prefeitura de Campinas. E-mail do autor: b.santos01@unesp.br



fragmentos de criação. Como nos tornamos professores? Como nos constituímos como parte de um olhar alargado, cheio de bifurcações, incertezas, choros guardados e alguns revelados? Como todos podem ser unidade, nas suas subjetividades e especificidades do que o cotidiano da escola provoca, revela, traz à tona? Assim, as metáforas docentes em trans(criação) partem de escolhas teórico-metodológicas sobre o lugar de fala de alguém que agora compõe a gestão escolar, mas que, na pele do corpo ainda se reveste do saber/fazer docente em transição, por meio da matéria essencial do que a fotografia, o cinema, os bordados e as linguagens híbridas podem contribuir. Operar com tudo isso e mais um pouco diz de uma gestão em processo, na qual o todos um dia coube no ser/estar unitário, pois a não-docência também se forma em microrganismos cósmicos em processo. Os gestos de criação entre imagens e palavras é a aposta da pesquisadora no trabalho pedagógico do Ensino de Arte, na qual a produção de linguagens perpassa pela ideia da experiência entre produzir imagens e grafar sobre elas; entre poetizar o silêncio e escrever em ruínas. As imagens e as palavras são materialidades indissociáveis. Palavra-verbo é imagem textual em movimento. Imagens são textos que abrem campos para diferentes possibilidades. O trabalho pedagógico no Ensino de Arte passa por explorar as ruínas que residem nas imagens e nas palavras e que se desdobram em múltiplas linguagens, como nas fotografias, recortes, colagens, esboços, fragmentos. A leitura destes escritos sugere ao leitor o movimento do caleidoscópio, na qual as imagens e as palavras se abrem em múltiplos hipertextos, inferindo um silêncio ruidoso e colocando o leitor sempre em estado de criação, com um olhar tateável e visivo sobre as produções fotográficas e das escritas que compõem todo este processo. Um caleidoscópio que, ao mudar de posição, sugere outras possibilidades e outros encantamentos sobre a engenhosidade que se percebe nos intermeios entre os desdobramentos que decorrem das imagens e das palavras no Ensino de Arte e na escola.

Palavras-chave: Arte - Estudo e ensino; Arte na educação; Fotografia na educação; Processos de criação; Cotidiano escolar.

REFERÊNCIA

SANTOS, Barbara dos. **Gestos de criação entre imagens e palavras:** poetizar o silêncio, escrever em ruínas. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/11449/254971>>. Acesso em: 02 jul 2024.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

“Artífices”: projeto visual que percorre as manualidades e o artesanato brasileiro pela perspectiva do “Artífice”

Marcelo de Seixas Martins¹
Sylvia Iasulaitis²

“Artífices” é um projeto visual independente que busca percorrer o mundo do trabalho contemporâneo, com foco sobre as manualidades e o artesanato brasileiro, pela perspectiva do próprio conceito que dá nome ao projeto. Em um primeiro momento, utiliza-se a plataforma digital do *Instagram* para a divulgação das narrativas fotográficas.

O nome tem origem no conceito explorado pelo sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett (2009), em sua obra de próprio nome *O Artífice*, em que este representaria uma condição humana “especial” para os tempos modernos: a do engajamento. O “Artífice” seria aquele que se engajaria de forma prática pelo ato de produzir, não necessariamente de forma instrumentalizada, isto é, almejando algum outro fim que não o próprio ato de fazer.

Segundo Sennett (2009), o carpinteiro, a costureira e o maestro, por exemplo, seriam considerados “Artífices”, caso se dedicassem “à arte pela arte”. Suas atividades teriam caráter prático, mas sua lida não seria apenas um meio para alcançar um outro fim.

Por esta perspectiva, busca-se captar através de registros e narrativas fotográficas e de relatos obtidos através da troca tecida em um contato que varia de acordo com o contexto no qual insere-se a prática, trabalhadores manuais, artistas plásticos, artesãos e “brasileiros comuns” em geral que tem na lida manual uma atividade frequente, independente do fim em que se objetiva, seja ele com caráter econômico ou não.

O foco dos registros se dá sobre a prática e os processos de confecção dos artefatos, no que se refere, principalmente, as técnicas, as tecnologias e os artefatos materiais empregados para tal. Além disso, a partir dos diálogos tecidos, busca-se compreender e registrar os significados, as origens e as intenções contidas nas práticas, nos processos, nas técnicas e nas tecnologias aplicadas e desenvolvidas.

O projeto se origina a partir de inquietações referentes a reprodução de práticas, de processos, de técnicas e do uso de artefatos tecnológicos no contexto brasileiro, incondizentes com a pluralidade cultural e com as dinâmicas sociopolíticas que

¹ Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Endereço eletrônico: marcelodeseixas@outlook.com

² Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Docente permanente do programa de pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Endereço eletrônico: si@ufscar.br



caracterizam o país, marcadas, principalmente, pela desigualdade social, conforme pode ser observado em Kamel (2007). De tal modo, através dos registros fotográficos e dos relatos que os acompanham, busca-se trazer reflexões a partir de uma postura crítica frente ao caráter etnocêntrico e antropocêntrico das técnicas e das tecnologias, amplamente difundidas e empregadas em caráter industrial ao longo do território nacional, que tendem a reduzir e limitar a pluralidade cultural brasileira frente as possibilidades sobre o uso e o desenvolvimento de técnicas e tecnologias para a produção de artefatos, assim como não só a não reduzir as desigualdades presentes, mas a acentuá-las.

O projeto encontra respaldo teórico no campo dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), que se constitui como um amplo campo epistemológico, pedagógico e político que permite confrontar os conhecimentos científicos e tecnológicos com suas realidades históricas, sociais, culturais e ambientais. Mais do que apenas um movimento de ideias, o enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade visa defender os benefícios sociais proporcionados pela ciência e pela tecnologia quando direcionadas para fins coletivos e humanitários.

A partir da proposta que encontra pertinência nos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade, tem-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Ator-Rede (TAR) e da Cartografia das Controvérsias (CC) elaboradas por Bruno Latour (2012), e Tommaso Venturini e Bruno Latour (2009; 2010) um modo para visualização da realidade em que se pretende captar, a partir do entendimento de que esta se compõe a partir de um emaranhado de controvérsias que dá a ela um formato de rede, ou melhor, ator-rede, constituída por atores humanos e não humanos (objetos, instituições, técnicas, tecnologias, etc.).

Neste movimento, a Teoria Ator-Rede e a Cartografia das Controvérsias têm o papel de nos direcionar o olhar, a partir da compreensão de que, na modernidade, onde os aspectos econômicos tornam-se uma necessidade para a sobrevivência, a figura do “Artífice” ganha complexidade em cada um de nós. Hora mais artesão, hora mais operário, trabalha-se diariamente caminhando nos limiares controversos entre a busca pela maestria, a busca pela sobrevivência e, por que não, a busca pelo acúmulo material.

Nessa complexa e controversa realidade dita “moderna”, em que Latour (1994) aponta para o fato de que “jamais teríamos sido”, acredita-se que a chama do “Artífice” se mantenha acesa em muitos de nós, por mais que as necessidades contemporâneas nos forcem a colocá-la em posição de subalternidade frente as hierarquias internas e externas que somos obrigados a criar e nos impor.

O projeto visual “Artífices” (que no momento é fotográfico, mas tende a expandir-se ao audiovisual) trata, portanto, da busca pela chama. Não se trata, de fato, de encontrá-la, vista a complexidade de sua natureza. A busca incessante é o que nos dá sentido e o que nos interessa.

Palavras-chave: Fotografia; Manualidades; Artesanato; Técnicas; Tecnologias.

REFERÊNCIAS

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de Antropologia Simétrica. Tradução Carlos Irineu Costa. Coleção TRANS. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.



LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012.

KAMEL, José Augusto Nogueira. *Artesão da minha própria felicidade: Para uma engenharia de produção substantiva*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VENTURINI, Tommaso; LATOUR, Bruno. The Social Fabric: Digital Traces and Quali-quantitative Methods. *Proceedings of Future En Seine*, 2009.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Imagens técnicas: da perspectiva renascentista à inteligência artificial

Rafael Gonçalves¹
Maria Cortez Salviano²

Em *Filosofia da caixa-preta*, Vilém Flusser (2005) define sinteticamente uma imagem técnica como “imagem produzida por aparelho”, sendo imagem uma “superfície significativa na qual as ideias se interrelacionam magicamente”, isto é, sincronicamente, e aparelho um “brinquedo”, no sentido de que é algo que interage em um jogo, “que simula um tipo de pensamento”. Assim, elegendo a fotografia como marco paradigmático, uma imagem técnica seria um objeto material-semiótico bidimensional *produzido por meio de um dispositivo técnico*. Com isso, há, no autor, a ideia de uma ruptura entre: imagens tradicionais, tais quais a pintura, que representam o “mundo concreto” e passam, depois, a serem progressivamente explicadas pelo texto; e “tecoimagens”, como a fotografia, que concretizam desenvolvimentos tecnocientíficos que só puderam se realizar em um momento de privilégio do texto e que, então, seriam imagens de uma segunda ordem, operando a tradução de um pensamento conceitual (Flusser, s.d.). Instigados por esta ideia, gostaríamos de propor o seguinte questionamento: *haveria realmente uma ruptura que poderia cindir, a partir da fotografia, a noção de imagem entre aquelas que seriam ditas pré-técnicas ou não técnicas e outras, técnicas?* Nosso argumento partirá, para tanto, de uma comparação entre as imagens em perspectiva pintadas no Renascimento e as produzidas hoje por modelos de inteligência artificial, buscando demonstrar que, ainda que tenham diferenças substanciais entre si, ambos os modos de geração imagética partem de uma forte relação com as premissas e possibilidades tecnocientíficas de sua época e lugar.

Arlindo Machado (1997) que, diferente de Flusser, um filósofo, foi fotógrafo e crítico de arte, define as imagens técnicas como “um campo de fenômenos visuais e audiovisuais em que a intervenção da técnica produz uma diferença no universo das imagens, marcando muitas vezes uma cisão, uma distância em relação às imagens do homem, às suas imagens interiores”. Mas, dessa perspectiva, e extrapolando o próprio argumento do autor, podemos argumentar que no processo de criação de uma imagem *sempre há mediação* (seja de um dedo embebido em tinta, seja de um sistema de pensamento que parte de uma série de premissas específicas e informa a atividade de criação de imagem). Desse modo, a noção de uma “imagem especular”, que representa o mundo puramente num sentido indicial ou icônico da semiótica, não

¹ Mestrando em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Financiamento processo n. 2023/01858-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: rafaelg@riseup.net.

² Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: maria.salviano@gmail.com.



passaria de uma ilusão (Machado, 1984), seja na fotografia jornalística, na pintura renascentista ou nas imagens geradas por inteligência artificial.

Hans Belting (2012), ao analisar o desenvolvimento da perspectiva no Renascimento, também demonstra como aquela que parece ser uma maneira de representar o mundo da forma mais objetiva possível, como uma espécie de “janela aberta”, não seria tão transparente assim. Em primeiro lugar, este tipo de produção imagética está fortemente ligado a premissas racionalistas de compreensão e tradução do mundo, com forte influência da matemática. Mas, além disso, o “método para construir espaços do olhar” (Belting, 2012, p. 38, em tradução livre) da perspectiva do Renascimento parte de um entendimento ocidental do que seria a visão humana e de como ela poderia (ou não) ser representada. Ou seja, mais uma vez, imagens que se apresentam como uma espécie de espelho da realidade também são construídas, atravessadas pelas possibilidades epistemológicas e tecnocientíficas de que se originam.

Como mostra Arlindo Machado (1997), a fotografia só automatizou e integrou elementos que foram gestados durante o próprio Renascimento: notadamente a *perspectiva artificialis*, mas também as lentes “objetivas” - cujo nome já nos remete a sua pretensão especular - e a própria câmera obscura - precursora direta da câmera fotográfica. Assim, ela foi o aperfeiçoamento de um pensamento pautado em uma maneira ocidental de conceber a visão humana e em ideais matemático-rationais de entendimento e tradução do mundo.

Finalmente, argumentamos que princípios similares operam na inteligência artificial (IA), e sobretudo no aprendizado profundo, principal componente da IA gerativa - como o ChatGPT, o Dall-E e a Sora, modelos da openAI baseados, respectivamente, em texto, imagem e vídeo -, considerado um tipo de “aprendizado de representação” (LeCun, Bengio e Hinton, 2015) ou um nooscópio, “instrumento de amplificação do conhecimento” (Pasquinelli e Joler, 2021). Embora entendamos que possa existir uma potência criativa na IA, ela não é suficientemente explorada, sendo utilizada sobretudo para a mimese de visualidades antropocentradas (ênfase no figurativismo e no realismo, por exemplo) que são particularmente evidentes em casos como os *deep fakes*, implantação de falas inéditas a partir de vídeos existentes de pessoas de relevo, gerando vídeos sem verdadeiros referentes.

Portanto, se observarmos o grau de importância do dispositivo técnico e da influência de um pensamento tecnocientífico nestes modos de geração imagética, podemos dizer que tais aspectos estabelecem menos rupturas, como a princípio argumentou Flusser, que continuidades. E são estas diferentes formas de reprodução de um pensamento ocidental racionalista e antropocêntrico que propomos analisar neste trabalho.

Palavras-chave: Imagens; Inteligência Artificial; Algoritmos.

REFERÊNCIAS

BAIO, Cesar. Da ilusão especular à performatividade das imagens. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 49, n. 57, p. 80–102, 2022.



BELTING, Hans. La perspectiva y la cuestión de las imágenes: caminos entre Oriente y Occidente. In. **Florenia y Bagdad**: Una historia de la mirada entre Oriente y Occidente. Madrid: Ediciones Akal, 2012, p. 22-92.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Nascimento de imagem nova**. [s. d.]. Disponível em: <http://flusserbrasil.com/art381.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.

LECUN, Yann; BENGIO, Yoshua; HINTON, Geoffrey. Deep learning. **Nature**, v. 521, n. 7553, p. 436–444, 2015.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense/Funarte, 1984.

MACHADO, Arlindo. As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica. In: **PRÉ-CINEMAS & PÓS CINEMAS**. Campinas: Papyrus Editora, 1997.

PASQUINELLI, Matteo; JOLER, Vladan. The Nooscope manifested: AI as instrument of knowledge extractivism. **AI & SOCIETY**, v. 36, n. 4, p. 1263–1280, 2021.



MODELO CINZA – PROJETO DE PESQUISA

Intersecção entre publicidade e propaganda, ética e inteligência artificial: desafios e oportunidades.

Brenda de Cássia Siqueira¹
Ana Vitoria Dmengenon Dureck²

O avanço da internet e a Revolução da Informação possibilitaram a criação de ferramentas tecnológicas como a Inteligência Artificial (IA). A Comunicação Social está ajudando a mover o mercado da IA por meio do aumento do uso da tecnologia de machine learning pela Publicidade, como afirma Lobato (2016). Nesse contexto, o artigo tem como objetivo discutir os desafios éticos envolvidos ao uso de inteligência artificial na área de Publicidade e Propaganda. Assim, buscamos compreender como essa ferramenta que tem se tornado tão popular nos dias atuais pode contribuir para a falta de ética dentro do exercício publicitário, além de observar os demais riscos relacionados a essa questão. A pesquisa foi baseada em materiais bibliográficos e uma análise qualitativa utilizando o Chat GPT - um modelo de linguagem GPT-3 - buscando entender como a IA consegue imitar funções publicitárias e os dilemas éticos associados ao seu uso. Concluiu-se que embora a IA ofereça oportunidades significativas na publicidade, ela também apresenta riscos éticos que precisam ser rigorosamente regulamentados. A exemplo, o uso da IA na criação de arte digital, como o caso de "Théâtre D'opera Spatial" no concurso de artes finas da Feira Estadual do Colorado, levantou debates sobre autenticidade e mérito artístico. A Inteligência Artificial, como definida por Teixeira (2017), envolve programas que aprendem e solucionam problemas de maneira autônoma, simulando o pensamento humano. Hoje, a IA está no centro dos debates, com aplicações práticas que impactam a vida cotidiana, incluindo a publicidade. Ainda utilizando o Chat GPT, a IA demonstrou capacidade de auxiliar na segmentação de audiência, otimização de campanhas e geração de ideias. No entanto, quando solicitada a gerar um slogan para a venda de cigarros, a IA recusou, citando questões de bem-estar e ética pública. Isso mostra que, embora a IA possa agir eticamente em alguns contextos, existem riscos associados à coleta e uso de dados pessoais, que podem levar a invasões de privacidade e ações antiéticas. Por exemplo, brinquedos com reconhecimento de voz podem coletar e

¹ Vínculo institucional (Por exemplo: Mestrando em Divulgação Científica na Universidade Estadual de Campinas.) E-mail do autor (a/e).

² Vínculo acadêmico do coautor. E-mail do coautor (a/e).



armazenar dados das crianças para uso em campanhas publicitárias, sem consentimento. Além disso, a veracidade das campanhas publicitárias é crucial, conforme o Artigo 17 da Constituição, ao mesmo tempo que Figueiredo (2008) destaca a importância da ética na comunicação e como as práticas imorais podem afetar negativamente a sociedade. Paralelamente, Lopes (2010) também ressalta a necessidade de um comportamento ético na propaganda para garantir a confiança dos consumidores. A IA, como no caso da Tay da Microsoft, pode propagar discursos de ódio se não for monitorada adequadamente: a automação da atividade publicitária pelos computadores é promissora, mas apresenta desafios éticos que não podem ser ignorados. Ela deve ser utilizada para melhorar campanhas publicitárias, mas sempre sob supervisão humana para garantir a ética e a veracidade das informações. Nesse sentido, o estudo é relevante no sentido de comprovar a importância de desenvolver regulamentações claras para o uso da IA na publicidade, garantindo que ela beneficie a sociedade sem comprometer princípios éticos. Dessa forma, a colaboração entre profissionais de comunicação e a Inteligência Artificial pode resultar em campanhas mais eficazes e éticas, aproveitando ao máximo as oportunidades proporcionadas pela tecnologia. A pesquisa conclui que, enquanto a IA oferece ferramentas poderosas para a publicidade, sua utilização deve ser cuidadosamente monitorada, sem que sejam comprometidas as práticas publicitárias e de mercado. Segundo Carrera e Kruger, a IA está moldando não apenas a publicidade, mas também a forma como as empresas interagem com os consumidores, personalizando experiências e criando novos canais de comunicação. É crucial que os profissionais de publicidade e os desenvolvedores de IA colaborem para estabelecer padrões éticos que guiem o uso responsável dessa tecnologia. Dessa maneira, o futuro da publicidade com IA depende de um equilíbrio cuidadoso entre inovação tecnológica e responsabilidade ética, garantindo que os avanços beneficiem tanto as empresas quanto os consumidores de maneira justa e transparente. Assim, este artigo contribui para o debate sobre a necessidade de políticas claras e práticas éticas na integração da IA na publicidade, destacando a importância de uma abordagem equilibrada e regulada para o uso desta tecnologia emergente.

Palavras-chave: Comunicação; Inteligência Artificial; Publicidade; Ética; Machine Learning.

REFERÊNCIAS

Carrera, Fernanda; Krüger, Priscila; **PUBLICIDADE INTELIGENTE: CONVERGÊNCIAS ENTRE OS CHATBOTS E AS MARCAS.**

GROHS, Ana; JÚNIOR, Matheus; **Relações Públicas e Inteligência Artificial: Desafios e possibilidades profissionais.**



FIGUEIREDO, Antonio Macena. **Ética: origens e distinção da moral**. Saúde, ética e moral, 2008..

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/>

LOPES, Antônio Paraguassu. **Ética na propaganda**. São Paulo, 2010. Disponível em: [Ética na propaganda \(wordpress.com\)](http://etica-na-propaganda.wordpress.com)

CARDOZO, FERRARI, BOARINI, 2020; **A inteligência artificial reconfigura a dinâmica comunicacional**.



A tecnologia Super 8 em São Luís - MA: apropriação e experimentação fílmica

Joseane Aranha Dantas¹

O desenvolvimento tecnológico, no que se refere à captação e projeção de imagens em movimento, ao longo de sua trajetória, foi marcado por uma série de mudanças, aperfeiçoamentos e combinações ligadas não só aos processos químicos, ópticos e mecânicos, mas também àqueles que implicaram na redução de aparelhos e formatos cinematográficos. É o caso da película cinematográfica Super 8 e das câmaras que a acondicionam, que desde a criação pela companhia americana *Kodak*, em 1965, passaram por constantes aperfeiçoamentos e diferentes estágios de recursos e sofisticação fruto de pesquisas contínuas.

Apesar de ter sido destinado originalmente como bem de consumo (entretenimento e registro amador) para a classe média da sociedade, o Super 8 foi adotado como técnica de filmagem alternativa no Brasil e em países periféricos, gerando experiências novas no fazer cinematográfico. A popularização do Super 8, por exemplo, não apenas facilitou o acesso à produção de filmes, mas também incentivou a formação de coletivos e festivais dedicados a esse formato, proporcionando a exibição de criações e trocas de experiências entre cineastas independentes e amadores. Essas iniciativas contribuíram para o fortalecimento de uma comunidade criativa que buscava explorar as possibilidades oferecidas pela tecnologia disponível, sem se prender às limitações impostas pela indústria cinematográfica tradicional.

Este artigo trata de uma tecnologia específica, a bitola super-8, amplamente utilizada no Maranhão nos anos de 1970 por jovens universitários, artistas, pessoas da comunidade, profissionais liberais, que viram nessa tecnologia uma forma de realizar produções cinematográficas e experimentações artísticas, momento de forte resistência política e cultural frente à Ditadura Civil-Militar (1964-1985), no Brasil como suporte alternativo, dotado de possibilidades e inovações técnicas em relação aos formatos convencional e profissional (35mm) e semiprofissional (16mm).

O cinema Super 8, no Maranhão, possui uma vasta e diversificada produção, dotada de especificidades, potencialidades e pluralidade de linguagens (literatura, artes plásticas e cênicas), e embora boa parte dessas produções tenham sido realizadas no gênero documentário (a opção pelo documentário se deu pelo comprometimento com os aspectos histórico-sociais), é possível observar filmes de ficção, didáticos, híbridos e experimentais, alguns deles premiados em festivais do formato. No âmbito das produções de Super 8 no Maranhão é possível afirmar que a produção audiovisual do estado, na sua gênese, está atrelada à criação do coletivo de artistas e realizadores do Laboratório de Expressões Artísticas, o Laborarte. Criado em 1971, o laboratório reunia e mobilizava jovens universitários, profissionais liberais, artistas interessados em desenvolver e realizar projetos com materiais e linguagens diversas e a formar público em literatura, música, teatro, fotografia, artes plásticas e cinema.

¹ Mestra em Arte e Cultura Visual - Universidade Federal de Goiás (UFG).
joseanedantas14@gmail.com.



Abordar a tecnologia como ponto de partida, na presente comunicação significou pensar de que forma a prática cinematográfica se constrói a partir das mudanças e desenvolvimento da tecnologia e seus desdobramentos em relação à produção, circulação e exibição. Não se trata de fazer um elogio da técnica, tampouco colocar em evidência o conhecimento exercido pela operação da câmera, mas compreender as formas e usos que as imagens produzidas por uma bitola assumem para quem a ‘experimenta’ e para quem as produz.

Para a construção desta comunicação foi consultado três relevantes manuais, a saber: *A prática do Super 8*, adaptado pelo então realizador, entusiasta, diretor e professor do GRIFE (Grupo de Realizadores de Filmes Experimentais) Abrão Berman, com tradução de Luiz Roberto Malta. *O Som no Super 8*, de Pierre Monier, também adaptado por Abrão Berman, é um manual que trata especificamente da técnica de sonorização de filmes de forma didática apresenta os tipos de sistemas, de equipamentos, as características dos gravadores e projetores sonoros, descreve os princípios de funcionamento de câmeras sonoras Super 8, e apresenta métodos de montagem de som.

O Manual de Super 8, de Myron A. Matzkin, organizado em dois volumes, compõe a coleção Cultura e Tempos Livres. Apesar da obra descrever técnicas aplicáveis para câmeras de pequenos formatos como o Single-8, o Super 8, o Duplo 8, ele redefine e reformula a noção de que formatos específicos de filmes exigem técnicas separadas. Não se pode perder de vista que os manuais especializados em Super 8 utilizados na presente pesquisa, não travam discussões teóricas sobre a linguagem cinematográfica, eles norteiam a gramática do fazer cinema, ou seja, contêm orientações técnicas, sugestões, conselhos práticos que incluem recomendações de equipamentos disponíveis no mercado até a sua utilização racional para a filmagem, a montagem e a projeção.

A pesquisa tracejou um panorama com especificidades regionais e locais, e a revisão bibliográfica, partindo dos estudos da teoria do cinema e da cultura visual, foi fundamentada, principalmente, pelos questionamentos e reflexões do professor e pesquisador Rubens Machado Jr. (2021) sobre as produções cinematográficas rodadas em Super 8 na década de 1970 e início dos anos 1980.

Palavras-chave: Tecnologia; Super 8; São Luís (MA).

REFERÊNCIAS

BAU, N; DARGY, P. **A prática do super 8**. Adaptação e prefácio da ed. Brasileira de Abrão Berman, (Tradução de Luiz Roberto S. Malta). 4ª. ed. São Paulo: Summus, 1979.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CALDAS, Leide Ana Oliveira. **Superoitismo no Maranhão: os modos de fazer, temas e formas de falar e a invenção do cinema local como prática de micro resistências 1970/1980**. 226 f. Dissertação (Mestrado em História). CCH - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

MACHADO JR., Rubens. **Contribuições para uma história do cinema experimental brasileiro: momentos obscuros, desafio crítico**. 1. ed. São Paulo: Cine Brasil



Experimental, 2020. v. 1. 97p. Disponível em: www.cinebrasil.com.br/. Acesso em: 15 out. 2021.

MOREIRA NETO, Euclides. **Guarnecendo memórias**. São Luís: EDUFMA, 2017.

MATZKIN, Myron A. **Manual do Super 8. Vol I**. Coleção Cultura e tempos livres. Portugal: Editorial Presença, 1978.

MATZKIN, Myron A. **Manual do Super 8. Vol II**. Coleção Cultura e tempos livres. Portugal: Editorial Presença, 1978.

MONIER, Pierre. **O som do Super 8**. São Paulo: Summer, 1978.

MOREIRA NETO, Euclides. **Guarnecendo memórias**. São Luís: EDUFMA, 2017.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo, cinema marginal**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



MODELO AZUL – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Semiárido em Tela: estimulando o protagonismo juvenil na ciência e na produção cinematográfica

Camila Vieira de Sousa Gurjão¹
Ricardo da Cunha Correia Lima²
Katiúcia de Sousa Beserra³
Daiana Caroline Refati⁴
Fernanda Sheila Moura da Silva⁵
Olga Clarindo Lopes⁶
Heloise Alves Monteiro⁷
Ione Santos Barbosa⁸

A prática do ensino utilizando ferramentas midiáticas no processo de aprendizagem proporciona diversos benefícios para os alunos. Essas tecnologias têm o poder de tornar o conteúdo dinâmico, atrativo e significativo, possibilitando uma abordagem engajadora e interativa, além de aproximar a vivência dos estudantes na concretização dos objetivos pedagógicos.

Explorar a possibilidade de ensinar linguagem cinematográfica em uma perspectiva interdisciplinar que aproxima o fazer científico, utilizando processos de observação, análise, experimentação e comunicação, é promover a inclusão e o protagonismo desses jovens. A interação da sociedade com a ciência, promove uma aprendizagem holística e integrada, incentivando os alunos a explorar novas perspectivas, conectar diferentes áreas do saber e desenvolver competências essenciais para o mundo contemporâneo.

Através de fundamentos da metodologia de ensino para a produção audiovisual, o objetivo do Projeto Semiárido em Tela é incentivar os jovens de ensino fundamental e médio a aprenderem esse conhecimento e paralelamente incentiva-los a

¹ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: camila.gurjao@insa.gov.br.

² Tecnologista Sênior do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: ricardo.lima@insa.gov.br.

³ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: katiucia.beserra@insa.gov.br.

⁴ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: daiana.refati@insa.gov.br.

⁵ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: fernanda.silva@insa.gov.br.

⁶ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: olga.lopes@insa.gov.br.

⁷ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: heloise.monteiro@insa.gov.br.

⁸ Bolsista PCI do núcleo de Popularização da Ciência do Instituto Nacional do Semiárido. E-mail: ione.barbosa@insa.gov.br.



perceber de forma crítica o lugar onde vivem, fazendo pontes com o conhecimento científico.

O Projeto é uma iniciativa do Instituto Nacional do Semiárido - INSA, Unidade de Pesquisa do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI, localizado no município de Campina Grande - PB. O projeto, ligado ao setor de Gestão da Informação e Popularização da Ciência, tem como missão pesquisar, capacitar, registrar e difundir a ciência e a tecnologia por intermédio do cinema, sendo a própria população protagonista na produção de obras audiovisuais. A ação foi iniciada em 2013 em parceria com o Cine Mandacaru na Paraíba.

Nesse cenário, descrevemos aqui a atividade relacionada com a captação de imagens do evento 7ª Semana de Popularização da Ciência no Semiárido/2023, que visou aproximar a educação científica dos alunos, que participaram ativamente da construção de ferramentas midiáticas para fins de divulgação científica.

Na ocasião, trabalhamos com 20 alunos do Ensino Médio do IFAL (Instituto Federal de Alagoas), Campus Piranhas, selecionados através do Núcleo de Arte e Cultura - NAC do Instituto Federal, que ao longo de uma semana participaram da oficina de Audiovisual e de pauta jornalística. Durante a oficina, realizaram a captação de imagens do referido evento, além da gravação de depoimentos, com supervisão da facilitadora de audiovisual e de pauta jornalística. Ademais, editaram o vídeo curto promocional (*AfterMovie*), exibido no encerramento do evento. O documentário posteriormente foi editado e divulgado no *Youtube*⁹.

Nas primeiras aulas práticas, foi solicitado que os alunos fotografassem com tema livre, visando a adaptação com a máquina fotográfica DSLR (Digital Single Lens Reflex), considerando também a aproximação com o cotidiano. Nesta etapa foi observado que, após a adaptação com o equipamento, os alunos exploraram outros campos da criatividade, como a contação de uma história através da fotografia.

Partindo das práticas teóricas do ensino em artes com Ana Mae Barbosa (1991) e Moran (1995), a inserção do vídeo em sala de aula, como uma prática de educomunicação, atua como campo de intervenção social, auxiliando na democratização das mídias e procurando garantir o direito à comunicação, de modo a estimular uma participação juvenil ativa, independente e responsável, que intervenha dentro de sua comunidade e/ou na sociedade de modo geral, agindo ainda, como ponte facilitadora e mediadora na construção de sociedade mais justa e igualitária.

Com base no conceito de Soares (1988, pág. 17) em relação às práticas em educomunicação: “A educação para a comunicação deve oferecer condições para que a comunidade descubra a natureza dos processos de comunicação(...) favorecer o exercício de práticas comunicacionais democráticas e libertadoras.”. Essa descoberta de como a comunicação é feita, além de estimular a capacidade crítica dos alunos, explora os processos como a criatividade e o protagonismo desses jovens com a ferramenta utilizada, fornecendo um produto engajado, funcional e criativo.

Posteriormente ao primeiro contato com a câmera, foram realizadas aulas de técnicas cinematográficas, alfabetização visual, criação de pauta e divisão das funções dentro do cinema. Assim, com o auxílio dos facilitadores, os alunos saíram para a gravação do material, com o propósito de confecção de um documentário de divulgação do evento. Nas aulas finais, os conteúdos foram relacionados com edição,

⁹ Link do documentário <https://www.youtube.com/watch?v=Fdehc5nKHg4>



sendo realizado o primeiro corte do material que foi exibido no encerramento do evento.

Assim, neste projeto construímos com os alunos uma percepção crítica de como a ciência está presente no cotidiano através da democratização do conhecimento, com base em práticas de educomunicação e metodologias de ensino para a produção audiovisual. Entendemos que a atividade de formação, captação de imagens, criação de pauta e edição de vídeo, no contexto de registro do evento de Popularização da Ciência no Semiárido, aproximou a educação científica dos alunos e desmistificou a visão do trabalho do pesquisador quando eles participam da construção de produtos que visam a divulgação científica.

Palavras-chave: Produção de vídeo em sala de aula; Educomunicação; Ensino multidisciplinar; Divulgação científica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos**. 1a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

_____. **Apresentação**. In: *Barbosa, A. M.; Cunha, F. P. (Orgs). A abordagem triangular no ensino de artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-27.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental**. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, SEF, 1998.

FERRÉS, J. Entrevista. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v. 8, n. 2, p. 309-315, mai/ago, 2008

<<https://periodicos.univali.br/index.php/rc/issue/view/123>> acesso em: 09/07/2024.

_____. **Vídeo e Educação**. Tradução Juan Acuña Llorens. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HOFSTAETTER, Andrea. **Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais**. In: *Anais do 24º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Nara Cristina Santos, Ana Maria Albani de Carvalho, Paula Viviane Ramos, Andréia Machado Oliveira (Orgs.). 1. Ed. Santa Maria: ANPAP, 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf> Acessado em 10/07/2024.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAN, J. M. **O vídeo na sala de aula**. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 2, p. 27-35, 1995. disponível em:

<http://www.ufrgs.br/espmat/disciplinas/midias_digitais_II/modulo_I/textos/o%20video%20na%20sala%20de%20aula.pdf> Acessado em 10/07/2024.



PIRES, E. G. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação.** In.: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.1, p. 281-295, jan./abr. 2010. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ep/a/w7hTMM4d6gsYgDRtjscDNVp/?lang=pt> >. Acessado em 09/07/2024.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Para uma leitura crítica da publicidade.** (Educação para a Comunicação). São Paulo: Ed. Paulinas, 1988.

Os levantes de *Parque Industrial*

Pedro Henrique Hara Matoso¹

Georges Didi-Huberman define um *levante* como “um gesto *sem fim, incessantemente retomado*, [...] ‘impulso de liberdade’” (2017, p.17). Esta pesquisa pretende partir deste conceito, aplicado pelo autor à análise de imagens, para realizar uma leitura renovadora de *Parque Industrial* (1933), de Patrícia Galvão (Pagu). No romance, costureiras e operários do bairro do Brás em São Paulo criam consciência sobre a exploração sofrida nas fábricas e acabam por organizar um movimento grevista, duramente reprimido ao final do livro. Todo o caminho desde a retratação das trabalhadoras alienadas e posteriormente a conscientização e a revolta, constituem um levante.

Patrícia Galvão vem recebendo muitas novas edições e coletâneas de textos seus recentemente, muitos deles centrados nas questões femininas abordadas pela autora. Este trabalho, no entanto, não busca tratar do que já vem sendo abordado. É pertinente ler *Parque Industrial*, sem deixar a questão feminina de lado obviamente, pela chave do levante. Afinal, a intenção principal de Patrícia era retratar a luta das trabalhadoras pela reorganização do espaço fabril e até mesmo da sociedade brasileira (machista e racista de berço). Ao mesmo tempo, torna-se justificável abrir espaço para pensar brevemente a greve como levante. Segundo Walter Benjamin em *Para a crítica da violência*, “a classe trabalhadora organizada constitui, ao lado dos Estados, o único sujeito de direito a quem cabe um direito à violência”, no entanto, “no direito à greve não é concedido aos trabalhadores o direito à violência” (2013, p. 128). O direito à greve é garantido pelo Estado brasileiro, está no artigo 9º da constituição vigente. Parece, por outro lado, haver um interesse nacional de desarticulação dos sindicatos e dos movimentos grevistas, o que pode ser visto facilmente a cada greve das instituições de ensino superior federais e estaduais, por exemplo.

O objetivo de uma greve deveria ser subverter a ordem patrão-empregado, burguês-proletário. Sua forma contemporânea, no entanto, acaba por configurar-se como luta por migalhas e criação de tensões dentro da própria classe grevista. A greve deveria reorganizar o sensível, conceito de Jacques Rancière em *A partilha do sensível* (2009). Partindo da leitura de Platão, Rancière escreve: “as práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (p. 17). A ficção, portanto trata sobre a distribuição dos lugares no sensível e fora dele. O que temos em *Parque Industrial*, contudo, é uma ficção que busca, através de levantes, reorganizar e repartilhar o sensível. Ainda que, como dito, as personagens do livro falhem, como escreve Judith Butler em *Levantes*: “a história do levante fracassado pode se tornar uma referência [...] para outros levantes” (2017, p. 31).

Pretende-se também trabalhar com imagens, para além da obra literária. Uma vez que *Levantes*, onde Didi-Huberman explica o conceito de levante, nasce como uma exposição de imagens e mais tarde vira catálogo, o diálogo entre texto e imagem deve ser parte principal do projeto. A busca, já iniciada, por jornais que rodeiam a época da publicação de *Parque Industrial* deve auxiliar a ilustrar como a escritora tinha pouca visibilidade na sociedade da época, à exceção do título de “Musa do modernismo” e inimiga do Estado. A seleção das

¹ Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: pedrohmatoso@hotmail.com.

imagens será feita tendo o termo “levantes” em mente, assim como a exposição de Didi-Huberman. Poderão ser utilizadas imagens do catálogo do autor, porém o objetivo é realizar uma seleção própria.

Para além do já mencionado *Levantes* (2017) e do citado Walter Benjamin, o trabalho busca debruçar-se também sobre a obra de Jacques Rancière em livros como *A partilha do sensível*, *O desentendimento*, *Mal-estar na estética* e *Ódio à democracia*, que auxiliarão as discussões que buscam analisar um levante a partir da literatura. Outro autor fundamental é Jean-Paul Sartre, cujos escritos em *Que é a literatura?* (2019) sobre o engajamento do autor motivaram o surgimento da pesquisa.

Espera-se ao fim da pesquisa, para além da criação de nova coleção de imagens que retratem os levantes de formas variadas, renovar e refrescar a leitura de *Parque Industrial*. No presente cenário de desmoronamento de tudo que levantes (nacionais e internacionais) realizaram, é adequado que uma pesquisa como esta tenha como partida um livro de quase 100 anos. Se ainda falamos dele é porque ele ainda é relacionável. Se é relacionável é porque ainda temos algo a discutir e resolver.

Palavras-chave: Parque Industrial; Levantes; Patrícia Galvão; Greve.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Para a crítica da violência. In: **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013.

BUTLER, J. Levante. In: **Levantes**. Edições Sesc, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. **Levantes**. Edições Sesc, 2017.

GALVÃO, P. **Parque Industrial** (Romance proletário). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.: Ed. 34, 2009.

RANCIÈRE, J. **Mal-estar na estética**. Tradução de Gustavo Chataignier e Pedro Hussak. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora 34/ Editora PUC-Rio, 2023

RANCIÈRE, J. **O desentendimento** – política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SARTRE, J-P. **Que é a literatura?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.